

"Documento dos Nove" COSTA GOMES RECEBE VOTAÇÕES

Foram já entregues ao general Costa Gomes as votações da Região Militar do Norte sobre o «Documento dos Nove». O apoio elevar-se-ia aproximadamente a 65 por cento, com 30 por cento de votos contra e 5 por cento de abstenções.

Entretanto há indícios de que as votações na Região Militar do Centro seguiriam a mesma tendência, sendo as da Região Militar do Sul (segundo um informador fidedigno) «substancialmente diferentes».

Na Força Aérea e na Marinha — é o que julgamos saber — as votações teriam sido impedidas por determinação dos respectivos Estados-Maiores. Ai o documento circula apenas, mas não para qualquer escrutínio.

Outra indicação fidedigna diz respeito à proveniência militar do apoio: os votantes operacionais seriam, regra geral, desfavoráveis, os não operacionais favoráveis.

Na Região Militar de Lisboa o documento foi rejeitado pela quase totalidade dos votantes.

De Coimbra chegou-nos uma crítica sobre o modo como teria sido votado ali o «Documento dos Nove»: a alternativa posta em diversas unidades limitar-se-ia ao apoio a dar (ou não) ao comandante da Região Militar, brigadeiro Franco Charais.

Outra crítica, esta feita genericamente, refere o descontentamento de oficiais perante votações não precedidas de discussão do documento. É assim que na Força Aérea e na Marinha se prevê discussão e, mais, se chegar a haver vo-

tações elas far-se-ão no âmbito dos órgãos legalmente eleitos, concretamente as assembleias.

Elementos preponderantes do M.F.A. fizeram-nos chegar este reparo, que aqui damos, textual, na boca de um deles:

«Não se discutir, não se analisar em profundidade o documento antes da votação, só serve para lançar a confusão e a divisão, para além de pretender significar que dentro das Forças Armadas tem cabimento o jogo eleitoralista. Esse é um erro grave.»

Os números parciais oscilam entre o apoio maciço e o repúdio não menos maciço: 89,5 a favor do documento no Comando Territorial da Madeira, 200 votos contra e somente dois a favor no Batalhão de Caçadores 3 (Bragança). Neste último caso — garante uma fonte militar — a votação nem sequer acabou por ser considerada válida por ter sido feita pelo sistema de braço levantado.

Noutros casos regista-se equilíbrio entre apologistas e críticos do documento. Exemplo: no Quartel-General da Região Militar do Norte a vantagem dos primeiros ter-se-ia cifrado em apenas 22 votos (com 20 abstenções).

COSTA GOMES COM CUNHAL

Entretanto o Presidente da República recebeu hoje em audiência o secretário-geral do P.C.P. e ex-ministro sem pasta, Álvaro Cunhal. O encontro foi em Belém, onde havia comparecido ontem, igualmente a pedido do general Costa Gomes, o secretário-geral do P.S.

dências» que rodeiam o aparecimento deste texto veremos com nitidez o seu papel:

— No dia anterior, Melo Antunes e outros signatários reuniram-se no M. N. E. com o secretário-geral e outros elementos do P. S.:

— Enquanto o documento começa a circular nos meios militares para recolha de assinaturas, o «Jornal Novo», publica-o à mistura com um título falso, «para dar mais peso»: OTELÓ NÃO SIGNATÁRIO — MAS APOIA;

— Ao mesmo tempo, o secretário-geral do P. S. em carta-aberta, incita o Presidente da República a não dar posse ao novo Governo e a tomar o poder com o apoio do P. S.;

— Na manhã do mesmo dia, a direcção do C. D. S., em conferência de imprensa, defende posições idênticas ao documento e ao secretário-geral do

Continua na pág. 4

na Dinamizadora da Armada CRITICADO O "DOCUMENTO"

Num documento-análise distribuído largamente pelas unidades da Armada, o Centro Dinamização e Esclarecimento da Armada critica violentamente chamado «Documento «Melo Antunes», classificando-o como «uma tentativa de congregar militares contra-revolucionários e alguns hesitantes para um objectivo que surge claramente na última página: derrubar a actual equipa dirigente e parar a revolução». O Centro de Dinamização e Esclarecimento da Armada denuncia ainda reuniões entre os nove oficiais com Mário Soares e outros dirigentes do P. S.

Dada a importância para o esclarecimento da actual situação política, e uma vez que já foi hoje tornado público num semanário, transcrevemos esse documento na íntegra:

1. Apreciação geral

O documento dos dissidentes é um texto pleno de generalidades e lugares comuns idênticos aos divulgados nos últimos tempos pelas direcções do C. D. S., do P. P. D. e do P. S.. De facto, não apresenta qualquer proposta concreta de sinal positivo, ou seja, é um documento que tem como função opor vazias formulações pseudo-científicas críticas aos reais avanços já efectivados ou pro-

gramados da revolução portuguesa para o socialismo.

Portanto, não é, como muitos querem fazer crer, uma contra proposta de acção governativa. É sim uma tentativa de congregar militares contra-revolucionários e alguns hesitantes para um objectivo que surge claramente na última página: derrubar «a actual equipa dirigente» e parar a revolução. Tal e qual o que se tentou com o abaixo-assinado de Agosto de 74.

Se apreciarmos as «coinci-

"O MENINO DE SUA MÃE"

Oito meses depois da proclamação do cessar-fogo por parte da Ala Provisória do IRA (Exército Republicano Irlandês), a violência volta a devastar o sacrificado território da Irlanda do Norte. Católicos e protestantes divididos por uma frágil «linha de paz» entre Shankill Road e Falls Road em Belfast envolveram-se em desordem. Do tiroteio resultou a morte duma criança de quatro anos.

A foto testemunha a violência dos recontros.



LISBOA SEM LEITE

«Lisboa bebe por dia 120 mil litros de leite. Acontece, no entanto, que neste momento estão a ser consumidos unicamente 90 mil litros. Por consequência, há muita gente que não consegue comprar sequer um litro de leite.»

Estas palavras são do chefe de Secção da Distribuição de Lisboa e Arredores (Vital de nome).

Esta falta de leite assenta no facto de o leite enviado do norte ser de má qualidade, rejeitando-o os compradores.

De acordo com o sr. Vital, procedem de Oliveira de Azeméis 40 mil litros; de Tocha, o mesmo quantitativo; de Vagos, 14 mil; e de Portalegre, 7 mil. Precisamente das três primeiras localidades «é que o leite vem estragado».

Assim, «Lisboa bebe presentemente 90 mil litros de leite», e isso porque «se recorre a Mafra que nos fornece 20 mil litros de leite.»

Segundo a mesma fonte de informação, esta situação arrasta-se desde o dia 19 do corrente, «prevendo-se que melhor no próximo dia 16».

«São os fregueses que rejeitam o leite, abandonando as garrafas no blacão, e não há dúvida que têm razão.»

«UM CERTO DESCUIDO DOS CLIENTES...»

Na opinião do Supermercado Modelo de Campolide, há duas espécies de leite: aquele cuja validade é de três meses e aquele cuja validade é de 48 horas.

«Este segundo leite, como é óbvio, corre o risco de adulterar-se caso quem o compre não o meta no frigorífico ou o deposite num local fresco. E há muita boa gente que não tem esse cuidado...»

Dai, pois, nos estabelecimentos de venda de leite, uma ou outra reclamação.

Semelhante falta de cuidado, no entanto, não invalida a má qualidade do leite vindo do norte. «Mas a verdade é que o descuido das pessoas também estraga o leite...»

SINTRA: DE 20 PARA 8 MIL

Um arredor de Lisboa: Sintra.

Palavras do responsável do posto abastecedor do concelho: «O leite tem diminuído imenso. Há quatro anos, recebíamos

Continua na pág. 20

EM VIRTUDE DE SER FERIA-
DO AMANHÃ NÃO SE PUBLICA
O «DL»

20 PÁGINAS



ROMAGEM AO TÚMULO DE JAIME CORTESÃO

Um grupo de amigos de Jaime Cortesão foi hoje em romagem ao cemitério dos Prazeres, onde repousam os restos mortais do historiador e escritor, assinalando desta forma o 14.º aniversário do seu falecimento.

Oriundo de Ançã (n. Abril de 1884), Jaime Cortesão deixou a memória de um lutador antifascista desde as primeiras horas da Ditadura Militar, que o mandaria por 20 anos para o exílio. Tendo regressado a Portugal em 1957, no ano seguinte, septuagenário já, era preso pela razão simples de ter apoiado a candidatura de Humberto Delgado para a Presidência da República. Pouco tempo sobreviveria a esse último opróbrio.

Anker Joergensen

É IMPORTANTE QUE HAJA LIBERDADE EM PORTUGAL

Liberdade, eis o que Anker Joergensen, primeiro-ministro dinamarquês considera importante que haja em Portugal — feito um balanço às afirmações — por ele presididas ontem, no decurso de uma conferência de Imprensa, antes de regressar a Copenhaga e no termo de uma visita de três dias que acabava de realizar a Portugal. Liberdade, liberdades, especificando, algumas, por exemplo: liberdade política, liberdade de Imprensa, liberdade sindical. Joergensen não referiu a liberdade económica, mas é evidente que um dirigente social-democrata — nós sabemos o que pode pensar a esse respeito.

«Sinto que o povo português não quer sair de um regime ditatorial para uma outra ditadura» — disse o primeiro-ministro dinamarquês. Joergensen gostou do povo português: «é vivo e cheio de inspiração». Quanto à situação política no nosso país, considera-a «confusa»; «mas — disse — simultaneamente sinto que grande parte do povo português sabe o que quer e para onde quer ir.»

A propósito do incidente ocorrido anteontem na Lisnave (ver abaixo), lembrou que fora operário, trabalhando em estaleiros. Referiu-se com muito agrado ao encontro que teve com o general Costa Gomes. Falou do M. F. A. — o M. F. A. é uma organização grande — disse — mas existem diferenças ideológicas dentro dele. Estou convencido de que existem pessoas no Movimento das Forças Armadas que de-

fendem a verdadeira democracia». Sobre o auxílio possível ao que chamou a democracia portuguesa disse que «o mais importante é exprimir o apoio moral».

Hcive ainda uma referência às asperas críticas de que a sua visita a Portugal foi objecto por parte do Partido Comunista da Dinamarca. Joergensen lembrou: «O Partido Comunista da Dinamarca não representa mais do que três ou quatro por cento da população dinamarquesa. Não compreendo que um dirigente do Partido Comunista Dinamarquês criticasse a minha visita a Portugal, uma vez que ele também já cá esteve».

JOERGENSEN NA LISNAVE

Anker Joergensen esteve ontem na Lisnave. A visita à Lisnave estivera prevista para o dia anterior e Joergensen deslocou-se à Margueira com uma comitiva de que fazia parte, entre outros, Francisco Marcelo Curto, destacado membro do P. S. Operários dos estaleiros («comunistas e outros», diria Mário Soares e um nosso prezado colega de Lisboa) impediram Marcelo Curto de entrar e Joergensen também não entrou (solidário, uma vez que se encontrava em Portugal a convite do P. S.). Entretanto, a visita de ontem efectuiu-se, mesmo com Marcelo Curto. Esperava-se um comunicado do Conselho de Trabalhadores da Lisnave a explicar o que se passou, mas, até à data, ainda não houve qualquer explicação acerca dos acontecimentos.

Geral ANGOLA

M.P.L.A. convidado a retirar de Luanda

LUANDA, 14 — (especial para o «DL») — Apesar da calma que continua a pairar sobre Luanda, reinam grandes incertezas na capital angolana, face à carência de alimentos, que provoca intermináveis bichas à porta dos restaurantes, que apenas conseguem fornecer refeições a uma pequena parte dos seus clientes. Ao mesmo tempo, colunas de automóveis formam-se junto às estações de abastecimento, aguardando os seus condutores oportunidade de obterem os dez litros de gasolina a que têm direito. Grandes aglomerações registam-se também junto aos bancos da capital, com centenas de pessoas tentando levantar dinheiro, operação que se tornou agora difícil depois de uma recente medida condicionando os saques, decretada pelo ministro das Finanças, Sayr Mingas, que a sim pretende evitar a fuga constante de capital.

Em Luanda não permanece um único elemento da U.N.I.T.A. Quanto à F.N.L.A., mantém ainda dois representantes: Samuel Abrigada e Graça Tavares.

Quanto à carência de gasolina, não só em Luanda como no resto do território, fontes bem informadas atribuem o facto a pressões internacionais, dando como exemplo a recusa de diversos petroleiros e butaneiros em desembarcarem as suas cargas. Segundo aquelas fontes, tal recusa teve na origem o desejo das companhias proprietárias dos navios em que os combates entre a F.N.L.A. e o M.P.L.A. cessassem, o que só poderia beneficiar o

primeiro destes dois movimentos.

COMBATES NO LOBITO

No Lobito a situação apresentava-se esta manhã bastante tensa, desenrolando-se combates desde as 5 horas de hoje. A cidade está virtualmente paralisada, sem abastecimento de água e de luz.

As últimas informações indicavam que o resultado da luta parecia tender para o lado das forças da F.N.L.A. e da U.N.I.T.A., que, a exemplo do que vem acontecendo noutros pontos, também ali se aliaram contra o M.P.L.A. Este, estaria a solicitar refúgio nos quarteis portugueses, presumindo-se que os seus elementos possam ser evacuados em breve do Lobito.

SITUAÇÃO EM NOVA LISBOA

Enquanto prossegue a retirada de trinta mil refugiados portugueses, completa-se também a evacuação dos elementos das F.A.P.L.A., bem como de cerca de dois mil militantes do M.P.L.A. Alguns destes elementos foram retirados para Luanda, como é o caso do ministro Manuel Rui, enquanto outros seguiram para Benguela, cidade onde, após violentos recontros entre o M.P.L.A. e a U.N.I.T.A., o primeiro destes movimentos ficou em inteira posse da cidade.

PEDIDA RETIRADA DO M.P.L.A. DE LUANDA

Confirmam-se notícias de que o M.P.L.A. teria sido con-

tactado no sentido de retirar de Luanda, com o intuito de se criar ali uma zona de paz que permitisse a recepção de refugiados em melhores condições. O M.P.L.A. opõe-se contudo à sua saída, alegando que os dois outros movimentos rivais continuam a dominar várias cidades do país, sem que a sua retirada tenha ainda sido exigida.

NOVO GOVERNO NO EXÍLIO PARA CABINDA

KINSHASA, 14 — (R/FP) — Luís Ranque Franque, presidente da Frente de Libertação de Cabinda (F.L.E.C.), declarou a independência do enclave português em 1 de Agosto passado, nomeou um Governo de 17 membros, anunciou a agência noticiosa A.Z.A.P., do Zaire.

Cabinda, até aqui considerada uma parte integrante do agitado território de Angola, é, na realidade, um enclave rico em petróleo e outros minerais situado entre o Rio Congo e o Zaire.

A declaração de Franque, feita numa conferência de Imprensa em Campala, na altura da reunião da Organização da Unidade Africana (O.U.A.), naquela cidade pareceu ter pouco efeito prático. Os rivais movimentos de libertação angolana são contra a sua secessão e mantêm forças naquele território.

Pensa-se que o Zaire deseja que seja concedida a auto-determinação a Cabinda como

parte das devoluções portuguesas em África, enquanto o presidente Marien Ngouabi, do Congo, se manifestou contra qualquer solução imposta no enclave.

A agência noticiosa do Zaire dizia que o Governo de Franque, compreendendo 12 ministros e cinco secretários de Estado, incluía as seguintes nomeações-chave:

Primeiro-ministro: Francisco Xavier Lubota; ministro da Defesa e Segurança: coronel Jean da Costa; ministro do Interior: Albert Ngoma; ministros Negócios Estrangeiros: Charles Sumbu Pena.

A apresentação da primeira equipa governamental — no exílio — de Cabinda teve lugar em Kinshasa, na presença de Luís Ranque Franque.

Representantes do Governo zairense, alguns diplomatas e uma multidão de refugiados de Cabinda, assistiram à apresentação da nova equipa ministerial, chefiada por Francisco Xavier Lubota.

Recorda-se que um outro Governo Revolucionário Provisório de Cabinda foi constituído há um mês, em Paris por Nzita Henriques Tiago, vice-presidente da F.L.E.C. A legitimidade desse Governo provisório — igualmente no exílio — não foi reconhecida por Luís Ranque Franque.

Este primeiro Governo Revolucionário Provisório de Cabinda (G.R.P.C.) qualificou de «Governo minoritário, fantoche e impopular» o gabinete cuja constituição foi agora anunciada em Kinshasa.

TIMOR

Incidentes provocam mortos e feridos

Permanece extremamente confusa a situação em Timor, onde segundo comunicado da Presidência da República, ontem divulgado, se registaram incidentes em Dili, e no interior, os quais causaram já mortos e feridos. As notícias provenientes daquela colónia portuguesa são vagas e por vezes contraditórias, aguardando-se a chegada daquela cidade do major António João Soares, ali enviado em missão da Presidência da República.

É o seguinte o teor do comunicado da Presidência:

«Não há vítimas entre os metropolitanos nem entre os estrangeiros residentes no território de Timor, informou telefonicamente o Governo local às 14 h. Lisboa.

As evacuações voluntárias de cerca de 300 pessoas, (familiares de militares e civis e alguns estrangeiros de Dili), foi já feita por via marítima em navio que chega a Darwin na manhã do dia 14. A evacuação similar das povoações do interior vai começar a processar-se.

A situação política de Timor começa a clarificar-se, mas não está ainda resolvida.

O Governo mantém a sua posição de arbitragem do fenómeno político e procura levar os partidos à construção de uma plataforma de entendimento, que permita superar a crise e evitar um conflito generalizado.

Lamenta-se que os incidentes até agora ocorridos, em Dili e no interior tenham causado já alguns mortos e feridos entre as populações locais.

A situação em Dili mantém-se bastante tensa, estando

encerrados os estabelecimentos comerciais e repartições oficiais.

Toda a população demonstrou vontade evidente de resolver a crise, apelando para as Forças Armadas, o que deixa esperanças de ainda se conseguir uma solução política com auxílio dos partidos.

REFUGIADOS CHEGAM À AUSTRÁLIA

DARWIN, 14 — (R. — Um cargueiro ido de Timor, cujos recentes acontecimentos deixaram vários mortos ou feridos, segundo anunciou o Governo de Lisboa, chegou hoje a este Porto do Norte da Austrália, com 272 refugiados a bordo — 249 portugueses, 15 australianos, quatro ingleses, três japoneses e um brasileiro.

Todos pareciam muito bem dispostos homens, mulheres e crianças debruçavam-se sobre a amurada do barco para conversar com os jornalistas que foram ao encontro do cargueiro «Macdili» quando entrou no Porto de Darwin.

Um australiano, Gordon Shannon, contou que tinham largado de Dili na terça-feira ao meio-dia — dois dias depois da UDT (União Democrática de Timor) ter tomado instalações estratégicas no território, em apoio de reivindicações de independência.

«O Exército Português apareceu e disse-nos que partissemos» — gritou aos jornalistas. Disse ter ouvido tiros mais tarde na capital, embora não houvesse vistos sinais de violência.

Outros passageiros australianos declararam que a cidade estava relativamente calma quando saíram de Dili, na terça-feira.

O dirigente da FRETILINI, José Ramos Horta, que se encontrava na Austrália a preparar um livro quando da acção da UDT, disse aos jornalistas que conhecia alguns dos refugiados, não pertencendo nenhum deles ao seu partido.

Os passageiros serão autorizados a desembarcar depois

de serem submetidos a uma inspecção médica. Espera-se que uma parte apanhe em Darwin o avião para Lisboa.

Os que permanecerem nesta cidade ficarão alojados no paquete fretado grego «Patris», ancorado aqui desde Fevereiro para dar provisoriamente guarida a algumas das pessoas que perderam as suas habitações durante o devastador ciclone que assolou Darwin, no Natal passado.



O Coliseu faz 85 anos

A maior casa de espectáculos de Lisboa e também, talvez, a de maiores tradições na capital, o Coliseu dos Recreios, faz hoje 85 anos, continuando a honrar a fama que o seu primeiro proprietário — António Santos — lhe deu, fama essa que Ricardo Covões e Américo Covões souberam depois prestigiar e manter.

post scriptum

Ouvir a BBC à força

Um leitor do «DL» escreveu uma carta publicada no jornal do dia 9 do corrente sob o título OUVIR a B.B.C. à força.

Perante a surpresa e admiração daquele leitor, ocorre-me tecer algumas considerações que talvez ajudem a compreender melhor o fenómeno. Embora *à priori* pareça paradoxal, a verdade é que factos como o relatado são uma consequência de haver agora em Portugal uma total liberdade de Imprensa, e uma total liberdade política, dado que já não há censura nem polícia política.

Esta nova situação adquirida com o 25 de Abril, inverteu totalmente a situação política anterior ao 25 de Abril, durante a qual em virtude das trevas fascistas que tornaram Portugal uma prisão sem grades e um campo de torturas para o povo, esse mesmo novo escravizado e violentado não tinha outro recurso senão ligar o rádio para as emissoras estrangeiras onde às escondidas ia ouvindo algumas notícias que os meios de informação da burguesia capitalista e reacçãoária controlavam despoticamente.

Depois do 25 de Abril sucede o contrário, isto é, o povo trabalhador deste país gozando agora de amplas liberdades democráticas já não precisa de ouvir essas emissoras, tanto mais que o povo sabe quem domina e controla os meios de informação da burguesia capitalista dos países imperialistas da Europa e América, e portanto são consideradas muito justamente emissoras inimigas da nossa Pátria e do nosso povo.

E assim se explica como a nossa burguesia reacçãoária só agora começou a ouvir essas tais emissoras, agora que já goza das tais liberdades democráticas e portanto pode fazê-lo sem risco de ser presa pela polícia política que não há. E então toca de ouvir as emissoras do seu agrado, que são sem mais nem menos do que as que estão ao serviço dos seus interesses de classe, a classe exploradora, que durante meio século manteve e apoiou a existência da censura e da P.L. D.E. em Portugal.

Portanto, o que sucede agora é que os «veraneantes do charuto» da Costa da Caparica andam chateados com as mudanças operadas em Portugal por «solidariedade» com os seus colegas estrangeiros, calçam as suas patrióticas pantufas e toca a ouvir as «mentiras e calúnias dos intervencionistas estrangeiros, alimentando saudosamente a esperança de um volte-face, que lhes restitua o mando da prepotência e da exploração, mesmo que seja em troca da libertação dos pides e do regresso da censura.

O comportamento dessa gente é coerente com a sua posição de classe, e está conforme os seus obscuros e invios sentimentos antinacionais e antipopulares, sentindo agora a «sua Liberdade» ameaçada e voltando-se cobardemente para uma salvadora ajudinha do estrangeiro, tudo isto muito patrioticamente, porque é bom não esquecer que a Pátria sempre foram «eles». Uma Revolução Socialista? Era o que faltava...

Qualquer semelhança entre estes veraneantes e a reacção fascista é pura coincidência, tanto mais que como todos sabemos já não há fascistas em Portugal depois do 25 de Abril...

A. Soares — Lisboa

Pois pois!

Pois depois dos tantos pois
que extremamente depois
dos tantos pois pois que antes
pelo grande construtor mandados
construir haviam sido
e depois dos tantos outros (pois pois, pois!)
nomeadamente
quer dizer digamos e outros tais e quais
consumos
que depois de tanto consumidos
consumados ainda não foram
eu aqui perguntar te venho
se tu responder ; souberes
QUANTOS
desde o mais maxi
astro
até ao menos mini
istro (e isto
ao mais alto e ao mais baixo
nível evidentemente)
na Rádio na Radiotelevisão e nos outros
possíveis
órgãos da informação
fundamentalmente disseram
recitaram locutaram (QUANTOS?)
PORTANTOS PORTANTOS PORTANTOS?

P.S. — QUANTOS pá?

Mário Marinho — Torrão do Alentejo

A ÍNDIA EM ESTADO DE EMERGÊNCIA — III PARTIDO DOMINANTE E PODER PESSOAL

Por GÉRARD VIRATTE

A proclamação do estado de emergência, feita pela senhora Gandhi no dia 26 de Junho, foi o desfecho de uma crise prolongada. Daí em diante, os direitos fundamentais deixaram de ser respeitados e a Imprensa está amordaçada.

Nova Deli — «Nos sabíamos que o sistema era um mito, que a democracia não era o regime que convinha a um país em vias de desenvolvimento como o nosso, mas animava-nos. Ficou provado com a morte de Nenru que uma personalidade, por muito forte que seja, não era o suficiente para salvar a nação, e que as instituições ainda eram mais importantes», acentua um observador indiano. Essas instituições, que eram o orgulho dos indianos e fizeram com que o país fosse considerado «a maior democracia do mundo», a filha de Nehru acaba de espezinhá-las. Criou-se uma situação», ganharam-se hábitos, com os quais não será fácil voltar atrás. O poder, aliás, ainda não disse que era essa a sua intenção. «Isto nunca mais será como dantes» aceita-se em geral.

«Antigamente» a democracia era o privilégio duma classe dirigente, evoluída, minoritária, que beneficiava do apoio popular e impunha a sua lei e a sua concepção da sociedade à maioria da nação. «A classe dirigente pensava, até agora, que o que era bom para ela, era bom para o povo», observa um escritor, como paráfrase duma publicidade da General Motors.

Poder-se-á dizer que o povo é soberano, quando o peso das castas — que representam, em certos casos, as diferenças de classes — as relações entre as comunidades religiosas, linguísticas, a dinâmica do partido no Poder, e os meios exagerados face aos dos adversários que ele utiliza durante as campanhas eleitorais, uma propa-

ganda intensa, particularmente a radiofónica, influenciaram a escolha de eleitores muitas vezes subalimentados? Quando numerosos parlamentares se conduzem como pequenos potentados nas suas circunscrições e se preocupam menos em dar contas aos seus mandatários do que em tirar o máximo de rendimentos durante uma legislatura? O sistema parlamentar era uma caricatura, e sabia-se que estava em crise desde há vários anos. Mas este sistema, desde a independência em 1947, estava submetido à dominação de um movimento que se conduzia como partido único, cuja composição socioeconómica pouco mudou. Representa numerosas camadas da sociedade e mais ou menos todos os interesses económicos, se bem que os meios mais desfavorecidos, o proletariado urbano e rural, uma grande parte de pequenos proprietários e rendeiros, praticamente não apareçam nas suas fileiras, embora façam parte dos seus eleitores. Foi raramente apoiado por mais de metade do eleitorado.

Os membros do Partido do Congresso na sua maioria afastaram-se da senhora Gandhi. Diferentes tendências — não se pode falar de ideologias — se opõem, afrontam, neutralizam, ou se destroem no seio do Partido do Congresso. Ele é ao mesmo tempo maioritário e a oposição. Mas em vinte e oito anos de Poder pouco mudou o seu programa a sua organização e os seus quadros. Quando toma medidas progressistas pretende arvorar uma fachada «radical» para ganhar votos. Desde que a filha de Nehru chegou ao Poder, o carisma e o «populismo» do primeiro-ministro têm prioridade sobre a acção das estruturas. Ele é o melhor trunfo do partido. «O Partido do Congresso tornou-se um mestre na técnica de ganhar eleições ao mesmo

tempo que a técnica de governar o país» escrevia no princípio do ano o sr. J. D. Sethi, professor na escola de ciências económicas de Deli. (I)

O Partido do Congresso é largamente responsável pela crise. A indignação manifestada pela oposição, da esquerda, responde ao descontentamento das massas que verificaram a distância entre as promessas e as realidades, e traduz o sentimento de frustração dessa oposição face à hegemonia arrogante do Partido do Congresso e a concentração cada vez mais apurada do Poder nas mãos de uma só pessoa.

A SENHORA GANDHI: UMA «OUTSIDER» INQUIETA?

A senhora Gandhi lutou obstinadamente nos últimos dez anos para impor o seu domínio sobre o partido e o Governo. Em Fevereiro de 1966 chegou ao poder graças aos sábios «mágicos» do partido. Eles pensavam que ela seria um primeiro-ministro dócil. Secundada nessa altura por um Kitchen Cabinet, de alguns ministros, dava a impressão de que a Índia possuía uma direcção colectiva. Em 1969 ela afasta os homens que a impulsionaram, mas os que lhe são fiéis formam ainda um «super-cabinet». Somente em 1971, depois do seu triunfo eleitoral e antes da sua vitória contra o Paquistão, no Bangladesh, ela começa a agir por conta própria.

Possui mais poderes do que outrora Nehru. Nenhuma forte personalidade parece disputar-lhe a autoridade. Os membros da «velha guarda», Jagjivan Ram, Y. B. Chavan, Singh, trocam de lugares em

cada remodelação ministerial, mas não estão a par de todas as confidências. Os chefes de Governos regionais antigamente eram escolhidos pelas comissões locais do Partido do Congresso. Daqui em diante é o primeiro-ministro quem escolhe a maior parte. A senhora Gandhi chama a si alguns serviços de polícia e as informações, demite sucessivamente vários ministros, Gulzaril Nanda, Morarji Desai, Dinesh Singh, Mohan Dharia, e impõe por duas vezes o seu preferido para a presidência da República. Vê-se, graças à crise actual, a importância que tem o facto de o presidente da União ser uma personalidade de submissão e apagado.

Fkrudhin Ali Ahmed, infeliz ministro da Indústria e depois da agricultura. Consideram-no, diz-se em Deli, como um Rubber Stamp (um selo de borracha), um testa-de-ferro, que parece ter assinado sem pestanejar os decretos sobre o estado de emergência.

Antes do 26 de Junho a autoridade sobre o partido — cujo presidente é nomeado por ela — e sobre o Governo é incontestável. Apesar de todos os poderes de que dispõe e da relativa estabilidade do país, a senhora Gandhi no entanto não consegue vencer a crise económica social e política. O subterfúgio de 26 de Junho terá sido destinado a esconder esse revés? A par das explicações políticas que não satisfazem completamente, devem ter-se em conta os factores psicológicos.

«A ideia de que ela era invencível e indispensável foi posta em jogo», no Allahabad e no Goudjerat, escrevia um semanário indiano nos meados de Junho. Brâmene, a senhora Gandhi não consente que a sua autoridade seja dis-

Continua na pag. 18

MENOS ARMAS FRANCESAS PARA PRETÓRIA

É um gesto de alcance limitado, mas em todo o caso, um gesto a que Giscard d'Estaing fez agora em direcção à África, ao anunciar no termo da sua visita ao Zaire, que a França cessará as entregas ao regime de Pretória de armas «continentais e aéreas» susceptíveis de serem utilizadas para impor o racismo às populações negras. Vindo da parte do primeiro fornecedor militar da África do Sul e a poucas semanas da abertura da sessão da ONU, este gesto permitirá que Paris se veja menos assediado pelas críticas que tradicionalmente lhe valem no hemisfério internacional as suas boas relações com o governo de Vorster.

Esta decisão tras, no entanto, a marca dum certo oportunismo, no que se parece com outros gestos feitos pelo chefe de Estado noutros domínios. O seu alcance é limitado porque a maior parte dos armamentos que caem sob a alçada daquilo que em Paris ninguém ousa

apelidar de embargo, são já fabricadas sob licença pelas fábricas sul-africanas. Além disso, os contratos já concluídos serão cumpridos. Finalmente as perspectivas mais importantes de vendas futuras eram sobretudo os materiais navais, que não são objecto de nenhuma restrição. Como escreve o «Daily Nation», de Nairobi decisão «chega demasiado tarde, muito depois de a França ter não só armado a África do Sul mas também de lhe ter fornecido meios de ser ela própria a fabricar as suas armas».

A impressão de oportunismo sobressai do contexto em que se inscreve esta decisão e também da maneira como ela foi anunciada. Giscard d'Estaing referiu-se-lhe em vários tempos, levando a crer primeiro durante a sua conferência de Imprensa que se trataria dum embargo quase completo, depois revelando as reservas e as limitações postas ao seu gesto durante encontros mais ou menos confidenciais com

vários jornalistas. Além disso a decisão ocorre num momento em que frutuoso contratos de cooperação militar se desenhavam com diversos países da África Negra. É precisamente o caso do Zaire que está prestes a converter-se num importante cliente das indústrias francesas de armamento dado em especial que a força aérea francesa vai formar toda a aviação militar zairense.

Tudo se passa como se, depois de ter equipados quase até à saturação o cliente sul-africano, a França se voltasse mais francamente para os mercados do «outro campo». Quanto ao mérito político do gesto, não parece ser excessivo: a França limita-se não só a seguir (com muito atraso) as outras potências ocidentais — os E.U.A. impõem um embargo efectivo sobre as vendas de armas à África do Sul desde 1963 — como ainda enceta uma viagem no momento em que o regime de Pretória, em perda de velocidade e de «credibilidade» procura abrir um diálo-

go com os Estados negros moderados.

Finalmente e sobretudo as afirmações do presidente da República Francesa mais credibilidade se não tivessem sido já feitas, mais ou menos nos mesmos termos, por vários governos franceses nestes últimos anos. Em 1962, Pompidou — então primeiro-ministro, distinguira já entre as «as pesadas» e os materiais utilizáveis em operações de manutenção da ordem, sobre os quais recaia uma proibição de venda. Esta posição foi reafirmada em 1963, depois em 1969, por Michel Debré, então ministro da Defesa. É certo que até 1970 a França vendia aviões e helicópteros, o que não será agora o caso. Mas o menos que pode dizer-se é que teremos de esperar algum tempo para vermos se esta nova promessa implicará uma verdadeira mudança de política, como se passou após o embargo imposto a Israel.

(«Le Monde»)

Nacional

POSIÇÃO DA DINAMIZADORA DA ARMADA

Continuação da pág. 1

P. S., e propõe que seja revisto o Pacto M. F. A.-Partidos e que o P. S. seja encarregado de formar Governo.

2. Socialismo

Diz-se no documento "... a partir sobretudo das eleições gerais para a Assembleia Nacional Constituinte, a via para o Socialismo passou a ter carácter irreversível" (pág. 2).

De facto, os subscritores escamoteiam tudo o que foi a dura luta pela democracia e pelo socialismo antes do 25 de Abril e durante o 1.º ano da Revolução. Para eles as vitórias do POVO e do M. F. A. sobre todos os contra-revolucionários no golpe Palma Carlos, na crise de Agosto de 74, no levantamento colonialista de Lourenço Marques, no 28 de Setembro, no 11 de Março, não são dignas de menção como passos irreversíveis para o socialismo.

Mas aquele elogio das eleições para a Assembleia Constituinte (à qual chamam disfarçadamente Assembleia Nacional Constituinte) e estes acham que "o desmantelamento de meia dúzia de grandes grupos financeiros e monopolistas" (pág. 2) é coisa pouca: que as nacionalizações pelo menos ao ritmo praticado, são até um mal: que seria desejável a manutenção do "tecido social e cultural pré-existente" (o fascismo) (pág. 2); que a decomposição das estruturas do Estado (fascista) não é desejável (pág. 3). E vem então a grande descoberta destes "lapalisses" de esquerda: o socialismo contrai-se com a "estratégia alternativa da formação de um amplo e sólido bloco social de apoio a um projecto nacional de transição para o socialismo".

Portanto: — Desmantelamento dos monopólios? É pouco. — Nacionalizações? Mais devagar.

— Tecido social e cultural do fascismo? Manter. — Destruição do aparelho de estado fascista? Não é desejável. Os bons socialistas deixam sempre gritar: Abaixo o Socialismo! Viva o Socialismo!

3. Reacção

No entender dos subscritores não existe, nem nunca existiu, nenhum contra-revolucionário. O que há são erros dos revolucionários.

Os ataques bombistas, a violência fascista, das últimas semanas pondo de rastos o direito da reunião, de livre expressão de pensamento, de associação, têm como "causa profunda" erros de direcção política e "desvios graves de orientação no interior do próprio M. F. A.". Que é isto senão a protecção descarada dos fascistas e contra-revolucionários de toda a espécie que semeiam o terror no distrito de Braga, de Aveiro e de Leiria, nos Açores e na Madeira? Que é isto senão a tese do secretário-geral do P. S. de que "quem semeia ventos colhe tempestades", tese que dá cobertura aos ex-legionários e "clps" que fizeram os últimos atentados terroristas?

4. A crise económica

Aproxima-se o momento mais agudo de uma crise económica gravíssima, cujas consequências não deixarão de se fazer sentir no nível de uma ruptura, já iminente, entre o M. F. A. e a maioria do Povo por-

agões.

Uma afirmação deste teor torna-se tanto mais estranha quanto provém de um elemento que chefiou um grupo de trabalho que, ao fim de cerca de três meses de árduo trabalho, elaborou o famoso Plano Económico-Social de Emergência, também chamado "Plano Melo Antunes/Rui Vilar". Esse plano, elaborado para um período de 3 a 5 anos, a ser posto em prática, manteria intacto o poderio económico, e consequentemente político, dos grandes grupos monopolistas, nacionais e estrangeiros. Que medidas concretas tomou a equipe Melo Antunes/Rui Vilar para evitar a agudização de crise económica?

Aliás os subscritores esquecem-se de apontar aqueles que trabalharam e trabalham afanosamente para conseguir o caos económico. Esquecem-se de falar na sabotagem dos banqueiros e dos grandes agrários. Esquecem-se de falar nos fascistas que sangram as reservas de divisas do nosso povo, exportando clandestinamente capitais (v. último comunicado do Banco de Portugal). Esquecem-se igualmente das pressões económicas e boicote dos países capitalistas, do imperialismo.

E o que propõem: reforço e aprofundamento das nossas relações com certos espaços económicos (C. F. E., E. M., T. A.), aqueles mesmos a quem Salazar e Caetano hipotecaram o País. Que jogo é este senão o dos monopólios europeus e americanos?

Uma última pergunta: em que se distingue a análise alarmista do documento, das de Spínola, de Sá Carneiro e de Vieira de Almeida feitas na Manutenção Militar em Junho de 74?

5. Meios

de Comunicação Social

Sobre os meios de comunicação social, particularmente os nacionalizados, os signatários retomam as acusações do secretário-geral do P. S., após a saída de Raul Rego e Sanches Osório do Ministério da Comunicação Social, quanto ao "rígido controlo partidário que sobre eles se exerce", como de costume, nem uma só palavra contra a imprensa fascista que intoxica os espíritos de milhares de portugueses, em particular na província. O melhor desmentido não será a ampla e profusa difusão que o "documento dos dissidentes" ou "documento de Melo Antunes" teve nos meios da comunicação social?

Como se isto não fosse já bastante, foi-se ao cúmulo de preparar um projecto de diploma que, ao instituir uma "comissão de Análise" (e porque não comissão de censura?). Será que os signatários se esquecem que, para a concretização do P. A. P., o Conselho da Revolução de que fazem parte e onde na altura nada disseram, pediu ao M. M. C. S. a elaboração de tal projecto de diploma? Ou será, antes, que defendem e desejam que, em nome das "liberdades", as forças contra-revolucionárias, os exploradores do nosso Povo continuem a expressar-se sem qualquer entrave?

6. A independência Nacional

Os "apartidários" subscritores reclamam e lutam por uma autêntica independência nacional (tanto política como económica) (pág. 7).

Neste combate têm o aplauso expresso das forças fascistas, conservadores e sociais-democratas (C. D. S., P. P. D. e P. S.) e de grupos pseudo-revolucionários da ultra-esquerda (A. O. C., "O Grito do Povo"). Foi certamente com o objectivo de expressar a concordância e apoio da A. O. C. que o dirigente Guinote se encontrou no Restelo, no passado dia 9 de Agosto, com alguns dos signatários.

Qual a razão porque as forças conservadoras e reacçãoárias apoiam a política de "autêntica" independência nacional proposta por Melo Antunes? Porque sabem que não passa de uma frase bonita e demagógica que esconde intuítos totalmente diferentes. Que o diga a actualização governativa tanto de Mário Soares como de Melo Antunes no M. N. E. Que o digam as embaixadas comerciais dos países socialistas que se têm deslocado a Portugal. Que o diga a Argélia e demais países árabes interessados em estabelecer intercâmbio comercial e realizar investimentos em Portugal.

Ao reclamarem a "autêntica independência nacional", simultaneamente, pregam o respeito do contexto geo-político e estratégico em que nos encontramos, isto é, defendem a continuação de Portugal na órbita do imperialismo. Gato escondido com rabo de fora!

7. A descolonização

As referências feitas no "documento dos dissidentes" ao problema da descolonização, em particular Angola, são pelo menos ambíguas. Esta ambiguidade mais se avoluma com as declarações proferidas ao D. N. de 9 de Agosto de 1975 por um dos signatários, major Vítor Alves.

Defenderão, tal como o fez o ex-gen. Spínola, um acordo preferencial com os "movimentos de libertação" lacaios do imperialismo e em particular com a F. N. I. A.? Os subscritores não terão nenhuma responsabilidade no processo de descolonização? Ou preparam-se para abandonar o barco no momento difícil?

8. O M. F. A. e o Poder

O M. F. A. só teve aceitação universal enquanto aparelho autónomo de produção política e ideológica.

Esta frase revela o completo afastamento da realidade dos subscritores. Para eles o M. F. A. caiu do céu, feito "pelo espírito e pelo coração" de um punhado de oficiais. O M. F. A. não tem nada a ver com a luta de classes, não tem nada a ver com a longa luta do Povo português contra o regime fascista. Estava acima de tudo e

de todos.

Para os signatários, esta situação é que o M. F. A. se viu "enleado" nas manipulações politiquieiras. Terá sido quando tomou posição pela unidade sindical contra o pluralismo defendido, simultaneamente por forças fascistas e fascistas e por forças conservadoras (P. P. D.) e sociais-democratas (P. S.). Para estes senhores, a história do M. F. A. sintetiza-se em dois períodos: um primeiro afastado das lutas de classes, mantendo-se puros, puríssimos: um segundo "enleado" nas manipulações partidárias.

Em outro ponto, referem-se "ao mar encapelado de decisões arbitrárias de uma 5.ª Divisão do E. M. G. I. A., de uma Assembleia do M. F. A., de Assembleias de militares "ad-hoc" reunidas imprevisivelmente e misteriosamente, de Gabinetes de Dinamização, do Conselho da Revolução, do Copcon, se sindicatos, etc".

Que é isto senão o pôr em causa toda a acção desenvolvida pelos órgãos do M. F. A. desde o 25 de Abril? Que distingue estes ataques do M. F. A. dos desencadeados pelo ex-gen. Spínola em 1974? Quem diz isto pode ainda falar em nome do Conselho da Revolução e do M. F. A.? Por quanto tempo?

A clarificação deste problema (questão de poder) é tarefa prioritária. Esta é a grande verdade do documento.

Essa clarificação passa pelo afastamento dos postos de decisão dos elementos que procuram dividir o M. F. A., as massas populares e todas as forças progressistas, que procuram, enfim, impedir a caminhada do Povo português para o socialismo, que é o que faz por exemplo, o major Vítor Alves quando declara ao "D. N." que não existem condições para a implantação do socialismo em Portugal.

Passa pela decapitação da contra-revolução a nível militar e civil e pela criação de um sólido poder revolucionário que leve a bom termo as ingentes tarefas nacionais.

Mais tarde, um porta-voz do Comando Operacional do Continente, acrescentaria que o documento irá, a partir de agora, transitar por todas as unidades do País, à semelhança do que sucedeu com o "Documento dos Nove", para ser discutido. "Contudo, essa divulgação não se destina a recolha de assinaturas ou coisa parecida", esclareceu. Eram 22 horas quando terminou a reunião e o comandante do COPCON saiu acompanhado pelo capitão Vasco Lourenço. Dai que ora se afirme que os oficiais do COPCON e os "Nove" têm pontos de contacto...

As palavras do major Campos Andrade, acerca da eventual divulgação das duas moções em plenário da P. M. de que é comandante, proferidas quando no O. G. entravam Salgueiro Maia e os maiores Germano Miquelina Simões e Tomé (Força Aérea), foram confirmadas ao princípio da madrugada, na altura em que era enviada à imprensa o texto das moções, repudiando, uma, o "Documento Melo Antunes" e, outra, apoiando sem reservas a proposta do COPCON.

As palavras da primeira moção: "Considerando que, na sua generalidade, o documento do COPCON se lança definitivamente no caminho certo de transporte do Poder para os trabalhadores, o documento do



NO QUARTEL-GENERAL DE LISBOA: DISCUTIDO DOCUMENTO DO COPCON

Durante cerca de 11 horas (das 9 e 30 às 22), mais de meia centena de oficiais analisaram em pormenor a "Proposta de Trabalho para um Programa Político", da autoria de alguns oficiais do Comando Operacional do Continente e de unidades da Região Militar de Lisboa (R. I. O. Q. e RALIS entre outras), no qual participaram elementos, em função da especialidade militar que desenvolvem. Presidiu o general Otelo Saraiva de Carvalho no Quartel-General da R. M. L., em S. Sebastião da Pedreira.

Aspecto que concitou as atenções da legião de jornalistas portugueses e estrangeiros ali presentes — a maioria dos quais já ali se encontravam desde as primeiras horas da madrugada — foi a chegada do capitão Vasco Lourenço, que vinha participar dos trabalhos. O mesmo se não poderá dizer relativamente dos brigadeiros Franco Charais e Pizarat Correia.

A importância de que se revestia a reunião está fundamentalmente implícita na forma como os oficiais que ali se dirigiram procuraram escapar às perguntas dos jornalistas e, quando isso não era possível, pelo modo como contornaram muitas das questões postas de harmonia com a acuidade e gravidade da situação.

Mais tarde, um porta-voz do Comando Operacional do Continente, acrescentaria que o documento irá, a partir de agora, transitar por todas as unidades do País, à semelhança do que sucedeu com o "Documento dos Nove", para ser discutido.

"Contudo, essa divulgação não se destina a recolha de assinaturas ou coisa parecida", esclareceu.

Eram 22 horas quando terminou a reunião e o comandante do COPCON saiu acompanhado pelo capitão Vasco Lourenço. Dai que ora se afirme que os oficiais do COPCON e os "Nove" têm pontos de contacto...

As palavras do major Campos Andrade, acerca da eventual divulgação das duas moções em plenário da P. M. de que é comandante, proferidas quando no O. G. entravam Salgueiro Maia e os maiores Germano Miquelina Simões e Tomé (Força Aérea), foram confirmadas ao princípio da madrugada, na altura em que era enviada à imprensa o texto das moções, repudiando, uma, o "Documento Melo Antunes" e, outra, apoiando sem reservas a proposta do COPCON.

As palavras da primeira moção:

"Considerando que, na sua generalidade, o documento do COPCON se lança definitivamente no caminho certo de transporte do Poder para os trabalhadores, o documento do

COPCON foi aprovado na sua generalidade, enquanto os militares, revolucionários do M. F. A. apoiarem, como é seu dever, os avanços da classe trabalhadora".

A outra moção, relativa ao "Documento dos Nove":

"Considerando que, numa altura em que a classe operária e o Povo vêm impondo profundas derrotas à classe burguesa, um documento chamado "dos Nove" ou Melo Antunes" mais não visa do que preparar o terreno para que a burguesia recupere o Poder, que cada vez mais lhe vem fugindo e crie as manobras que têm desencadeado os golpes fascistas e os contragolpes levados a cabo pelo P. C. P. que, com total cumplicidade do M. F. A. ajudaram a preservar.

"Considerando ainda que mesmo surgindo o documento da parte de militares ainda há pouco solidários com o M. F. A. e também eles responsáveis pelas medidas antipopulares que se têm vindo a tomar depois do 25 de Abril, os soldados não têm que se atrelar a posições burguesas que visam domesticar a classe operária para melhor a oprimir e explorar: todos os militares sargentos e praças reunidos em plenário de unidade denunciaram o carácter burguês do citado documento como poema de salvação da burguesia ainda que lhe reconheçam uma virtude de criticar abertamente o controlo das massas populares pelo P. C. P."

Entretanto, no final da reunião, foi distribuído aos órgãos da Comunicação Social o seguinte comunicado:

1 — Realizou-se no Quartel-General da Região Militar de Lisboa, no dia 13 do corrente, a habitual reunião semanal de trabalho presidida pelo comandante do COPCON general Otelo Saraiva de Carvalho, que contou com a participação dos comandantes das regiões militares do Norte, Centro e Sul, brigadeiros Corvacho, Charais e Pizarat Correia e respectivas representações.

2 — No decorrer desta reunião, foram tratados assuntos de rotina de carácter político-militar e discutida uma "proposta de Trabalho para um Programa Político", elaborada por um grupo de oficiais afectos ao COPCON.

3 — A reunião que possibilitou o debate franco e aberto de problemas que no momento actual dominam o País, permitiu o reforço da unidade que é necessária para a obtenção de objectivos comuns, considerando-se como prioritário o esforço para a reconquista das massas populares para a Revolução que é a de mecanismos que façam executar determinações ou leis revolucionárias postas em vigor para a reafirmação do binómio M. F. A.-Povo necessário à vitória da Revolução portuguesa.

O "DOCUMENTO DO COPCON"

A SITUAÇÃO ACTUAL

1. A situação a que o País chegou, em consequência da incapacidade verificada a todos os níveis em resolver os problemas concretos que se têm deparado aos órgãos de poder, desencadeou uma degradação económica geral com o inevitável acentuar do desequilíbrio entre zonas urbanas e zonas rurais, e a zona industrial de Lisboa e outras zonas industriais menos desenvolvidas. O acentuado dirigismo e tentativas de controle do aparelho de Estado por parte dos partidos, com especial realce do PCP, levou alguns militares com responsabilidade no processo revolucionário a apresentar um documento que se afirma destinado a clarificar a actual conjuntura. Na prática resultou maior confusão, dadas as evidentes ambiguidades contidas no citado documento.

2. Em face disto, torna-se indispensável clarificar, de facto, a situação actual, pelo que, deste modo, manifestamos ao País a nossa posição perante o assunto, por considerarmos que compete ao MFA reconhecer os erros até agora cometidos, denunciando, sem tibiezas, as suas causas.

3. A degradação da situação económica, e respectivas implicações sociais e políticas, para amplas massas populares, deve-se sobretudo, à falta de definição de uma linha política objectiva, e de um programa governamental consequente, não se achou um conjunto de medidas económicas capaz de substituir o vazio criado pela desagregação da estrutura capitalista existente, e mantiveram-se por outro lado, todas as dependências em relação ao imperialismo, com todas as consequências, tais como: fecho de fábricas, fuga de divisas, desemprego, pressões políticas descaradas sobre a nossa soberania.

4. O operariado das cidades e dos campos bem como largos sectores de empregados de serviços, apoiados nas suas organizações de classe e numa rica tradição de luta têm conseguido uma defesa mais eficaz da sua situação económica contra o aumento do custo de vida, ainda que seja o sector mais afectado pelo alastramento do desemprego.

5. Embora amplamente divulgada a criação de estruturas e políticas de apoio a pequenos e médios comerciantes e industriais, constatou-se a sua total ineficácia, verificando-se que, pelo contrário, a sua situação foi consideravelmente agravada devido ao aumento de impostos e outros encargos.

6. Os pequenos e médios agricultores do Norte e Centro do País têm visto a sua situação agravar-se constantemente desde o 25 de Abril, face ao aumento do custo de vida, dos materiais e produtos indispensáveis à lavoura, acrescido da dificuldade no escoamento e comercialização dos seus produtos. Não se organizou o comércio interno, eliminando a especulação dos intermediários, e criando uma rede de distribuição que facilitasse a circulação do produtor ao consumidor, com benefícios para ambos. São, sem dúvida, os pequenos e médios agricultores quem presentemente sofrem mais agudamente os efeitos da degradação económica.

7. No campo da assistência, não se fizeram chegar à província os meios materiais e humanos capazes de responder minimamente às mais prementes necessidades das populações.

8. No entanto, desenvolveram-se junto das populações rurais campanhas de esclarecimento e dinamização, que por au-

sência de uma preparação prévia adequada, não respeitaram, muitas vezes, as características socioculturais do meio onde se desenvolveram, cometendo, em alguns casos, autênticas violências à consciência e hábitos das pessoas. Estas campanhas, apoiadas em verbalismos despidos de significado para quem eram dirigidas, foram, na maioria dos casos, prejudiciais, pois não foram acompanhadas de quaisquer medidas concretas capazes de demonstrar ao povo que o objectivo era a real melhoria das suas condições de vida.

9. Verifica-se a existência de um clima de desânimo e descrença das populações, desmotivando-as para a Revolução de que são as principais e directas interessadas. As causas deste facto são, fundamentalmente, as seguintes:

a. A substituição das administrações fascistas das autarquias locais foi feita, na maioria dos casos, por elementos da pequena e média burguesia local afectos ao PCP — MDP/CDE, que se revelaram incapazes de solucionar os principais problemas existentes;

b. A concessão de benefícios pelas Ligas de Pequenos e Médios Agricultores, cuja criação foi ao encontro de um antigo anseio destas classes, foi alvo de um critério de favoritismo relativamente aos seguidores da linha política das pessoas que dominavam as respectivas ligas;

c. As comissões Liquidatárias dos antigos Grêmios de Lavoura foram totalmente ineficazes, não tendo liquidado, até à presente data, coisa alguma, seguindo, no aspecto da concessão de benefícios, critérios idênticos aos referidos no caso das Ligas de Pequenos e Médios Agricultores.

A constatação desta realidade e o crescente descontentamento consequente tem sido explorado pela reacção, que manobrando e instrumentalizando este justíssimo desagrado, conseguiu provocar uma escalada de violência contestatória, levando as populações a uma oposição aberta ao MFA, por o identificarem com a linha política responsável por esta situação.

10. A realização das eleições nas condições em que se efectuaram, veio contribuir para confundir o povo quanto aos instrumentos que podia utilizar para controle do aparelho de Estado e do Poder, dado que:

— A estrutura burguesa em que a sociedade portuguesa estava e está organizada não permitia, como não permite, que a consciência revolucionária seja levada às mais simples massas populares;

— Numa estrutura burguesa, do voto universal só uma coisa pode resultar... burguesia;

— Numa estrutura burguesa são os partidos burgueses e reformistas que têm os meios financeiros para fazer chegar a sua voz a todo o País;

— Numa estrutura burguesa não há tentativa de debate e resolução dos problemas concretos, mas apenas demagogia política feita de jogos de palavras, destinada a intoxicar e confundir o povo, que ao cabo de 48 anos de fascismo não estava em condições de distinguir esses jogos de palavras.

Tem de se reconhecer um forte grau de responsabilidade ao M.F.A., por ter feito das eleições um ponto de honra, aspecto este bem explorado por forças interessadas neste tipo de eleições.

11. A inoperância de QUATRO GOVERNOS PROVISÓRIOS não é só fruto do dirigis-

Embora já largamente divulgada, a «Autocrítica Revolucionária» oriunda de um grupo de oficiais do Copcon mantém ainda toda a sua importância, razão por que a publicamos hoje na íntegra depois de lhe termos dedicado, nas nossas edições de ontem, o resumo analítico que nos cabi fazer face ao compromisso assumido para com aquela instância militar.

«Leitora» cerrada do País sócio-político, o texto formula também um projecto que vem sendo, à vez, considerado como alternante ao «Documento dos Nove» ou como seu complemento. Aliás, reunido de ontem no Quartel-General da Região Militar de Lisboa ter-se-ia saldado por uma aproximação de pontos de vista entre redactores e apologistas de ambos os projectos. Observadores vêem neste facto a hipótese de um desfecho singular para o futuro próximo do processo revolucionário português.

Eis, portanto, a «Autocrítica», chamada em subtítulo «Proposta de Trabalho para um Programa Político».

mo que o PCP tentou impor, infiltrando-se no aparelho de Estado e nos órgãos de comunicação social, pois o PS, PPD e MDP/CDE, que neles estiveram presentes, compartilham das responsabilidades que, hoje, procuram despidoradamente escamotear. Dos partidos à direita do PS, incluindo as cúpulas deste, não se pode esperar mais de que a tentativa de travar e inverter a marcha do processo revolucionário, por forma a garantir os privilégios da alta burguesia e a exploração desenfreada dos trabalhadores.

12. A insistência do M.F.A. em procurar resolver as contradições através de soluções de compromisso, negociadas com partidos burgueses e a cobertura que vem dando a manobras partidárias, provocam o descrédito perante os trabalhadores.

ANÁLISE DO DOCUMENTO

1. Mas a solução da presente situação, pela qual é altamente responsável o MFA, não será encontrada com paleativos de direita, como propõe o documento que leva a esta tomada de posição. Não será certamente a manutenção de coligações no governo que permitirá avançar na construção do socialismo. Não é rejeitando conjuntamente a social-democracia, o capitalismo de estado, a democracia popular, e as conquistas das classes trabalhadoras que se permitirá a estas vir a assumir a condução do processo, ou tão só, consolidar as posições já alcançadas. A proposta apresentada conduzir à recuperação pela direita abrindo a este campo de manobra para a destruição da revolução, mau grado as intenções democráticas e patrióticas, na mente dos subscritores do documento.

2. A perspectiva económica apresentada de reforço de laços com a CEE e a EFTA, reforçará a sugestão do País a uma vergonhosa dependência económica-financeira e política, pois quem ainda tivesse ilusões quanto aos seus desígnios, perdeu-as completamente com as últimas exigências apresentadas para a concretização da «ajuda financeira a Portugal».

Revitalizar a iniciativa privada através do investimento maciço de capital financeiro estrangeiro, traduz-se na perda pura e simples da INDEPENDÊNCIA NACIONAL. Não basta, para mascarar tal desastre, dizer que também se deve comerciar com o Terceiro Mundo e os países de Leste. Nem é abrindo as portas ao imperialismo que se conseguirá levar a cabo uma descolonização correcta dos territórios ainda sob administração portuguesa e também vítimas de exploração imperialista.

3. Não é assumindo uma posição supra partidária, sem demarcação em relação aos partidos de direita que se recuperará a credibilidade pois afirma-se pretender construir o socialismo e não alcançar uma democracia

burguesa mas ainda capitalista, o que obviamente acontecerá. Como pode um projecto denominar-se de esquerda quando escamoteia o papel das massas e recusa a acção das suas vanguardas?

Como se pode «criticar» o ritmo das nacionalizações?

Será mantendo nas mãos da burguesia a posse dos meios de produção que estes serão postos ao serviço do povo?

Como se pode ignorar o caciquismo e o papel da luta de classes na sua destruição?

Como se pode apelar para a concórdia sem distinguir exploradores de explorados?

4. Concretizando esta fase da análise crítica do documento refere-se o ponto fundamental, que não foi compreendido ou foi esquecido pelos seus subscritores. Trata-se do ponto fulcral da luta política actual e se refere ao crescendo da actuação do fascismo. Elementos concretos demonstram que o fascismo abandonou as cautelas defensivas para se lançar deliberadamente na ofensiva, através de actuações violentas aparecendo descaradamente à luz do dia.

Historicamente está demonstrado que personalidades moderadas que pretendem despoletar acções violentas do fascismo por meio de posições conciliatórias, são as suas primeiras vítimas, ou, noutros casos, se transformam nos opressores das massas que pretendem libertar.

PROPOSTAS

1. Um programa revolucionário para solução da situação tem de passar, antes de tudo, pela realização do projecto de aliança M.F.A.-Povo, o qual garante a direcção dos trabalhadores na resolução dos seus problemas. Sem esta participação o socialismo é impossível. Há pois que pôr de pé uma estrutura de organização de massas populares, pela constituição e reconhecimento de conselhos de aldeias, de fábricas e de bairros, que sejam os órgãos através dos quais os trabalhadores possam tomar decisões no sentido de resolver os seus próprios problemas. Estes organismos de poder dos trabalhadores terão que ser um instrumento para as soluções económicas, para o planeamento social (escolas, hospitais, habitação, transportes), terão que ser, enfim, os verdadeiros órgãos do poder político, única barreira capaz de se opor vitoriosamente à agressão fascista e imperialista.

2. As soluções económicas para este país, têm de passar por uma alteração da estrutura, fazendo uma reconversão da economia no sentido de um total apoio efectivo à agricultura, de modo a que rapidamente venha a produzir uma muito maior quantidade de bens alimentares, cuja compra no estrangeiro neste momento, é um dos factores do nosso déficit na balança de pagamentos. Para tal, é necessário planificar a agricultura, fazendo uma revolução agrária, de acordo com a vontade expres-

sa pelas Assembleias de Aldeia e outros órgãos de vontade dos pequenos e médios agricultores e, no Sul, geridas pelos trabalhadores rurais, democraticamente eleitos, tendo umas e outras apoio financeiro e técnico que garanta a sua rentabilidade e condições de vida para os camponeses, que os aproximem cada vez mais dos operários da cidade.

3. Devem criar-se mecanismos que permitam o apoio efectivo e imediato aos pequenos e médios comerciantes e industriais, desenvolvendo ao mesmo tempo condições que fomentem o associativismo e cooperativismo.

4. Por outro lado Portugal tem de acabar com a dependência em relação ao imperialismo, dependência essa que é a causa da actual crise económica.

Tem, pois, de deixar de depender financeira e tecnologicamente em relação aos países imperialistas, mesmo que para isso se tenha de suspender ou reconverter indústrias que foram implantadas no nosso país para explorarem a mão-de-obra barata dos trabalhadores portugueses.

Neste sentido há que cessar também com a sugestão à CEE e EFTA, que têm praticado uma política de chantagem em relação a Portugal. Enveredando por uma política económica de verdadeira independência nacional, o nosso país poderá então:

a) Alinhar com os países do Terceiro Mundo, privilegiando a cooperação com as antigas colónias portuguesas, em termos novos de igualdade e fraternidade;

b) Manter e estabelecer relações comerciais com todos os países do Mundo numa base de reciprocidade e vantagens mútuas.

Nestas condições o nosso país ficará em posição de poder vencer o bloqueio do imperialismo, pelas contradições internas deste, um dos quais é a opinião pública dos respectivos países e, principalmente, a solidariedade das respectivas classes trabalhadoras e para os povos do Terceiro Mundo, para quem o nosso processo revolucionário constitui enorme esperança e factor de unidade e luta.

5. O problema das centenas de milhares de desempregados deverá ser resolvido pela planificação económica, no sentido do pleno emprego. Para tal há que criar postos de trabalho na agricultura e na construção civil.

Temos consciência que a reconversão da economia posta nestes termos, o início de uma planificação socialista, a independência em relação ao imperialismo e a política de pleno emprego, trarão grandes dificuldades e grandes sacrifícios, mas estes tem de ser partilhados por toda a gente. Não se pode pedir que sejam só os trabalhadores a suportá-los. Neste sentido há que baixar muito o ordenado máximo nacional, o que vai tirar privilégios a certas camadas minoritárias da população.

6. Em relação à habitação há que definir uma política justa, que atacando frontalmente os grandes proprietários que fizeram da especulação o seu modo de vida, defenda os pequenos proprietários que através de rendimentos aceitáveis conseguem garantir a sua subsistência e dos seus familiares. Relativamente a este problema há que estabelecer um limite para rendas, entrando em linha de conta com a localização, tipo de construção, número de assoalhadas, etc. As comissões de moradores terão um papel decisivo no estabelecimento do critério adoptável.

7. Quanto ao problema da SAÚDE há que socializar a Medicina, garantido a prestação de

serviços médicos na província, incluindo os meios técnicos e humanos das Forças Armadas. Como medida complementar terá igualmente de se proceder à nacionalização da indústria das especialidades farmacêuticas, regulando o seu fabrico de modo a condicionar o elevadíssimo número de medicamentos que apenas se diferenciam pela marca eliminando deste modo as grandes despesas publicitárias actualmente existentes, que oneram extraordinariamente os seus custos.

8. Em relação ao ENSINO têm que ser garantidas condições para que haja realmente ensino básico para toda a gente, sendo o ensino secundário e superior subordinados desde já aos interesses das classes trabalhadoras.

Para além deste programa genérico, aplicável a médio prazo, que deverá ser discutido, corrigido e pormenorizado, com a colaboração de todos os órgãos de vontade popular e militar, entende-se que devem ser tomadas entre outras medidas urgentes: as seguintes

— Abaixamento dos preços dos adubos e compra de produtos agrícolas a preços que garantam remuneração justa do trabalho dos pequenos e médios agricultores;

— Utilização, sempre que necessário, dos meios de transporte das Forças Armadas para escoamento dos produtos;

— Abaixamento dos preços das rações, e garantia de preços justos aos pequenos e médios produtores de gado bovino, caprino e suíno, bem como o de carne de aviário;

— Condicionamento de importação de bens alimentares, sempre que possam ser substituídas por alimentos de produção produzidos no País;

— Garantia de concessão de créditos a juro baixo ou nulo, consoante os casos, em quantitativos capazes de garantir a sua eficiente e reprodutiva aplicação;

— Acção repressiva sobre as Comissões Liquidatárias dos antigos Grêmios de Lavoura e Ligas de Pequenos e Médios Agricultores, sempre que se verifique discriminação política na atribuição de benefícios;

— Criação de condições de apoio técnico e veterinário aos pequenos e médios agricultores e produtores;

— Medidas de emergência em relação aos desalojados de Angola, englobando-os na política geral de pleno emprego, e pleno alojamento, tais como: requisição de estabelecimentos de hotelaria, construção de habitações pré-fabricadas e outras formas julgadas oportunas como soluções, ainda que provisórias;

— Adopção de medidas relativas a crianças e pessoas idosas e inválidas, que vivam em circunstâncias incompatíveis com um mínimo de segurança social;

— Planificação que permita a rápida reconversão em moldes úteis das empresas industriais encerradas como consequência das sabotagens desenvolvidas pelos capitalistas e reaccionários, ou por acção do imperialismo;

— Criação de condições que garantam a segurança física e moral das pessoas no sentido de preservar o direito à propriedade, desde que esta não constitua instrumento efectivo de exploração.

10. Os meios de comunicação social deverão servir este programa, fomentando o debate franco, livre e total, sem reservas de condicionaisismos, destruindo, de uma vez por todas, qualquer forma de manipulação, dentro do princípio fun-

Continua na pág. 13

Nacional

INSTITUTO

ABEL SALAZAR

É COMPLEMENTO DA FACULDADE

Embora tivesse sido criado por portaria de Maio passado, o Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, integrado na Universidade do Porto, só agora é dotado de personalidade jurídica, sendo-lhe atribuído um regime de instalação mais flexível, moldado nas normas que regulam a criação dos novos estabelecimentos de ensino superior. Assim o determina o Decreto-Lei 429/75 agora publicado no «Diário do Governo»: «O Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, é uma pessoa colectiva de direito público, gozando de autonomia administrativa, pedagógica e científica, sem prejuízo das orientações gerais do Ministério ou dos organismos centrais ou regionais encarregados da planificação universitária».

Compete-lhe, por outro lado, «dispensar a preparação básica aos estudantes que se destinam aos cursos médicos ou para médicos do referido Instituto; colaborar na formação dentro do domínio da especialidade a que se dedica, de estudantes que se destinem a cur-

sos que exijam preparação neste domínio; realizar a investigação no sector das disciplinas básicas das ciências biomédicas; organizar cursos de pós-graduação, de reciclagem e de extensão universitária neste mesmo sector; colaborar com serviços e entidades que necessitam de apoio científico ou tecnológico neste domínio, interessando-se na resolução dos problemas que se põem à sociedade portuguesa».

Determina ainda o decreto em referência que o Instituto fica sujeito a um período de instalação com duração de três anos, sendo gerido por uma Comissão Instaladora. Contudo, logo que se der início às actividades lectivas, «e se as circunstâncias o aconselharem» o MEIC poderá, por simples despacho, «determinar que ao Instituto se aplique o regime legalmente estipulado em matéria de gestão de estabelecimentos do ensino superior, sem prejuízo das tarefas de competência específica da comissão instaladora».

SALÁRIOS DE OPERÁRIOS EM DEZEMBRO 1974

De acordo com as últimas estatísticas do INE, relativas a alguns ramos de actividade no continente, particularmente da classe operária no 4.º trimestre do ano findo, o serralheiro mecânico era o operário melhor pago em Portugal, ganhando diariamente cerca de 220\$00. Ainda no ramo metalúrgico, «privilegiados» ainda eram os serralheiros civis e os fundidores, com folha diária «orçanda» respectivamente os 210 e os 200 escudos.

É na tipografia, sector que abrange duas categorias (compositores manuais e impressores), que vamos encontrar a classe que mais se aproxima, em salários médios de alguns ramos de actividade (ope-

rários), auferindo respectivamente, por dia, o mesmo que os serralheiros civis e fundidores e dos serralheiros mecânicos.

Pode dizer-se, ainda de harmonia com a mesma fonte, que não ganham mal os carpinteiros e pedreiros (entre 180 e 200 escudos), os refinadores de açúcar e os broquistas na indústria da cortiça. As mulheres, «escravas do escravo», como sempre, não tem salário igual para igual produção: escapatórios ordenados para as operárias da indústria do açúcar e para as escolhedoras da cortiça, assim-assim para as da borracha e mal, mesmo mal para as restantes. Electricistas, soldadores,

marceneiros, compositores manuais e impressores são os operários que melhor ganham na cidade de Lisboa, onde as mulheres, nomeadamente as tecelãs urdideiras e caneleiras (indústria de fiação), com quantitativos superiores às companheiras da provincia, nem por isso são privilegiadas. O documento INE refere, ainda, o pessoal abrangido nas

diversas indústrias, que vai de cinco engraxadores conserteiros (calçados) — em Lisboa, claro — a 243 costureiras em artigos de vestuário e 269 na fabricação de malhas.

Relativamente ao Porto, que é o barómetro das mesmas actividades, bom nível para tipógrafos, metalúrgicos e encarreteiras (fiação).

EMIGRANTES: VOOS DA T.A.P.

A Secretaria de Estado da Emigração faz um aviso importante a todos os trabalhadores emigrantes radicados em França que utilizaram os voos especiais da TAP para o actual período de férias.

É absolutamente necessário contactar desde já com a TAP no sentido de assegurar o dia certo para a viagem de regresso a Paris. Este cuidado deve-se ao facto de terem sido alteradas as datas dos voos especiais para os trabalhadores emigrantes, que não sofrerão qualquer prejuízo, visto que serão atendidos pelos voos nor-

mais, diários, que se realizam de Lisboa e Porto para Paris.

Esta providência permitirá que todos possam efectivamente regressar a Paris nas datas previstas, de modo a não ultrapassar o prazo de férias, evitando assim um possível problema nos respectivos locais de trabalho.

Este aviso dirige-se especialmente aos trabalhadores emigrantes que chegaram pela TAP antes de 9 de Agosto, pois os que vierem em férias depois dessa data serão directamente avisados, em cada voo, pelo comandante da tripulação, de modo a quando da chegada a Lisboa ou ao Porto, deixarem desde logo marcada, nos balcões da TAP, a data do regresso a Paris.

LAMENTOS DE SPÍNOLA

BRUXELAS, 14 (F.P.) «O apoio concedido pela C.E.E. ao actual regime de Lisboa é um erro, susceptível de fazê-lo inclinar ainda mais para um imperialismo soviético», considerou o general Spínola em declarações prestadas no Rio de Janeiro a um enviado especial do jornal flamengo «Het Belang Van Limburg».

O general Spínola lamenta

«o desvio do movimento de libertação», escreve por outro lado o jornalista belga que conclui nestes termos: «Embora não o tivesse declarado explicitamente, o general Spínola deu a entender que voltaria a Portugal».

Câmara Municipal do Seixal

MOÇÃO

Considerando a onda de vandalismo que nas últimas semanas tem abalado o Norte e Centro do País.

Considerando que esta guerra aberta à Revolução Nacional é da responsabilidade de caciques fascistas e seus lacaios que enganando as massas trabalhadoras têm lançado o povo contra o povo.

Considerando que cada vez mais se torna imprescindível detectar e aniquilar o inimigo comum dos trabalhadores — o fascismo.

Considerando que para concretizar esta luta de vida ou de morte é necessária a unidade, a coesão de todas as forças progressistas interessadas no processo revolucionário.

Considerando que o General Costa Gomes, Vasco Gonçalves e Otelo Saraiva de Carvalho são a expressão de uma sólida unidade, capaz de garantir a irreversibilidade da Revolução, não permitindo divisionismos nem oportunismos prejudiciais aos superiores interesses dos trabalhadores.

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal do Seixal, as Comissões Administrativas das Juntas de Freguesia e Comissões de Moradores do concelho declaram:

- 1 — Apoiar o esforço revolucionário do Directório do Conselho Superior da Revolução;
- 2 — Congratular-se com a nomeação do V Governo, Provisório e de Transição;
- 3 — Repudiar o documento chamado «Melo Antunes» bem como a intenção divisionista de que está impregnado;
- 4 — Exigir que se ponham em prática, decididamente, as medidas adequadas para preservar a Revolução e assim, os verdadeiros interesses das massas trabalhadoras.

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal do Seixal
A Comissão Administrativa da Junta de Freguesia do Seixal
A Comissão Administrativa da Junta de Freguesia de Paio Pires
A Comissão Administrativa da Junta de Freguesia de Arrentela
A Comissão Administrativa da Junta de Freguesia de Amora
A Comissão de Moradores de Fernão Ferro
A Comissão de Moradores da Cruz de Pau
A Comissão de Moradores de Baivas
A Comissão de Moradores de Pinhal das Areias
A Comissão de Moradores de Pinhal do Vidal
A Comissão de Moradores de Arrentela
A Comissão de Moradores de Quinta Manuel André
A Comissão de Moradores de Corroios
A Comissão de Moradores de Seixal
A Comissão de Moradores de Casal de Santo António
A Comissão de Moradores de Quinta do Bonfim
A Comissão de Moradores de Miratejo
A Comissão de Moradores de Santa Marta de Corroios
A Comissão de Moradores de Foguetreiro
A Comissão de Moradores de Bairro das Cavaquinhas
A Comissão de Moradores de Farinheiras
A Comissão de Moradores de Torre da Marinha
A Comissão de Moradores de Alto do Moimho
A Comissão de Moradores de Vale de Milhaços
A Comissão de Moradores de Amora
A Comissão de Moradores de Quinta do Fanqueiro
A Comissão de Moradores de Paio Pires

EXCURSÕES CP

PARTIDAS DE LISBOA

• MINHO E PENEDA-GERÊS

3 DIAS — Partidas todos os sábados até ao fim de Setembro

Hotel de 1.ª; Ceia e arraial minhoto em quinta dos arredores de Viana do Castelo; Piquenique em pleno Parque do Gerês; e outros atractivos.

Lisboa - 1.520\$00 Coimbra - 1.340\$00 Porto - 1.120\$00

• VISEU E VALE DO VOUGA

Agosto: 17/18 — 31 e 1 Set.º

Alojamento no melhor Hotel de Viseu (4 estrelas) e visita às mais afamadas terras do Vouga: S. Pedro do Sul, Termas de S. Pedro do Sul, Vouzela, etc.

Lisboa - 950\$00 Porto - 890\$00

• URGEIRICA — LORIGA — LUSO

Agosto: 10/11 — 24/25

Hotel em Caldas da Felgueira; Loriga e os seus miradouros, em plena Serra da Estrela; Seia, Buçaco e Luso.

Lisboa - 890\$00 Porto - 830\$00

• FESTAS DA SR.ª DA AGONIA, EM VIANA

Agosto: 15/16/17/18

Grande festa de folclore; Passeio e piquenique no Rio Lima; Ceia regional; Espectacular serenata de fogo de artifício no rio, etc.

— Alojamento em Hotel de 1.ª (Viana do Castelo).
Lisboa - 1.950\$00 Coimbra - 1.690\$00 Porto - 1.440\$00

• FÉRIAS PORTUGUESAS

ALGARVE — BEIRA ALTA — MINHO

— Partidas diárias

COMBOIO (1.ª cl.) e HOTEL — Preços desde:

Albufeira	450\$00	Viana do Castelo	600\$00
Lagos	890\$00	V. P. de Ancora	770\$00
Portimão	810\$00	Urgeirica	850\$00
Praia da Rocha	860\$00	Viseu	780\$00
Faro	910\$00	Guarda	920\$00
Quarteira	790\$00	Covilhã	690\$00
Monte Gordo...	690\$00	Penhas da Saúde	690\$00

PROGRAMAS DESCRITIVOS E INFORMAÇÕES:

— Lisboa: Estações de Lisboa-Rossio e St. Apolónia
— EGT — Rua do Arsenal, 124 — T. 367529
— AGÊNCIAS DE VIAGENS

AUTOMÓVEIS DESAPARECIDOS

Nos últimas 24 horas desapareceram nada mais nada menos do que 30 automóveis, cuja relação damos a seguir. Para compensação, no entanto, a P. S. P. recuperou no mesmo espaço de tempo também nada mais nada menos do que 25.

CL-64-65-Austin; DC-84-96-Austin 1100; LF-56-53-Austin; MLF-54-17-Austin 1300; DL-65-01-Datsun 1200; EG-96-64-Datsun 1200; IM-13-50-Datsun; BF-58-50-Fiat 850; EL-85-83-Fiat 124; BR-37-25-Fiat; B-6022-BB-Fiat 127; AG-73-92-Morris Mini 1000; BF-49-92-Morris; FA-84-38-Morris; BB-37-78-Cortina; CB-75-91-Cortina; DF-85-11-Cortina; FH-37-53-Cortina; FI-94-48-Ford; BR-64-14-Cortina; KY-3809-Ford 1700; 260-DD-92-Ford Taunus; 7460-RG-21-Ford Taunus; GI-25-33-Citroen; AL-62-58-MC; FE-485-Hilman; CR-90-54-Honda; HN-86-19-Simca 1000; DC-56-63-Volkswagen 1300; DD-89-40-Volkswagen.

A C. P. INFORMA:

ALTERAÇÃO AO HORARIO DOS COMBOIOS DA LINHA DA BEIRA BAIXA

Por motivo de conclusão dos trabalhos de renovação da via entre Pampilhosa e Mortágua, são feitas as seguintes alterações, a partir do dia 21 de Agosto de 1975:

Comboio n.º 1211 com partida de Coimbra às 11-55 h e chegada a Santa Comba Dão às 13-11 h. Restabelecida a sua marcha no percurso compreendido entre aquelas duas estações.

Comboio n.º 1321 com partida de Pampilhosa às 17-33 h e chegada à Guarda às 21-08 h. Restabelecida a sua circulação em todo o trajecto.

Comboio n.º 315 com partida de Pampilhosa às 18-45 h e chegada à Guarda às 21-37 h. Restabelecida a sua marcha no percurso compreendido entre as duas citadas estações, deixando, porém, de efectuar paragem nas estações de: Luso-Buçaco, Oliveira - Cabanas, Canas-Felgueira, Contendas, Fornos de Algodres e Pinhel.

BROTHER

MÁQUINAS DE TRICOTAR



uma sensacional criação japonesa. A máquina que tem recursos para a ajudar a ganhar dinheiro. Peça uma demonstração sem compromisso aos representantes:

ELECTRIPOERTO

R. Rodrigues Sampaio, 193
Telefone 20238 — PORTO

Em Lisboa: R. dos Anjos, 21-A — Telefone 532251

Consulte o Agente da sua localidade. Se não o encontrar, escreva-nos.

NAS FRAGATAS DO TEJO:

TRABALHO A MAIS PARA UNS SUBEMPREGO PARA OUTROS

Enquanto diversos navios esperam há vários dias no Tejo a sua vez de serem descarregados, causando ao Estado um prejuízo diário da ordem dos 200 contos, cerca de 250 trabalhadores de cargas e descargas no rio encontram-se em situação de sub-desemprego e em perigo de desemprego total. Trata-se dos empregados das pequenas embarcações, cuja actividade é praticamente nula, devido ao «açambarcamento» de duas empresas monopolizadoras, e cujos proprietários encaram já a hipótese de mudar de vida.

Esta situação, que há um mês foi objecto de uma exposição infrutífera ao ministro dos Transportes, voltou a ser debatida num plenário de trabalhadores e pequenos proprietários, realizado ontem.

Os pequenos proprietários, em número aproximado de 4 dezenas, comunicaram aos trabalhadores que no próximo mês talvez não tenham possibilidades de lhes pagar os salários. Desde há quatro meses em paralisação quase total — em que o trabalho chega a resumir-se a duas ou três jornadas — têm conseguido efectuar pagamentos integrais que lhes custam cerca de 20 contos mensais. Mas, neste momento, por falta de actividade, e porque só dela extraem receita, a situação é desesperante.

Por que falta o trabalho? Segundo foi denunciado na mesma reunião as duas grandes empresas Socarmar e Tráfego



e Estiva, em estreita ligação, monopolizam praticamente toda a actividade. Mas então, uma vez que aumenta o movimento nestas empresas, os trabalhadores não poderiam arranjar ali emprego? Ora, acontece tanto uma como outra mantêm um número de empregados inferior àquele que seria correcto. Há fragatas que funcionam com 2 homens, quando a sua capacidade é para 4. Es-

ta diferença é compensada por horas extraordinárias, que permitem aos empregados receber no fim do mês três vezes o valor do ordenado. É assim que os patrões compram a fidelidade desta meia dúzia de trabalhadores, dividindo-os dos restantes, a quem nem o mínimo para sobreviver está garantido.

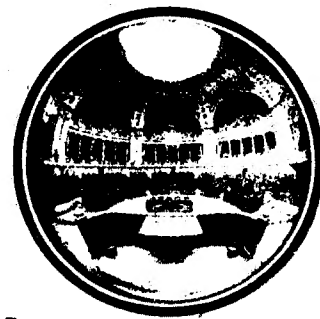
Tanto as comissões de trabalhadores destas duas empre-

sas como a Direcção do Sindicato dos Trabalhadores da Navegação Fluvial foram acusadas de pactuar com os patrões, desprezando os direitos dos restantes trabalhadores do rio.

É de salientar que, dos antigos administradores, uns fugiram para o estrangeiro por alturas do «28 de Setembro», outros foram afastados por suspeitas de ligações com o «11 de Março». Mas não foram suprimidos os processos de exploração que utilizavam.

SOLUÇÃO: UMA COOPERATIVA

As decisões do plenário visam acautelar se ainda for possível, os interesses dos pequenos proprietários e dos trabalhadores à beira da inactividade total, e impedir a sua derrocada definitiva. Eis alguns dos pontos da proposta aprovada: constituir uma comissão mista de trabalhadores e pequenos proprietários; envidar todos os esforços para a formação de uma cooperativa evitar qualquer tipo de conflitos com os camaradas trabalhadores das empresas rivais e pedir a ajuda das entidades competentes para formar com eles uma comissão; exigir ao Sindicato, no prazo de 5 dias, uma resposta às acusações de corrupção e sabotagem económica feitas ao seu presidente; e dar conhecimento ao Sindicato, aos Ministérios do Trabalho e dos Transportes e ao Copcon do programa estabelecido.



ASSEMBLEIA
CONSTITUINTE

Abandono de um operário

Dois factos dominaram, particularmente, a sessão de ontem: a declaração de renúncia do operário António Rodrigues, do Partido Socialista, e o requerimento do «independente» C.D.S., Galvão de Melo, solicitando ao presidente da Assembleia esclarecimentos sobre se Américo Duarte (U.D.P.) «foi ou não informador da P.I.D.E./D.G.S.»

Tudo teve lugar no período de antes da ordem do dia, onde, como se sabe, não comparecem desde há dias, os deputados do P.C.P. e do M.D.P., por considerarem contra-revolucionária a utilização que tem vindo a ser feita de tal período.

Antes dos casos apontados, Américo Duarte lera um documento que, no essencial, constitui um apoio entusiástico aos militares (oficiais do Copcon) responsáveis pela elaboração de (mais) um projecto político. E, como lhe é habitual o deputado da U.D.P. lançou ataques e insultos ao Partido Comunista Português. Expressões como «falsos comunistas», «partido traidor», «renegados de Cunha», «métodos sociais-fascistas e pidescos dos traidores de Cunha», etc., surgiram em força, a engrossar a onda dos que, fascistas (ou qualquer outra coisa), vêem no Partido Comunista, o inimigo a abater.

— Talvez a História nos mostre muito em breve quais os traidores e renegados, quais os revolucionários e quais os contra-revolucionários...

UM OPERÁRIO

António Rodrigues (P.S.) leu uma declaração a justificar publicamente a sua renúncia ao mandato. Invoçando razões de ordem partidária, o deputado-operário do P.S. sublinharia com grande dignidade:

«Antes de abandonar este hemisfério saúdo todos os deputados aqui presentes, mesmo os adversários de direita, saúdo fraternalmente os deputados socialistas e todos os camaradas do distrito de Setúbal que me con-

fiaram este mandato. A eles quero asseverar que a minha decisão se constitui na sua melhor defesa e que o tempo e a dinâmica do processo revolucionário me darão razão.

«Regresso ao seio do anónimo povo trabalhador a quem nunca deixei de pertencer e com o qual prosseguirei na luta comum.»

PROVOCAÇÃO?

Galvão de Melo, teve ontem, e pela primeira vez, duas intervenções. Na primeira fez um ataque velado ao P.C.P. através de considerações acerca da «vontade do povo» expressa nas urnas, etc.

Na segunda intervenção o deputado por Viseu, do C.D.S., deixou meio mundo estupefacto. Começando por referir-se aos «ataques» de Américo Duarte e frisando que «só não são insultantes porque aquele que os proferiu é o primeiro a não compreender» e que o «excesso de agressividade é sempre revelador de um sentimento de medo» Galvão de Melo diria que a agressividade do deputado em causa «explode com violência impressionante sempre que, directa ou indirectamente, vem ao caso mencionar a antiga Polícia Internacional de Defesa do Estado».

Perguntando depois a razão «desta preocupação tão específica» o elemento do C.D.S. concluiu, depois de solicitar à mesa a informação requerida. «Seria bom que esse esclarecimento não deixasse quaisquer dúvidas em qualquer de nós: único modo de a Assembleia Constituinte poder prosseguir com a missão que lhe foi cometida. A divergência política é esclarecedora e, portanto, construtiva; porém a desconfiança, só pode conduzir a desconfiança, cada vez mais odiante».

Uma provocação, certamente, do general-C.D.S. Oxalá sirva, ao menos, para certos «revolucionários» distinguirem ou conhecerem os verdadeiros inimigos.

E.A.

O MINHO À PROCURA DO TEMPO PERDIDO

As palavras do arcebispo de Braga pressupõem sempre um regresso às origens. A cruzada conta a barbárie. Se em Braga (e a ideia vem implícita nos últimos discursos do arcebispo) a cristandade assentou arrais contra a mourama, hoje, tenta levantar o acampamento dos guerreiros da civilização contra os comunistas.

O chefe da redacção da revista de Bruxelas, «La Releve» é de opinião que não são movimentos espontâneos das populações que estão na origem dos assaltos.

Por outro lado, os emigrantes estão de férias nas suas aldeias, os camponeses vêm às feiras, agitadores atacam os seus sentimentos religiosos. Ainda: a pequena-burguesia está profundamente carecida de tudo. O 25 de Abril veio-lhe agravar a situação. Terra com

uma catedral de séculos, um arcebispo gótico e uma população carecida de tudo é fácil que o Minho embarque nos sonhos de alguns, numa desesperada «recherche du temps perdu».

ASSALTO E SAQUE

ARCOS DE VALDEVEZ, 14 — Cerca de uma centena de pessoas atacou ontem à tarde o Centro de Trabalho do P.C.P. naquela vila. Corriam as 17 e 30 e a vila estava cheia de camponeses e emigrantes vindos das aldeias à feira que quinzenalmente se celebra em Arcos de Valdevez.

A fúria atingiu o prédio todo onde estava instalada não só a sede do P.C.P. como a sede do Clube Atlético de Valdevez, o Centro Cultural da localidade

e uma tabacaria. Pasto das chamas o palacete que foi pertença da família Faria Lima, ainda à meia-noite ardia. Bombeiros foram impedidos de intervir; uma viatura ficou danificada. A G.N.R. e a P.S.P., como vem sendo hábito, compareceram quando o fogo envolvia já o prédio e o assalto se consumara. O Batalhão de Caçadores de Viana do Castelo quando apareceu, já era tarde. Depois... foi o que se imaginava: caça aos comunistas, o delirante auto de fé com o recheio.

Durante toda a noite viveu-se na vila um clima tenso. Nas ruas grupos de pessoas comentavam os acontecimentos. Mas a memória dos homens é curta, ainda que a História registre.

INCÊNDIO E MAIS PROMETIDOS

MARCO DE CANAVEZES, 14 — Indivíduos sobre quem há referências concretas, incendiaram ontem, pelas duas horas da madrugada, uma casa particular no lugar de Ponte das Tábuas. A proprietária encontrava-se ausente.

Entretanto a U.D.P. emitiu um comunicado, chamando a

atenção das populações do Marco para a escalada da violência que prevê incêndios e assaltos a sedes dos partidos. Refere a propósito que em Marco «os fascistas têm feito reuniões para estudarem a maneira de cometerem os seus crimes: ameaças de assalto, de incêndio, de assassinios, já à muito se ouvem na boca dos fascistas» e aquela organização política explicita as suas afirmações, dizendo: «Sabemos que numa dessas reuniões os fascistas decidiram deitar fogo a algumas casas, entre as quais esta que foi incendiada. Quando nos for possível informaremos o povo sobre esta quadrilha».

É certo que «o povo está descontente e tem razão para o estar, mas o povo não quer fascismo e saberá dar o justo castigo aos que aqui no Marco e pelo País fora preparam um banho de sangue».

Entretanto, o caso foi remetido para a G.N.R. Por outro lado, correm rumores que novos distúrbios mancharão o dia de amanhã, dia de feira naquela vila. As autoridades militares já foram alertadas.

AMADEU BANDEIRA

PORTO, 14 — Na sua residência de Viseu faleceu esta madrugada o dr. Amadeu Bandeira, agricultor, de 77 anos, que deixa viúva a sra. D. Maria Eugénia Marques Gomes. O extinto era pai do nosso camarada de redacção José Gomes Bandeira e das sras. D. Maria Helena Bandeira Gomes e D.

Marília Gomes Bandeira. O funeral realiza-se amanhã, às 11 horas, para o cemitério da freguesia de Mosteiro de Frades, em Tondela.

A família enlutada, e em especial ao nosso camarada de redacção, apresentamos a expressão do nosso profundo pesar.

SINDICATO DOS MÉDICOS DA REGIÃO DO SUL APELO URGENTE

Recebemos da Direcção-Geral dos Hospitais o pedido urgente de Médicos para prestar assistência aos recém-deslocados de Angola.

Independente das medidas a serem tomadas pela Direcção-Geral dos Hospitais, este Sindicato apela para todos os médicos que possam dispensar quatro (4) horas por dia (que serão remuneradas) a inscreverem-se neste Sindicato nas horas de expediente.

OS CORPOS GERENTES

SUSPENSA A GREVE NA MARCONI

Os serviços da Marconi voltaram a funcionar sem interrupções, uma vez que os trabalhadores decidiram suspender a greve iniciada na segunda-feira, logo que receberam a resposta da administração à sua proposta de negociações do Contrato Colectivo de Trabalho. A contraproposta foi-lhes entregue ontem ao princípio da tarde, o que levou à suspensão da paralisação da

actividade que estava prevista entre as 15 e as 17 horas.

O documento está a ser analisado pela comissão pró-A. C. T., que posteriormente o submeterá a uma reunião geral de trabalhadores.

Entretanto, a acumulação de trabalho devida à greve de zelo e às paralisações efectuadas faz com que se mantenham atrasados os serviços telegráficos e telefónicos da Marconi.

MINISTÉRIO DO EQUIPAMENTO SOCIAL E DO AMBIENTE

Secretaria de Estado da Habitação e Urbanismo

Fundo de Fomento da Habitação

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA CONSTRUÇÃO DE 90 FOGOS EM ALMADA — MONTE DA CAPARICA

1 — Faz-se público que se encontra aberto para a realização da empreitada 20/75 de «Construção de 90 fogos em Almada — Monte da Caparica — 1.ª fase (Área do Raposo).

Preço base 28 186 000\$00
Caução provisória ... 704 650\$00
Prazo de execução ... 360 dias

Será condição para admissão do concurso o ser possuidor dos alvarás de 1.ª Subcategoria da Categoria I para empreiteiros de Obras Públicas, e da Categoria única para os industriais de construção civil, e da classe e subclasse correspondentes ao valor da proposta apresentada.

2 — O processo de concurso pode ser consultado todos os dias úteis às horas normais de expediente, na Divisão de Construção — Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, n.º 5, 1.º — Lisboa.

3 — O acto público do concurso realiza-se pelas 15 horas e 30 minutos do dia 23 de Setembro de 1975 no mesmo local, 8.º andar.

4 — As propostas deverão dar entrada na Secção de Expediente Técnico no mesmo local, 1.º andar, até às 17 horas do dia 22 do mesmo mês e ano, ou até uma hora antes do acto público do concurso, se enviadas pelo correio sob registo, podendo os interessados obter cópias de todos os processos do concurso, através do Sector de Heliografia no R/C do mesmo edifício, e sendo da inteira responsabilidade dos interessados a verificação e comparação das cópias com os elementos dos processos patenteados.

Fundo de Fomento da Habitação, em 8 de Agosto de 1975.

PELO DIRECTOR DOS SERVIÇOS
DE PRODUÇÃO

Luís Ramos
Engenheiro

MINISTÉRIO DO EQUIPAMENTO SOCIAL E DO AMBIENTE

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS HIDRÁULICOS

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE APROVEITAMENTOS HIDRÁULICOS

DIVISÃO DE OBRAS

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATACÃO DA EMPREITADA DE CONSTRUÇÃO DA ESTRADA DE ACESSO À ESTAÇÃO ELEVATÓRIA DO ARAVIL, NA OBRA DE REGA DA CAMPINA DA IDANHA

AVISO

Avisa-se que o depósito provisório exigido no concurso público acima referido é de 34 000\$00 e não de 51 000\$00, como, por lapso, se indicou no Anúncio publicado no Diário do Governo n.º 181-III Série, de 7 de Agosto de 1975.

Lisboa, em 12 de Agosto de 1975.

O ENGENHEIRO SUBDIRECTOR-GERAL

(a) Estevão Mendonça Lamas de Oliveira

Nacional

INDEPENDENCIA NACIONAL

“TERCEIRO MUNDISMO”:

NEOCOLONIALISMO COM CARIMBO SOCIALISTA

«Ao pretenderem o poder, as classes trabalhadoras não têm como objectivo ir, depois de conquistado, entregá-lo a outrem», lê-se no último número do Boletim do M.F.A., «Movimento», numa «reflexão» intitulada: «Independência Nacional — Que rumo tomar?»

Aludindo aos que, demagogicamente ou por erro, privilegiavam as relações com o chamado «Terceiro Mundo» («designação cientificamente incorrecta») como rumo para a Independência Nacional, a «reflexão» do «Movimento» prossegue: «A hipótese presente é, objectivamente, uma emulação do intermediarismo (não nos deixando senão o papel de ponto de passagem da riqueza dos outros), e só deixaria como saída a dependência em relação aos países mais fortes no circuito; os países capitalistas e imperialistas». Porquê? Responde o «Movimento», depois de distinguir que, entre os países do tal «Terceiro Mun-

do» haveria que distinguir entre os de Governo fascistas ou fascizantes (Chile, Uruguai, etc.) e os de Governos socialistas ou socializantes (Moçambique, Argélia, etc.) e que optar pelos segundos por serem os que se encontram «em harmonia com o processo revolucionário que vivemos»: «Temos que ser realistas: esses mesmos países procuram, também, a sua independência económica, lutam, também, pelo seu desenvolvimento, depois de se terem libertado há pouco tempo dos países capitalistas e imperialistas. Não tendo, portanto, indústrias desenvolvidas, procurando afincadamente o fortalecimento da agricultura, tendo, na sua maioria, como principal exportação matérias-primas, necessitam mais de apoio do que podem dar. Poderemos nós contribuir para esse apoio, realisticamente, importando matérias-primas, transformando-as na nossa indústria e exportando o produto

acabado, em relações de trocas que satisfaçam ambas as partes? Não será fácil. Necessitaremos de uma outra indústria, capaz de concorrer nos mercados internacionais com os países capitalistas: a que temos, ou está montada em bases incorrectas (produtos tradicionais) ou está profundamente subjugada pelo capital internacional».

Por onde passa então o caminho para a Independência Nacional?

Em primeiro lugar, pela «descolonização interna: fim dos latifundiários e monopolistas, do macrocefalismo do litoral, da exploração do homem pelo homem, em suma, «pela concretização da Revolução Socialista no nosso país» que terá de ser levada a cabo por aqueles que, desde sempre, foram «os humilhados e oprimidos, por aqueles a quem nunca foi consentida outra chance que o venderem-se como força de trabalho, por aqueles que

nada tendo para além dos seus braços, tudo farão para levar por diante a sua Revolução, ultrapassando todas as sabotagens, boicotes e traições: as classes trabalhadoras».

Em segundo lugar, e dado que o processo revolucionário português visa a «construção de uma sociedade socialista», pelos «acordos a estabelecer com os países socialistas», os quais (acordos) são «não só lógicos como fundamentais» dada a «experiência e apoio técnico» que aquelas nações nos poderão prestar como «factor de real consolidação das conquistas democráticas já alcançadas, permitindo o avanço harmónico da nossa Revolução». Assim «abrir decididamente, com as condições já expostas, as portas aos acordos com os países socialistas, representará dois factores primordiais: a coerência do processo revolucionário e a sua própria defesa (o sublinhado é nosso).

APELO DO CARDEAL PATRIARCA

A FAVOR DOS RETORNADOS DE ÁFRICA

O Cardeal Patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro, define uma posição de caridade face aos milhares de retornados de África, por quem apela nestes termos:

«1. Grande número de portugueses que viviam em África tem regressado a Portugal, nestes últimos tempos. E já se anuncia que, nos próximos dias, serão muitos os milhares de retornados de Angola, onde o processo de descolonização em curso tão gravemente afecta as populações ali residentes.

«O País todo — e particularmente Lisboa que primeiro recebe quem aqui chega — encontra-se assim perante situações humanas dramáticas.

Ninguém as pode ignorar ou passar-lhes ao lado, de consciência tranquila.

«A maior parte dos retornados de África deixou lá haveres do presente e esperanças do futuro; deixou lá familiares e amigos que ainda não quiseram ou não puderam partir; deixou lá pedaços de alma, cujo desprendimento sempre multa e faz sofrer.

«2. Sabemos que as entidades oficiais procuram oferecer condições de acolhimento aos que delas necessitam. E algumas organizações da Igreja já prestam valiosa cooperação a esse serviço humanitário, enquanto outras se preparam para a dar.

«O drama destes retornados

pode, contudo, vir a alcançar tais dimensões que não consinta espectadores. E, por isso, desde já queremos dirigir um forte apelo a todas as comunidades cristãs do Patriarcado e das novas dioceses de Santarém e de Setúbal, ainda confiadas à nossa responsabilidade pastoral. É o apelo de Cristo, expresso no mandamento novo do Evangelho: «Amai-vos uns aos outros, como Eu vos amei» (Jo. 13,34). É o apelo que o Apóstolo S. João pergunta: as palavras: «Caríssimos, amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus. Todo aquele que ama nasceu de Deus e conhece-O. Aquele que não ama não conhece Deus, porque Deus é Amor» (1 Jo. 4,7-8).

«O amor fraterno, essência do Evangelho, deve traduzir-se em obras e gestos concretos de ajuda gratuita aos que mais necessitam. Por isso, o mesmo Apóstolo S. João pergunta: «Quem tiver bens deste Mundo e vir o seu irmão sofrer necessidade, sem lhe abrir o coração, como estará nele o amor de Deus?» (1 Jo. 3,17). E logo conclui: «Filhinhos, não amemos só com palavras e com a língua, mas sim por actos e em verdade» (1 Jo. 3,18).

«3. Nesta hora grave da nossa vida nacional, é preciso que as comunidades cristãs saibam dar testemunho vivo e actuante do amor de Cristo. Organizem-se, pois, para acolher e integrar os irmãos regressados de África.

«Em cada paróquia ou comunidade, os cristãos não devem consentir que apenas os laços de parentesco funcionem como exigência solidária. A par da carne e do sangue, que só relacionam alguns, há realidades de fé, que irmanam muitos, e vínculos de humanidade, que a todos nos solidarizam.

«Se algum dia, a nível das estruturas diocesanas, for necessário organizar esta solidariedade evangélica, não deixaremos de bater à porta do coração de quantos têm bens deste Mundo. Ai encontraremos o amor de Deus, sempre pronto a minorar o sofrimento humano.

«Entretanto, promovam-se desde já, dentro de cada paróquia ou comunidade cristã, as iniciativas consideradas viáveis, em realização autónoma ou de colaboração com outras entidades honestamente interessadas na solução do problema. A força inventiva da caridade há-de descobrir e pôr em prática o que urge fazer.»

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

Rua Braamcamp, n.º 9, 2.º — em Lisboa

AOS TÉCNICOS DE CONTAS

Se pretendes colaborar com os trabalhadores que por razões diversas necessitam da ajuda revolucionária dos Técnicos de Contas, contacta com o nosso Sindicato — SECÇÃO DE APOIO A DELEGADOS SINDICAIS — das 9 às 12 e das 14 às 23 horas, de Segunda e Sexta, onde obterás todas as informações sobre o que se pretende.

PARTICIPA!

A REVOLUÇÃO NECESSITA DE TÉCNICOS!
UNIDOS VENCEREMOS!

A DIRECÇÃO

EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA E P A L

ENGENHEIRO TÉCNICO CIVIL

PRETENDE-SE ADMITIR.

Pede-se indicação de «curriculum» pormenorizado em que refira experiência, idade, formação escolar, situação militar, etc., bem como vencimento pretendido. Tem interesse formação hidráulica adquirida.

Resposta ao Serviço de Pessoal, Avenida da Liberdade, 22, até ao dia 28 de Agosto.

Nacional

Apelo ao retorno de nacionais

DECISÃO DO DIRECTÓRIO E APELO DO I.A.R.N.

A Comissão Nacional de Descolonização, reunida ontem no Palácio de Belém, analisou a situação em Angola e Timor. No final do encontro, a que estiveram presentes, além dos membros da Comissão, o vice-primeiro-ministro, o tenente-coronel Arnão Metelo e o dr. Vasco Vieira de Almeida, Ministro da Economia do Governo de Transição de Angola.

As autoridades estão a concentrar particular atenção no problema dos retornados das colónias, nomeadamente de Angola, muitos dos quais se encontram em situações delicadas.

DECISÃO DO DIRECTÓRIO

Ao fim da noite de ontem foi distribuído aos órgãos de Informação no qual se revela um despacho do Directório do Conselho da Revolução, designado por «Medidas tomadas para o Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais».

«1. Os problemas que suscita o retorno de cidadãos, nacionais têm sido encarados pelo Governo dentro do espírito e do entendimento das suas efectivas realidades, particularmente no que concerne aos deslocados das ex-colónias portuguesas de África.

Até à criação do Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais, através da promulgação do Decreto-Lei n.º 169/75, de 31 de Março, organismo que, desde logo, foi colocado no âmbito da Presidência do Conselho, foram criados, «ad hoc», grupos de apoio, dotados dos meios humanos e materiais para fazer face às questões mais prementes.

2. Entretanto, e já depois de decididas aquelas providências legislativas, foi a direcção do I.A.R.N. confiada a oficial superior das Forças Armadas, o tenente-coronel Fernando Cardoso do Amaral. Com larga folha de serviço nas ex-colónias portuguesas, facto que lhe permite, com natural segurança, aperceber-se e dominar toda a problemática em causa.

3. O apoio aos retornados tem de assumir as mais diversas formas, numa harmoniosa conjugação de esforços, em ordem a que a sua reintegração social se processe dentro de esquemas que confirmam aos deslocados a plena cidadania nacional, beneficiando dos mesmos direitos e regalias e subordinados aos mesmos deveres dos outros portugueses.

E, pois dentro deste contexto, e com o sentimento de que, em sociopolíticos, os deslocados dos territórios de África foram, igualmente, vítimas do regime colonialista, que o Governo se dispõe a enfrentar os problemas que derivam do seu regresso a Portugal com a mais decidida firmeza e abnegação.

4. As medidas que agora se anunciam constituem elos de uma cadeia que só se fechará quando estiverem superadas todas as dificuldades que obstarem à perfeita reintegração social de todos os retornados, o que equivale a significar que não se deseja a constituição de uma classe de assistidos, mas, antes, conseguir que em Portugal só exista uma única categoria de portugueses, sem exploradores nem explorados, e onde todos se sintam iguais perante o Estado e perante a Lei.

Em face de tão magno problema, com o qual toda a Nação se deve sentir solidária porque ele respeita a todos quantos vivem e sentem o espírito da nossa revolução com vista à construção do so-

cialismo, o Governo está na firme disposição de mobilizar todos os meios humanos, materiais e financeiros, bem como todas as estruturas disponíveis, de forma a cumprir integralmente a missão que lhe cabe e a si próprio se impõe, na certeza de que será acompanhado, apoiado e incentivado por todo o País, através de associações voluntárias que queiram juntar a sua acção à do I.A.R.N.

5. Nestes termos, o Directório do Conselho da Revolução determina:

1. Os cidadãos portugueses retornados ao País podem usufruir dos benefícios da Previdência Social, nomeadamente quanto a: a) subsídio de desemprego; b) abono da família; c) assistência médica e medicamentosa; d) assistência hospitalar.

2. Serão suportadas pelo I.A.R.N. as verbas necessárias

à satisfação dos encargos resultantes da aplicação das medidas referidas no parágrafo anterior.

3. As condições a que deve obedecer a concessão dos benefícios referidos no número anterior constarão de acordos e protocolos a celebrar entre os serviços competentes dos Ministérios dos Assuntos Sociais e do Trabalho e o I.A.R.N., que serão homologa-

Continua na pág. 10

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA METALÚRGICA E METALO-MECÂNICA DO DISTRITO DE LISBOA COMUNICADO O FASCISMO ATACA OS TRABALHADORES

1. O INIMIGO:

As forças do imperialismo internacional e a hipócrita social-democracia europeia em conjunto com os seus agentes nacionais atacam a revolução portuguesa. Os executores directos desta vasta manobra são os agentes do ELP, reforçados com meia centena de criminosos da PIDE, apoiados em membros da CIA, caciques locais e todos os adeptos do fascismo.

2. OS MÉTODOS QUE EMPREGAM:

As manifestações, comícios e discursos ainda são utilizados, mas já passaram a métodos directos e violentos, a intimidações, a agressões físicas, a ataques terroristas, etc.

Combinando habilmente as manifestações de rua, com a agressão e a violência, procuram manipular gente simples do povo e inventar uma base social de apoio às acções de terror nazi. Agitando o espanto do anticomunismo, atacam trabalhadores comunistas, socialistas e sem partido. Atacam fundamentalmente os trabalhadores, a sua organização sindical e as suas organizações políticas.

3. O CONFLITO IDEOLÓGICO:

Apregoiando aos quatro ventos teorias complicadas que nunca preocuparam os trabalhadores na sua luta de meio século contra o fascismo, praticam o crime de dividir os dois aliados da revolução: POVO/MFA. São os pluralismos, os ritmos de construção do socialismo, o respeito pela Europa social-democrata, a soberania da reacçãoária Assembleia Constituinte, etc., etc.

Todas estas teorias são difundidas, desde o CDS, PPD e afins, até à Europa dos monopólios, contra as nacionalizações, a Reforma Agrária, as Assembleias Populares, Unitárias, e unicidade sindical, a unidade do MFA, etc. São as forças da contra-revolução de um lado, e as forças da revolução do outro!

4. O DOCUMENTO MELO ANTUNES:

Mesmo que os seus autores não o desejassem, este famigerado documento já está a ser utilizado pela contra-revolução. Aplausos, regozijo e manifestações reacçãoárias, realizam-se em apoio desta manobra divisionista que, no plano militar, tem como objectivo cindir o MFA e no plano político visava, no imediato, impedir a formação do V Governo, para se inserir no planeamento mais vasto do assalto ao poder.

As vítimas da contra-revolução, quase são apontadas com os inimigos da revolução. O proletariado industrial e agrícola do Sul, é que tem as culpas, e os Sindicatos também! As organizações Populares Unitárias são rotuladas de anarquismo e populismo, caminharíamos para uma ditadura burocrática.

Os autores pronunciam-se, a custo, a favor do socialismo, mas com ritmos lentos, com menos nacionalizações e reforma agrária, pedindo licença aos monopólios.

A reacção apressa-se a assimilar mais esta achega, reforçada com braços de armas. O documento diz respeito, em primeiro lugar, às Forças Armadas, mas pelas implicações políticas e sociais que encerra, afecta igualmente todos os trabalhadores. Estes confiam que todos os militares dos três ramos e de todas as hierarquias, saberão rejeitar esta manobra e reforçar a unidade que toda a Nação anseia.

5. OS OBJECTIVOS A ATINGIR:

Apregoiando a terceira via de um «socialismo devagarinho» sem assustar os monopólios e o imperialismo, a última manobra da reacção e aliados, foi tentar impedir a criação do V Governo.

E assim, que a constituição do V Governo foi mais uma derrota para a reacção! Procurando por todos os meios impedir uma solução para a crise do poder político, pretendem, de facto, regressar ao fascismo, que implantará a mais sangrenta repressão sobre o Povo, como já anunciam os acontecimentos do Norte.

6. A UNIDADE DOS TRABALHADORES E SENTIMENTOS PATRIÓTICOS:

Divididos os trabalhadores, está perdida a revolução! É aqui, que a contra-revolução ataca em pleno. Os trabalhadores apoiados nos seus aliados de outros estratos sociais, têm que cerrar fileiras contra todas as manobras contra-revolucionárias.

A classe operária, vanguarda de todo o proletariado, é detentora de puras qualidades revolucionárias e amor à Pátria, que os reacçãoários de todos os matizes ignoram, pois têm como Pátria o país onde arrancam maiores lucros. É das classes trabalhadoras que tem de partir o exemplo de unidade nacional.

7. AS FORÇAS ARMADAS TÊM DE TRAVAR A VIOLENCIA:

Os exemplos da ofensiva contra-revolucionária, sucedem-se todos os dias. O termómetro da violência nazi que subiu em Braga, tem de parar.

O Governo e os Chefes Militares, têm de traçar um plano imediato que faça frente à onda de violência. Todos os caciques, agitadores e agentes da contra-revolução, são conhecidos nos respectivos distritos e concelhos. A prevenção é sempre mais eficaz que a repressão; é ir à toca da fera fascista e amordaçá-la! Os que já praticaram a violência, têm que ser punidos, caso contrário, fortificam a audácia para novas agressões.

8. VIGILÂNCIA E ACÇÃO POPULARES:

Se este plano não for imediatamente traçado e executado, resta às classes trabalhadoras tomarem a iniciativa de defender a revolução e defender Portugal, com o sangue generoso das suas vidas, se necessário.

A besta fascista que nos escravizou, tem que ser liquidada definitivamente! Trabalhadores alerta! Não vamos permitir que a nossa organização sindical seja destruída. Os nossos Sindicatos, já existiam antes de surgirem a maior parte de políticos e revolucionários de fresca data.

Os Sindicatos são organizações de massas, apertadas e unitárias por excelência. Vamos defender os nossos Sindicatos e lutar contra o fascismo em todas as frentes que ele surja.

Se for preciso, com o sacrifício da própria vida. A revolução e a pátria merecem todos os sacrifícios!

Lisboa, 13 de Agosto de 1975
A COMISSÃO DIRECTIVA

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA Assembleia Geral Eleitoral

Em complemento da convocatória, oportunamente anunciada, para a Assembleia Geral Eleitoral a efectuar em 30 de Agosto de 1975, em local a anunciar brevemente, informe que ao acto eleitoral para os Corpos Gerentes deste Sindicato no próximo biênio, concorrem as seguintes duas listas:

LISTA A

ASSEMBLEIA GERAL

Serafim Augusto Nunes
Arménio dos Santos Cachapa
Fernando Tavares Quintas
Francisco José Botelho Roseta
Miguel José Maia Pereira

DIRECÇÃO

Aníbal Guerreiro de Sousa
Fernando de Jesus Nunes
Leonardo Manuel Pereira Brum
Luís Augusto de Sousa Pereira Dantas
João Rafael Antunes da Costa Madeira
José Estrela Duarte
José Luís Marques Ferreira da Cruz
José Paulo Rebordão Gascão Nunes
Manuel José Matos Nunes
Maria do Carmo Bernardes de Oliveira Serrano
Maria Ermelinda dos Santos Morgado
Maria de Fátima dos Santos Chaves Santa Rita
Maria de Lurdes Elias Reis Fernandes Arraiano
Maria Teresa Madaleno Lomelino Valentim Pereira Fonseca
Rogério Martins Simões

CONSELHO FISCALIZADOR

Aurindo das Neves Lourinho
Carlos Alberto Batista Amaro
Eduardo Pires Leça
Eurico Eduardo Barros Pinto Balsemão
Fernanda Manuela Santos do Nascimento Santos Leite
José Alberto Mendonça de Melo Abreu
José António Teixeira Freitas
José Manuel de Almeida
Luís Carlos Vicente Gouveia
Maria Alice Alves Bastos
Maria Dulce Andrade Branco

LISTA B

ASSEMBLEIA GERAL

Vitor Manuel Garcia de Carvalho Ribeiro
José Manuel Lopes Caeiro
Aida da Conceição Pinheiro Albino Carreira
Silvário António da Conceição da Silva
Jorge Manuel Teixeira dos Santos
David Cerqueira de Sousa
António Augusto Nunes

DIRECÇÃO

Nuno Gonçalo Álvares Pereira Sequeira Bramão.
António Manuel Matias Geraldo
Maria do Rosário Diaz de Tuesta Domingues
Manuel Custódio Bonaparte Figueira
Manuel da Silva Raposo
Carlos Alberto Mendes Fernandes
Manuel dos Anjos Monte Porta Nova
Orlando Jorge Rocha da Silva
Carlos Dias da Silva
Alberto das Neves Simões
Maria da Graça da Conceição Gomes Cintra
António Francisco Almeida Calhau
Horácio Valdemar Cabral
Joaquim Gonçalves Ferro
Maria Alexandra Pimentel Caldeira

CONSELHO FISCALIZADOR

Ana Maria Lourenço Aguiar Vasques
José Caeira Matias
João Leitão Ferreira Borges
Armando Pinto
Jorge Martins da Silva
Alfredo Luis Arruda Gancho
Carlos Jorge de Jesus António
José Boaventura Pinto
António Manuel Carvalho Coruche
Maria dos Anjos da Conceição Rodrigues
Fernando Alexandre Sequeira

Lisboa, 13 de Agosto de 1975

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Alvaro de Campos Marçal

NOTA: Informam-se os Trabalhadores sócios deste Sindicato de que o HORÁRIO durante o qual poderão consultar os cadernos Eleitorais é o seguinte:

9 horas às 12 h
14 h às 20 h
21 h às 23 h

Geral

PORTUGAL VISTO DO ESTRANGEIRO

BUDAPESTE

Budapeste, 14 — (MTI-ANI) — A edição de hoje do «Magyar Hírlap» tira duas conclusões do desenvolvimento da crescente campanha anticomunista em Portugal: a primeira é a de que a mais importante garantia de protecção da democracia, o mais seguro obstáculo contra as tentativas contra-revolucionárias é a unidade entre os partidos da classe operária; a outra é a de que o anticomunismo sempre serviu para favorecer ataques de extrema-direita contra as forças democráticas.

«As notícias que chegam de Portugal indicam que o Partido Socialista Português segue abertamente a linha do anticomunismo. Não quer ver que se tornou o maior partido legal da reacção, apoiado por muitos que desejam o regresso ao passado.

«As forças, incluindo o Partido Socialista, que lançaram a campanha anticomunista e que a incitam por todos os meios, são responsáveis pelos actos fascistas. Provocaram uma situação de que poderão vir a ser vítimas.»

UNITÁ

ROMA, 14 — (ADN-ANI) — Os ataques da contra-revolução fascista em Portugal que têm tido o apoio do dirigente socialista Mário Soares e outras forças políticas e organizações, são firmemente condenadas pelo órgão central do Partido Comunista Italiano, num editorial publicado hoje.

Em nome dos 1,7 milhões de comunistas italianos, o «Unità» sublinha a plena solidariedade para com os comunistas e antifascistas portugueses.

O «Unità» afirma: «Hoje a reacção portuguesa faz golpes contra os comunistas. Amanhã podem ser outras forças políticas democráticas». E o jornal prossegue: «com muito maior determinação afirmamos a nos-

sa condenação dos actos de violência e a nossa solidariedade para com os comunistas portugueses contra quem os actos de violência são dirigidos e denunciaremos toda a cumplicidade, negligência e silêncio».

«Novamente afirmamos a nossa grande preocupação pela situação em Portugal e sublinhamos a necessidade de cada um também na Itália fazer todo o possível para que a unidade democrática vença», destaca o «Unità».

O jornal do P. C. I. afirma que o estabelecimento da unidade de antifascistas e forças populares «é o único caminho por onde Portugal pode avançar para construir um regime democrático».

O mesmo jornal lançou um virulento ataque contra o arcebispo de Braga, D. Francisco Maria da Silva, por «empurrar Portugal para o abismo da guerra civil».

Num editorial não assinado, «L'Unità» dizia que o dever de todos os partidos e organizações democráticas, dentro e fora de Portugal, era encorajar a reforma das forças antifascistas e populares numa aliança unida para assegurar um regime democrático em Portugal.

Afirmava: o apelo para uma cruzada anticomunista lançado pelo arcebispo D. Francisco da Silva, que chamou aos comunistas «inimigos de Deus» e incitou assim o «que é o incêndio de sedes do Partido Comunista Português em Braga, é muito grave e inadmissível.

«Ele foi membro da velha hierarquia eclesiástica que até há poucos anos exaltou o regime fascista de Salazar, abençoou os estandartes das tropas que iam combater nas guerras coloniais, e censurou e deformou as encíclicas do Papa João.

«E é o mesmo homem que escreveu a elegia fúnebre do ditador Salazar.»

«L'Unità» acrescentava: «Silva está a empurrar Portugal para o abismo da guerra civil, cujas chamas acesas pelos an-

ticomunistas eram aguardadas pelos reacconários como sinais de aviso.»

O «L'Unità» criticava também os jornais cristão-democratas italianos e o «Osservatore Romano», do Vaticano, os quais, dizia, classificavam a violência reacconária em Portugal como «manifestações a favor do respeito absoluto pelas liberdades fundamentais» e estavam apenas preocupados com a devolução à Igreja da Emissora Católica Rádio Renascença.

Mesmo o dirigente socialista Mário Soares estava ultimamente a dirigir a agitação violenta contra os comunistas, dizia «L'Unità».

«A liberdade, a garantia dos direitos e a democracia são indivisíveis...confirmamos a nossa condenação da violência e a nossa solidariedade aos comunistas portugueses que são as suas vítimas...mais uma vez manifestamos a nossa profunda preocupação pelos acontecimentos em Portugal e sublinhamos a necessidade de todos, em Itália também, fazerem tudo ao seu alcance para assegurar a unidade popular e democrática», dizia «L'Unità».

LONDRES

LONDRES, 14 — (R.) — O diário londrino «Times» observa hoje que a crise portuguesa causou divisões entre os partidos comunistas europeus e agravou as tensões entre os comunistas e os seus aliados potências.

Os partidos francês e italiano tinham ambos sublinhado no passado «a necessidade da unidade entre os comunistas e outras forças progressistas e muitas vezes estavam preparados a modificar os seus próprios programas para o tornar possível» — continua o «Times», em editorial.

Nisso eram encorajados pela União Soviética. «O curso da Revolução Portuguesa e a acerbada querela entre os socialistas e os comunistas este Verão em Portugal exacerbou inevitavel-

mente a desconfiança mútua entre os comunistas e os seus aliados actuais ou potenciais noutros países europeus» — prossegue o jornal.

Acrescenta que «dividiu também os partidos comunistas entre si, pois que enquanto os espanhóis e os italianos se sentiram forçados a criticar certas atitudes dos seus camaradas portugueses, os franceses apoiaram-nos sempre, juntando-se aos seus ataques contra o dr. Soares e criticando violentamente os socialistas franceses por lhe darem apoio».

O «Times» sugere que um artigo publicado recentemente no jornal soviético «Pravda» indica que a U. R. S. S. possa estar a reconsiderar se os partidos comunistas europeus devem ou não procurar aliados socialistas.

Porém — comenta — o artigo suscitou prontamente respostas indignadas tanto do Partido Comunista Francês como do italiano. O jornal do P. C. I. atacou-o directamente e o P. C. F. frisou que a sua política era decidida em Paris e não em Moscovo.

Para o editorialista do jornal liberal «Guardian», três coisas podem acontecer em Portugal: uma tragédia de atuição, com uma facção exausta emergindo vitoriosa, um Governo formado por políticos que poderá conduzir à democracia ou, por fim, a guerra civil.

As Forças Armadas, anteriormente os salvadores de Portugal, parecem agora uma ralé — continua o «Guardian». Seja o que for venha da sua actual via, despertará uma oposição encarnizada a fúria das massas» — conclui.

Por seu turno, o jornal de direita «Daily Telegraph» pensa que as dificuldades em Portugal afectarão por muitos anos a política europeia. «A verdade é que o partido Comunista do senhor Cunhal está a apanhar uma sova. É a coisa mais consoladora que aconteceu na Europa há muitos anos» — acrescenta.

"LOTTA CONTINUA"

"PO"

«O processo revolucionário português chegou a um momento decisivo. Os imperialistas, vítimas de uma crise geral das suas capacidades de domínio no Mundo, não podem deixar que a revolução avance para a vitória em Portugal. Não podem deixar que o sistema de exploração capitalista e o poder da burguesia sejam destruídos em Portugal, porque isso significaria, neste momento, uma pesada derrota para o imperialismo, já depois das que lhe foram impostas pelo povo

da Indochina.» E assim que meça uma moção apresente no final do comício-encor ou jornada de confraternização proletária internacional que «Lotta Continua» e grupos autônomos de trabalho revolucionários expressam ontem, durante a sessão movida pela Associação Amizade Revolucionária Portugal-Itália (A.A.R.P.-I.).

«Neste momento», pro que o texto, «concentrar nas zonas da Europa e do diterrâneo todas as princi



DECISÃO DO DIRECTÓRIO E APELO DO I.A.R.N.

Continuação da pág. 9

dos por despacho do primeiro-ministro.

4. Os ministros dos Assuntos Sociais e da Coordenação Interterritorial designarão, por despacho, um grupo de trabalho constituído por representantes da Direcção-Geral de Saúde, do Hospital Egas Moniz e do Instituto de Higiene e Medicina Tropical, com vista à profilaxia,

diagnóstica e tratamento de doenças infecto-contagiosas de que, eventualmente, possam ser portadores os retornados de África.

5. O grupo de trabalho referido no número antecedente actuará em estreita e íntima colaboração com o I.A.R.N.

6. Os ministérios dos Assuntos Sociais, do Trabalho, do Equipamento Social e Ambiente e da Agricultura, deverão

prestar ao I.A.R.N. o mais decidido e directo apoio nomeadamente quanto a:

- a) Prestação de assistência directa;
- b) Sindicalização e cursos de aperfeiçoamento ou de reconversão profissional;
- c) Inscrição no Serviço Nacional de Emprego;
- d) Habitação e outros equipamentos sociais.
- e) Integração nos esquemas

da Reforma Agrária.

Fica o director do I.A.R.N. autorizado a lançar experiências socioprofissionais, de integração e repovoamento do território, de acordo com os esquemas definidos pelo Governo em matéria de Reforma Agrária cooperativismo e de equipamento social.»

APELO DO I.A.R.N.

Também o I.A.R.N. (Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais) lançou um apelo de auxílio às pessoas que diariamente afluem de Angola. Afirmando que «ninguém de boa fé e recta intenção usará contestar que os exploradores e colonizadores não se encontram entre os retornados de Angola» e que «os problemas que suscitam o retorno de cidadãos portugueses têm de ser sentidos por todo o país», o I.A.R.N. apela para a cedência de «quartos partes de casas e casas, desde o Minho ao Algarve, em total disponibilidade para os retornados e sem que isso implique «quaisquer outros deveres para os proprietários». Este apelo é especialmente dirigido «aos sindicatos partidos e associações de carácter político, às organizações religiosas e filantrópicas e ao povo em geral», podendo todas as respostas ser dirigidas, por escrito, ao Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais, Rua da Junqueira 5, Lisboa.

É de não compreender (pelo menos eu não compreendo), como se continua ressaltando a «inocência» de certos agrupamentos e partidos políticos, nesta avançada reacconária que todos estamos vivendo. É ainda menos possível de entender, como se tenta demonstrar, através de malabarismos, a «inocência» mais ou menos plausível das facções espontâneas, «empurradas para o pandemónio por *alguns indivíduos mal-intencionados*». Ora esta visão dos acontecimentos parece-me profundamente errada. Porque a frase «elementos da reacção infiltrados», sendo verdadeira em parte (se considerarmos como «elemento da reacção» apenas o tipo fascista vinicamente marcado) acaba quase sempre por se transformar na desculpa solene dos grupos alargados de contra-revolucionários que actuam neste País a coberto de uma certa irresponsabilidade.

Senão vejamos: o P. S.,

ao levar a cabo, nos momentos menos oportunos e agitados, manifestações cegas onde se contest verticalidade de homens. M. F. A., *não tem culpa* nessas suas manifestações infiltradas de meia dúzia de *elpes* prontos ao distúrbio violento; o P. P. D., apdo, inclusive com orad fanáticos e na hora própria contra-revolução, não sente o mir de caso de consciência ver atacadas as sedes partidos progressistas; C. D. S., nem falar; etc.

A reacção não é um te abstracto. É um ser pol concreto, que se estabelece segundo as facilidades as fraquezas concedidas as forças da reacção. Três mil man tantes que se compo como reacconários, po não ser todos reaccon em potência, mas a ver é que, no momento em se comportam como tal eles mesmos a reacção nha ela a cor que tiver,

ANO SANTO em

ROMA 1ª SEMANA

PARTIDAS: TODAS AS QUINTAS-FEIRAS

Julho 3, 10, 17, 24 e 31
Agosto 7, 14, 21 e 28
Setembro 4, 11, 18 e 25

Preços excepcionais desde*

5.200\$

INCLUINDO:

- Viagem em avião a jacto DC9
- Estadia no Hotel
- Transportes em terra
- Visita turística de Roma
- Taxas hoteleiras
- Acompanhante **abreu**

* a vantagem dos voos especiais

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA

abreu
fundada em 1840

LISBOA: Av. da Liberdade, 150 • Telef. 32 00 21
PORTO: Av. dos Aliados, 207 • Telef. 379 21
COIMBRA: Rua da Sola, 2 • Telef. 2 70 11/2
FARO: Rua Cons. Bivar, 65 • Telef. 25035/6
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

SALDOS

C/ INÍCIO DIA 18

JOGOS E TOALHAS TURCAS
TOALHAS DE MESA
JOGOS DE CAMA
CAMISAS DE NOITE
ARTIGOS DE BEBÉ

Lavores femininos

RUA DO OURO, 179
AV. GUERRA JUNQUEIRO, 3-D

NO PAVILHÃO: DER A QUEM TRABALHA, JÁ!"

contradições do domínio imperialista. É por isso que o desenvolvimento da Revolução Portuguesa, que tem as suas raízes nas lutas de libertação dos povos das colónias, encontra uma possibilidade de vitória na crise que atravessa aquele sistema de divisão e domínio do mundo que tinha assegurado, no pós-guerra, no Ocidente, a estabilidade. Portugal põe na Europa, em primeiro plano, a batalha da independência nacional, pelo direito dos povos de decidir o próprio destino, fora de qualquer ingerência externa.»

O CERCO

«A chantagem económica, política, diplomática e militar que as forças imperialistas procuram impor a Portugal, representa hoje, o maior ponto de força dos contra-revolucionários no nosso país», insiste o documento-moção, que em seguida se debruça sobre o M.P.L.A. e repete o apoio revolucionário ao povo português.

Realça ainda: «Contra o cerco imperialista e a chantagem económica, política e militar. Contra os provocadores da burguesia interna e internacional que procura bloquear o processo revolucionário português. Pela independência nacional e pela neutralidade no Mediterrâneo.»

Termina assim: «Pleno apoio à classe operária, ao proletariado, aos soldados e marinheiros revolucionários na sua luta contra o capitalismo, pelo poder popular e a democracia proletária. Ao lado do povo angolano e dos combatentes do M.P.L.A. na ofensiva contra as forças imperialistas, contra qualquer ingerência na solução dos assuntos internos, pela unidade nacional e a libertação total de Angola.»

Desenvolvidos estes pontos nesta sequência, escusado será aqui repetir as mesmas afirmações ou considerando



idênticos assinalados no decorrer do comício em que diversos intervenientes usaram da palavra. O discurso mais aplaudido depois das intervenções do capitão Calvino, da Associação dos Deficientes das Forças Armadas e de um representante do M.I.R. (Chile) traduzido para português — pertenceu a um operário da Fiat Mirafiori (Turim), membro da «Lotta Continua», organização política que se classifica autónoma e apartidária e propugna o «poder a quem trabalha, já».

A festa-comício, ou jornada-encontro, teve a abrinhan-

tá-la, além de Zeca Afonso, o cantor revolucionário italiano Pino Masi, bem como «Oficinas Samba» e um grupo autónomo revolucionário, composto por um trabalhador e uma operária, que cantaram «Doa a quem doer/a Revolução há-de vencer».

A IDEIA

É intenção, que, aliás, foi expressa por um dos oradores, da «Lotta Continua», sobretudo em Lisboa e Roma (e, em Portugal, com a participação da Associação de Amizade Revolucionária Portugal-Itália) pro-

mover em todas as capitais da Europa uma «Semana de Mobilização Internacional» em favor da Revolução Portuguesa, porque «o momento é grave» e «a mobilização internacional não pode demorar». «Ao capital imperialista que boicota, respondamos com as nossas lutas levando ao agravamento da crise do capitalismo», é ainda referido. A hora é de descer às ruas em toda a Europa e, assim, em Setembro, de 22 a 29, os países capitalistas ocidentais terão no seu âmago a demonstração da vontade — e vitalidade — revolucionária, através de comemorações e,

muito provavelmente em 27, manifestações em diversas cidades da Europa.

Porque, «numa situação de crise grave, na qual é convicção comum para todos os revolucionários que a luta contra o imperialismo e a reacção será sempre cada vez mais dura» e, para isso, todos nós devemos, como «trabalhadores italianos — lê-se num documento divulgado aquando da festa do Emigrante no último domingo, ainda pela «Lotta Continua» — trazer aqui o nosso compromisso concreto de solidariedade militante».

A Itália foi, é bom que se

recorde, o primeiro País do Ocidente onde os proletários desceram à rua em apoio à revolução Portuguesa. E daquele País, através de militantes revolucionários bem conhecidos, que se propõe realizar à escala europeia-capitalista manifestações de carácter autónomo e apartidário de apoio ao processo e ao povo português.

Resta dizer que a AARP-I nasceu em Maio, e que, no comício, cartazes como «Poder a quem trabalha, já», e «Cooperação para com a Revolução Portuguesa» emergiam num recinto onde, pode dizer-se, não cabia uma agulha.

AS MUITAS CARAS DA REACÇÃO

ela os «slogans» que usar. A análise da psicologia de massas não nos leva muito longe neste sentido, se bem atentarmos no que se passa no nosso país. Teoria e prática só representam uma e a mesma coisa, quando «amassadas», quer dizer, quando tonificadas pelas leis da história que permitem aos esquemas revolucionários determinar o caminho real da humanidade que nós somos.

Afirmar no papel uma ideologia e conservá-la, alimentá-la, demonstrá-la no dia-a-dia ou inseri-la numa certa realidade quotidiana, nada tem a ver com a ciência balofa dos demagogos de pacotilha, os quais no que fazem de hora a hora desmentem globalmente a sua linguagem, abastardados pelos vícios fascistas-capitalistas dos simples jogos, verbais, de que sempre resultou (como bem sabemos), uma finalidade retrógrada diante dos esquemas revolucionários. Ora bem. Tomar parte no

assalto à sede de um partido que contradiz, na teoria e na prática, a nossa sensibilidade política, pode assemelhar-se a qualquer coisa como um simples acto de *clubismo partidário*, visto que tal já aconteceu entre gente ligada aos futebolis. Mas isso era situar a questão num tempo e num espaço que não existe em Portugal neste momento. O que realmente existe, o que há, é uma reacção e uma contra-reacção, uma revolução que quer caminhar e uma acção contra-revolucionária que pretende, a todo o custo, travar o passo ao progresso social e político deste País. E não vejo maneira de distinguir entre reaccionários de direita, de meia direita e de ultraesquerda Tudo — mas TUDO — o que sirva para refrear a revolução, por muitas roupagens que traga, não deixará nunca de ser reaccionário.

Surgem-me estas considerações acerca dos acontecimentos ocorridos em Tavira, na noite de 8 para 9

do corrente. A tragédia esteve iminente e só não se concretizou graças à tranquilidade com que os elementos do P. C. P. local encararam o provável — e tentado — assalto à sua sede, localizada na Rua Estácio Veiga daquela cidade. Mas como nasceu o berbicacho? Vejamos a notícia do acontecimento: «Logo após o termo de um comício do M. R. P. P., efectuada no Cine-Teatro «António Pinheiro», cerca de 300 pessoas, entre as quais figuravam alguns marginais e agentes da reacção local bem conhecidos, dirigiram-se à sede do P. C. e tentaram penetrar no edifício por meios violentos. Os militantes que se encontravam na sede defenderam-se e conseguiram deter os assaltantes até à chegada de elementos das Forças Armadas, comandadas pelo tenente-coronel Pires (comandante do regimento de Tavira) e pelo capitão Moura, que tomaram posições junto ao edifício.» Verificamos facilmente

que houve um elemento preliminar importante na criação do clima emocional anticomunista que iria degenerar no acto de violência subsequente: o comício do M. R. P. P. no Cine-Teatro António Pinheiro, onde os insultos ao P. C. P. foram a nota dominante da noite. Depois... bem, depois, temos de garantir, porque assistimos ao acontecimento, que o M. R. P. P. perdeu o fio à meada, quer dizer, perdeu o controlo da situação. A saída do Cine-Teatro formaram-se vários grupos, dos quais não tardou a destacar-se um agente provocador que se dirigiu, isolado, à Rua Estácio Veiga, com a única intenção, como é óbvio, de iniciar a refrega. Mas não tardou que o seguissem os seus confrades. Três centenas de indivíduos concentraram-se junto à casa alvejada, insultado, atirando pedras, ameaçando arrombar a porta. Houve mesmo uma altura em que, diante da passividade dos três agen-

tes de autoridade ali colocados — um G. N. R. e dois P. S. P. — procuraram forçar a porta, o que quase iam conseguindo. O tenente-coronel Pires, com um pelotão sob o seu comando, achava-se a postos cerca da entrada do quartel de Tavira, isto é, a seis ou sete minutos de «Berliet» do local da contenda. O tenente-coronel Pires surgiu uma hora depois do choque mais violento, acabando por afastar os atacantes.

E logo, quase de imediato, alguém em Tavira nos vem dizer que o M. R. P. P. nada tinha a ver com a confrontação, na base da qual, segundo as suas palavras, estavam apenas os elementos reaccionários locais.

Há aqui uma parte de verdade que temos de respeitar. Na realidade, o M. R. P. P. só criou as condições ambientais. Foi o ponto de lança. Em seguida abandonou o processo ou este fugiu-lhe das mãos. Mas em todo o caso lançara a pri-

meira acha e, ao mesmo tempo, deixou que elementos seus se mantivessem nas fileiras dos provocadores. E bem activos.

O incidente, que por mera circunstância não passou disso, podia ter atingido proporções dramáticas. Ateado, não o esqueçamos, por um comício onde pontificou a verborreia anti-P. C. P. da organização de Arnaldo Matos. E se os fins não eram os que estiveram à vista, então que outra finalidade visava um comício que se sabia de antemão fracassado e numa zona onde o anticomunismo pelo menos não tinha vindo para a rua? A resposta a estas perguntas é evidente. O perigo é fugirmos à sua denúncia. Porque, enquanto nos refugiarmos no comodismo dos termos literários e não chamarmos as coisas pelos seus nomes, a reacção vai caminhando com, pelo menos, suas sete caras...

JOSUÉ DA SILVA

Geral

GOVERNO NACIONALIZA HERDADES DE REGADIO

Por decisão do Governo, vão ser nacionalizados os prédios rústicos beneficiados, no total ou em parte, pelos aproveitamentos hidroagrícolas do Caia, Campilhas, S. Domingos e Alto Sado, Divor, Loures, Idanha, Mira, Odivelas, Roxo, Vale do Sado e Vale do Sorraia, pertencentes a pessoas singulares, sociedade ou pessoas colectivas de direito privado, incluindo as de utilidade pública, que sejam proprietárias, no conjunto dos perímetros daqueles aproveitamentos, de uma área beneficiada que se verifique corresponder a mais de 50 mil pontos.

O diploma considera extintos os direitos, ónus reais e outros encargos que incidam sobre esses prédios e garante aos proprietários atingidos o direito de reservar, na zona nacionalizada, a propriedade de uma área de terra, a demarcar

em função do ordenamento global de explorações e estabelecer até ao limite correspondente a 50 mil pontos, desde que explorem directamente a terra de que são proprietários, retirem exclusiva ou predominantemente da exploração agrícola directa os seus meios de subsistência e da sua família e não mantenham terras incultas ou subaproveitadas.

Não gozam deste direito as pessoas colectivas, quer sejam sociedades comerciais ou civis sob forma comercial, fundações ou outras associações.

A propriedade das terras só pode ser transmitida, por sucessão, a favor dos herdeiros legítimos ou, mediante negócio «intervivos», a favor do Estado, sendo por outro lado proibida a divisão do prédio rústico reservado.

O Instituto de Reorgani-

zação Agrária entra imediatamente na posse das áreas nacionalizadas, independentemente de prévia fixação e pagamento das indemnizações devidas.

CONTROLO NA PRODUÇÃO DE CORTIÇA

Um outro diploma inserto na folha oficial declara indispensável e submetida a controlo estadual toda a produção de cortiça amadia, extraída ou extrair, nos termos usuais, na campanha deste ano, de todas as propriedades sujeitas à aplicação ou abrangidas pelas medidas de expropriação e nacionalização ou que, independentemente desse requisito, obtenham, no ciclo usual de nove dez anos, mais de 25 mil arrobas de cortiça.

Para já, este regime é apenas aplicável aos distritos de Beja, Castelo Branco, Évora, Faro, Lisboa, Portalegre, Santarém e Setúbal.

COUTADAS EXTINTAS

O «Diário do Governo» publicou também um diploma que extingue todas as coutadas com excepção das reguladas pelo Decreto-Lei 733/74. Os concessionários das coutadas tinham a obrigação de arrancar todos os sinais convencionais e de proceder à adequada alteração das tabuletas até 1 do corrente. Com vista ao ordenamento cinegético do território nacional, serão delimitadas zonas onde o exercício de caça é vedado ou condicionado, temporária ou permanentemente.



TORTURADORES GREGOS IGUAIS AOS NAZIS

Dimitrios Tsatsos, de 42 anos, antigo professor de Direito na Universidade de Bonn, e actual deputado da União do Centro descreveu perante o Tribunal Militar de Atenas, onde está a decorrer o julgamento dos torturadores, os métodos de tortura utilizados pela Junta Militar. Tsatsos afirmou que os prisioneiros do departamento especial de investigação da Polícia Militar de Atenas eram mantidos em isolamento, o que lhes provocava perturbações mentais. As torturas eram semelhantes às dos nazis, e o departamento especial nada ficava a dever a Dachau — disse ainda Tsatsos. Na fotografia: Dimitrios Tsatsos fotografado enquanto prestava o seu depoimento. O tom veemente das suas declarações levou a um incidente, pois os advogados da defesa dos carrascos do povo grego saíram a certa altura da sala do tribunal, após uma alteração com a testemunha de acusação. (Telefoto UPI-Telimprensa).

FINALMENTE AS BEIRAS À BEIRA DA INDEPENDÊNCIA

Pela quarta vez, ao que parece, um grupo de inconformados beirões acaba de avisar o país e o universo de que vai fazer independência. Movidos por extremado patriotismo os regional-individualistas propõem-se libertar dum só golpe todas as Beiras geograficamente conhecidas e as que injustamente sofrem em agreste clandestinidade, as opressões da colonização.

Assim, pela quarta vez, insistimos os viriatos separatistas, com significativa atitude de paciência, enviam de Algueres, Território Livre das Beiras, um comunicado seu «Movimento». Texto lucidíssimo e do mais acentuado patriotismo, o «Documento Viriato» vem na hora própria, a 14 de Agosto, data comemorativa da Batalha de Aljubarrota.

A importância do comunicado e a originalidade das medidas que reclama, impõem que o transcrevamos na íntegra:

O Directório do Movimento da Independência das Beiras (M.I.B.), reunido extraordinariamente, face ao clima de anarquia e descontentamento que se está a viver actualmente em Portugal, deliberou:

1.º — Repudiar totalmente a deliberação da Assembleia do M.F.A. em delegar na «Troika» — dos triunviratos a Leste —, todo o poder executivo.

2.º — Face ao poder ditatorial do Triunvirato e da escalada comunista-estalinista, da 5.ª Divisão do EMGFA e outros, o M.I.B. apoia o povo das Beiras na luta para a sua total independência, até às suas últimas consequências.

3.º — O Norte, mas principalmente as Beiras, votaram Socialismo em Liberdade, nas votações de 25 de Abril último.

4.º — Ficou deliberado a luta total pela sua independência, caso não seja respeitada a vontade da maioria, e não

sejam satisfeitos os seguintes pontos:

a) — Eleições para Presidente da República, por sufrágio directo e universal.

b) — Escolha de um Presidente do Conselho, da confiança dos partidos maioritários.

c) — Dissolução da 5.ª Divisão do EMGFA — pró-comunista / estalinista e imparcialidade total e apertidária do Copcon.

d) — Que os Ralis, deixem de voltar a participar em manifestações populistas, pois soldados e marinheiros devem continuar a manter a neutralidade e apartidarismo, pois desfilas de chaimites-pagos pelo povo — e comandados pelo comunista Diniz de Almeida, não podem continuar a apoiar grupelhos minoritários.

e) — Sejam feitas eleições livres, até ao fim do corrente ano, para as Camaras Municipais e autarquias locais.

f) — Sejam entregues aos seus verdadeiros proprietários, o «Jornal República» e Rádio Renascença.

g) — Passe a ser respeitado o pluralismo político-económico — Social e religioso em todos os órgãos de informação, nomeadamente na Televisão, Emissora Nacional e jornais nacionalizados, que o contribuinte português está a pagar.

h) — Que a composição do Governo Provisório seja feita por todos os partidos, representados na Assembleia Constituinte, respeitando na sua composição as percentagens eleitorais de cada um.

i) — Sejam entregues aos seus verdadeiros donos, todas as Empresas, Casas e Propriedades, espoliadas pelo Governo Provisório ou ocupadas indevidamente, por grupos telecomandados.

j) — Sejam feitas eleições livres para todos os Sindicatos, que foram tomados de assalto por ordens do Cunhal.

k) — Seja mantida em Activa uma autoridade firme e decidida, em defesa de toda a população-negra ou branca e não seja promovida a independência daquele território que, sem ali haja as condições necessárias para a continuação da vida normal de todos os cidadãos até que os Movimentos de Libertação actuais ou outros, estejam em condições de poder receber o testemunho do poder governativo.

Destes pontos acima expostos, o M.I.B. não abdica, pois são as condições mínimas e indispensáveis caso contrário, «A Luta Continua».

VIVA O ESTADO INDEPENDENTE DAS BEIRAS

Três dias sem comunicações

Serviço de Relações Públicas dos Correios e Telecomunicações: o País estará três dias sem distribuição postal.

Efectivamente, os serviços dos CTT estarão encerrados no sábado, dia 16, mantendo-se apenas em funcionamento as estações que habitualmente servem o público aos domingos, com horário idêntico ao praticado nestes dias.

Com a presente disposição, pretende-se proporcionar aos trabalhadores dos CTT a possi-

bilidade de efectuarem a «ponte», uma vez que, sendo amanhã feriado oficial, não se cre (segundo afirma o referido Serviço de Relações Públicas) que semelhante medida afecte os utentes, já se prevê que grande parte destes virá a beneficiar de idêntica regalia.

Embora os trabalhadores mereçam descanso, cabe aqui um reparo: durante três dias o País estará privado de comunicações postais e telefónicas não automáticas.

Conde de Barcelona regressa ao Estoril

MADRID, 13 — (A. N. I.) — Segundo notícias publicadas pela Imprensa madrilenha de hoje, o Conde de Barcelona deverá regressar ao Estoril, neste fim-de-semana depois de ter permanecido vários dias em Londres.

Embora a princípio se pensasse que D. Juan viajasse posteriormente para Palma de Maiorca onde se encontra o fi-

lho, o príncipe D. Juan Carlos, essa notícia parece não se confirmar.

Após o discutido discurso de D. Juan de Bourbon no Estoril, a 14 de Junho, que lhe valeu a proibição de entrar em território espanhol, falou-se já em mais de uma ocasião que aquela disposição do generalíssimo Franco ficaria sem efeito, mas até este momento nada se vê em contrário.

Salto para a morte

ÉVORA, 14 — Faleceu no Hospital Distrital, para onde entrara em estado comatoso, o serralleiro de 18 anos José Vicente Dias Mendes, morador na Quinta do Teles, vítima de acidente ao saltar da prancha mais alta de uma das piscinas municipais.

José Vicente Mendes subira aos 10 metros por desafio: pou-

co sabia de saltos, como atestam amigos que o viram despenhar-se. Retirado da água já inconsciente, tinha fractura da base do crânio e suspeita de fractura da coluna vertebral, lesões bastantes para lhe apagar o sopro de vida com que o «115» o levou ainda ao banco hospitalar.

AMBULANTES DO PORTO

PORTO, 14 — Da comissão administrativa da Câmara Municipal do Porto, através do M. C. S., recebemos o seguinte comunicado:

«De acordo com a decisão tomada em reunião do Conselho Municipal do passado dia 8 de Agosto, a Praça de Lisboa

passará a ser utilizada por vendedores ambulantes.

Em face do exposto, avisam-se os automobilistas e o público em geral de que a partir do próximo dia 18, do corrente mês é proibido o estacionamento de veículos automóveis naquela Praça».

24 horas no Mundo

■ Treze membros do Exército Vermelho Japonês entraram em Espanha com o objectivo de libertarem da prisão elementos da E.T.A. e da FRAP — revela o jornal «Arriba». Entretanto explodiu uma bomba num centro de formação profissional, dirigido por jesuitas, na localidade de Vitória (no País Basco).

■ A secretária-geral da Juventude Comunista Chilena, Gladys Marin, afirmou em Moscovo que o carácter fascista da Junta Militar se tornou cada vez mais acentuada. A única saída do povo chileno será a luta armada contra os seus carrascos — afirmou Gladys.

■ O México tornou-se a terceira nação não comunista do Mundo a concluir um acordo de cooperação com o bloco comercial dos países socialistas europeus-COMECON.

■ O Exército americano reconheceu que se serviu de quatro mil cabaças humanas para estudar os efeitos do alucinógeno LSD.

■ Novos incidentes eclodiram em Boston (Massachusetts) que foi já teatro de conflitos raciais nestes últimos três fins de semana.

■ A República do Vietname do Sul condenou o veto americano à sua admissão na O.N.U., considerando-o um acto hostil contra o povo vietnamita

■ A recrudescência de cólera na União Indiana causou já 93 vítimas no Estado do Bihar.

■ O bispo Abel Muzorewa, dirigente do movimento nacionalista negro rodesiano, Conselho Nacional Africano, declarou num comunicado tornado publico na capital da Zâmbia, que a sua organização irá travar conversações com o Gover-

no racista de Salisburia, tendo confirmado que o encontro se efectuará antes do 25 deste mês em «terra de ninguém», mais propriamente junto das cataratas de Vitória.

■ O primeiro-ministro da África do Sul, John Vorster, deixou Juanesburgo com destino à capital do Paraguai, primeira etapa da sua viagem oficial de oito dias à América Latina, a primeira deslocação oficial até hoje realizada de um chefe do Governo sul-africano à América Latina.

■ Os E.U.A. contam actualmente com seis mil médicos negros, não tendo este efectivo progredido desde há cinco anos.

■ O embaixador cubano em Buenos Aires e o seu condutor escaparam ilesos de um atentado — anunciou a polícia.

■ Mais de cem jornalistas de Madrid dirigiram ao ministro do Exército uma carta, onde acusam a acção militar contra o jornalista Huertas Claveria de «atentado contra a liberdade de informação e o livre exercício da profissão jornalística».

■ O «Times» de Lagos (Nigéria) revela um escândalo financeiro no que estariam implicados funcionários demitidos pelo novo Governo nigeriano. A fraude envolveria sete milhões de dólares e terá tido lugar no Estado Centro Oriental, cuja administração local foi uma das doze a serem exoneradas pelos novos dirigentes do País.

■ Dois dos mais recentes navios norte-americanos seguem este mês para a Europa a fim de demonstrarem as suas possibilidades no que respeita a potencial nuclear. Trata-se do «Nimitz», «South Carolina» e «Seahorse».

Dirigentes militares argentinos discutem participação no Governo

BUENOS AIRES, 14 (ANI e F. P.) Os dirigentes militares argentinos reúnem-se hoje a fim de esclarecer o papel das Forças Armadas no Governo civil da presidente Maria Estela Perón. a Reunião foi convocada para as 9 horas locais (12 TMG).

Os militares começaram a manifestar o seu descontentamento com a nomeação do coronel Vicente Damasco para o cargo de ministro do Interior, o primeiro militar a fazer parte de um Governo desde que as eleições de 1973 puseram fim a sete anos de Governo militar na Argentina.

As Forças Armadas do país têm lutado pelo não envolvimento no Governo da sra. Perón e têm afirmado repetidamente que só actuarão se a segurança pública estiver em perigo.

A agência noticiosa «Noticias Argentinas» divulgou ontem que Damasco pediria para passar à reserva, numa tentativa para acalmar a situação po-

tencialmente explosiva. Entretanto, o secretário-geral da Confederação Geral do Trabalho (C. G. T.), Casildo Herreras, retirou ontem o seu pedido de demissão perante o Comité Central Confederal da Organização.

Entretanto, na cidade de Tucuman, 1142 quilómetros a Noroeste de Buenos Aires, foram descobertos três cadáveres calcinados dentro de um automóvel abandonado numa estrada próxima da localidade de Familia.

Nesta localidade está situada o comando das Forças do Exército que participam em operações contra uma campanha do Exército Revolucionário do Povo (E. R. P.).

Um guerrilheiro morreu ontem quando, com mais três pessoas, atacou o comissariado da Polícia da localidade de Florencia Varela, na provincia de Buenos Aires.

Nas cidades de Mar del Plata, Santa Fé, Rosário e Cordoba registaram-se atentados com dinamite.

Na última cidade foram lançados panfletos do E. R. P.

POLÍTICA EXTERNA

A Argentina manterá relações com todos os países do Mundo afirmou ontem o novo ministro dos Negócios Estrangeiros, Luis Federico Roleda.

Usando da palavra no seu acto de posse, o novo ministro acrescentou que a sua política consistiria igualmente na defesa da soberania e independência do país e revelou que a Argentina participará no fim do mês na conferência dos «não-alinhados», marcada para Lima.

«MONTONEROS» PRESOS

Dois importantes dirigentes dos «Montoneros» (Organização Revolucionária dos peronistas da esquerda), Raul Alcoba e Hugo Ernesto Godoy, estudantes universitários, foram presos conjuntamente com dois outros membros da Organização, anunciou quarta-feira a Polícia da capital argentina.

Segundo a Polícia, Raul Alcoba viajou em 1964 aos Estados Unidos, a Cuba, a Paris e, finalmente, a Praga onde terá contactado com militantes marxistas-leninistas.

O universitário terá confessado ter participado em 1969 na criação da Frente de Libertação Nacional, movimento que agrupava militantes para reforço das guerrilhas conduzidas na Bolívia por «Che» Guevara.

Continuação da pág. 5

EXPLOÇÃO EM BELFAST

- Quatro mortos
- 31 feridos

BELFAST, 13 (R) — Morreram quatro pessoas e 31 ficaram feridas ontem à noite nesta cidade em consequência da explosão de uma bomba arremessada sem aviso para o interior de uma taverna cheia de gente num dos bairros protestantes da cidade.

A deflagração, que destruiu parcialmente o Bayardo Bar em Shanill Road, esfacelou pernas a braços, receando-se que o balanço de mortos venha ainda a subir.

Pouco antes da meia-noite, um carro parou defronte da taverna, conhecido ponto de reunião da Associação de Defesa do Ulster (U.D.A.), organização paramilitar protestante. Dois homens apearam-se e enquanto um deles abatia dois guardas de segurança e varria o bar a rajadas de metralhadora, o outro lançou a bomba, que explodiu quase imediatamente. Amboas fugiram depois no seu carro.

A Polícia e o exército britânico instalaram barricadas por todo o centro da cidade como minutos depois do incidente e várias pessoas foram detidas para averiguações.

Polícias, soldados e civis esforçaram-se durante horas para libertar pessoas sepultadas sob os destroços do tecto que abateu. Uma frota de ambulâncias transportou os feridos, muitos dos quais mulheres, pa-

ra o hospital onde os médicos lutavam por salvar a vida de alguns.

Uma mulher ferida contou que a «bomba rebentou imediatamente sacudindo todo o prédio até aos alicerces». Outra testemunha, um homem, declarou que tudo «foi tão rápido que é impossível saber como aconteceu».

No passado, o Bayardo Bar foi alvo de vários incidentes de bombas e tiros quando uma feroz rivalidade opunha a U.D.A. à Força Voluntária do Ulster (U.V.F.), outra das milícias armadas dos protestantes da Irlanda do Norte.

EVASÃO

DUBLIN, 14 (F.P.) — Dois membros importantes do I.R.A., «provisório» evadiram-se durante a noite de quarta para quinta-feira do hospital militar de Curragh (Condado de Kildare, a Sudoeste de Dublin), onde se encontravam detidos.

Eamonn O'Sullivan cumpria a pena que lhe valeu a sua participação no assassinato de um senador. Sean McGettigan encontrava-se preso sob acusação de ter tentado uma evasão conjunta dos detidos na prisão de Portlaoise também a Sudoeste da capital da Irlanda.

Os dois homens tinham sido recentemente transferidos de Portlaoise para o hospital militar de Curragh.

Egipto e Israel acordo próximo

CAIRO, 14 (R) — O secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger, deve deslocar-se ao Egipto na próxima semana a fim de ajudar a resolver as diferenças ainda existentes entre o Egipto e Israel para a conclusão de um novo acordo provisório sobre o Sinai — anuncia hoje o autoritário jornal cairota «Al-Ahram».

Acrescenta que Kissinger visitará também a Síria, a Arábia Saudita e a Jordânia.

O porta-voz oficial egípcio

Tah In Bachir confirmou que as posições dos dois países estão a convergir cada vez mais sobre o recuo das tropas israelitas nos desfiladeiros estratégicos de Mita e Giddi e nos campos petrolíferos do Sinai. Disse, porém, que a data para a visita de Kissinger ainda não está definitivamente fixada.

Segundo círculos bem informados, Kissinger procurará limar as diferenças e selar um acordo durante a sua nova missão ao Médio Oriente.

damental de que só desta forma se servem os interesses das classes trabalhadoras, e de que as contradições existentes só no seio do povo poderão ser resolvidas.

11. Para garantir a execução deste programa é necessária a definição do Poder Executivo que se responsabilizará por ele: que terá de ser um poder de transição. Este poder de transição será constituído pelo M.F.A. e por todas as organizações políticas verdadeiramente revolucionárias, que reclamem e defendam o poder para os trabalhadores. Como tal terá de ser grantada como primeira medida e como fulcro do poder a construir, a realização, de facto, da aliança M.F.A.-POVO. Este poder será, pois, a direcção política deste período transitório até à realização da Assembleia Nacional Popular.

ORGANIZAÇÃO INTERNA DAS FORÇAS ARMADAS

1. A elaboração de uma proposta como esta que se pretende revolucionária, essencialmente apoiada na aliança M.F.A.-POVO, abordando apenas o sector popular, não tratando, ainda que superficialmente o aspecto interno das Forças Armadas constituiria um erro grave, cujas evidentes contradições poderiam assumir aspectos contra-revolucionários.

2. Assim, e de forma muito sucinta, considera-se indispensável que a estrutura interna das Forças Armadas necessita de ser repensada a curto prazo vi-



INCÊNDIO NA BAIXA SAXÓNIA PODE ALASTRAR À R.D.A.

ANOVER (Alemanha Federal), 14 (ANI) — Onze mil bombeiros continuam a lutar para dominar um incêndio que há seis dias lava no Nordeste da Alemanha Federal e que devastou uma área entre 30 e 55 quilómetros quadrados.

O incêndio provocou já a morte de seis bombeiros. Um foi vitimado por um ataque cardíaco e os restantes cinco morreram carbonizados depois de sua viatura ter sofrido uma avaria.

Três aviões anfíbios franceses foram emprestados às autoridades da Alemanha Federal para colaborar no combate às chamas.

Os aparelhos lançam toneladas de água numa tentativa para controlar o incêndio.

Brigadas de engenharia do Exército cavam entretanto fossos com dez quilómetros de extensão e duzentos metros de largura a fim de tentar impedir o alastramento das chamas, as quais atingem uma altura de trinta metros e têm progredido em certos locais a uma velocidade de quinze quilómetros por hora.

Segundo Armin Gruenewald, informador do Governo de Bona, os guardas fronteiriços da Alemanha Federal preveniram os seus

colegas da República Democrática Alemã de que o fogo podia alastrar para o outro lado da fronteira.

As equipas de salvamento evacuaram as aldeias de Giffhorn, Cell e Luechow, na Baixa Saxónia, num total de dois mil habitantes.

Os bombeiros calculam que os prejuízos se elevam a mais de quarenta milhões de marcos, devido a grande quantidade de árvores consumidas pelas chamas. Apenas uma dezena de casas foi até agora destruída no incêndio.

Na telefoto: imagem do combate ao maior incêndio até hoje deflagrado na Alemanha Federal.

DOCUMENTO DO COPCON

sando, sobretudo, os aspectos seguintes:

a) **Forma organizativa de classe**

— Os militares deverão organizar-se de acordo com as diferentes classes existentes, debatendo livremente os seus proble-

mas de classe, e elegendo democraticamente os seus representantes às ADU; que serão os porta-vozes das conclusões encontradas;

— As soluções preconizadas nas ADU, e que tenham implicações na vida colectiva da unidade, deverão ser debatidas em AGU, de modo a possibilitar um consenso geral, base indispensável da coesão e disciplina;

b) **Regalias sociais**

— Deverão ser tomadas providências imediatas no sentido de ser conseguido uma sensível elevação do nível de vida das praças, nomeadamente pela modernização das instalações, aumento substancial do pré, atribuição generalizada da subvenção de família e abano de família, etc.

c) **Reforço de disciplina**

— Intensificação da dinamização interna nas unidades, debatendo e analisando conjuntamente os problemas, sem restrições, consolidando a coesão por meio de uma disciplina consentida feita de esclarecimento, e só ela permitirá a entrega total dos militares à sua patriótica missão de defesa intransigente dos interesses do povo português.

CONCLUSÃO

O presente projecto constitui a única proposta viável e realista que se oferece ao povo português para a sociedade socialista que se pretende alcançar, e constituir uma recusa firme e total ao FASCISMO, à SOCIAL-DEMOCRACIA, à CAPITALISMO DE ESTADO, formas de exploração que negam a real

emancipação das classes trabalhadoras.

Viva a aliança entre operários e camponeses
Viva a aliança indestrutível entre os trabalhadores e as Forças Armadas Revolucionárias
Viva a aliança M.F.A.-POVO
Viva a Revolução Socialista
VIVA PORTUGAL!

LOTARIA DE HOJE

NÚMEROS PREMIADOS

1.207 — 3.000.000\$00
10.767 — 1.000.000\$00
7.808 — 500.000\$00

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

1.206 — 52.400\$00
1.208 — 52.400\$00

PRÉMIOS DE 30 CONTOS

5.390	5.508	6.721	7.251
7.739	8.231	8.485	9.289
9.638	10.055	11.855	14.267
14.782	14.784	19.596	21.665
21.717	21.849	21.895	24.381
27.516	28.197	30.347	31.537
32.102	33.073	36.556	36.963
38.022	38.085	38.326	38.862
41.155	41.467	41.644	43.942
44.210	47.048	49.067	49.759
50.170	51.580	51.786	56.958
58.126	58.449	59.921	

PRÉMIOS DE DEZENA

Os números de 1.201 a 1.210

PRÉMIOS DE 800\$00 (CENTENAS)

1.201 a 1.300 7.801 a 7.900 e 10.701 a 10.800

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

São contemplados com 10.000\$, em cada bilhete, todos os números cujos três últimos algarismos sejam 053, 061, 179, 359, ou 422. Os números cujos dois últimos algarismos sejam 41 ou 49 têm direito a 1.000\$, de prémio. Os restantes números cujo último algarismo — terminação — seja 7 são contemplados com 400\$00, também em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

Espectáculos

TEATRO SOB AS ESTRELAS — 1

...E OS FASCISTAS COMEM PALHA!

Na esplanada do castelo de Montemor-o-Velho, belíssimo enquadramento onde foi levantado o palco destinado ao Festival de Teatro organizado pelo C.I.T.E.C., quando as luzes se apagam dir-se-ia que basta estender um braço para apanhar meia dúzia de estrelas que cintilam sobre as nossas cabeças. Há quinhentas cadeiras completamente ocupadas e ainda gente de pé. As pessoas tiveram que subir para vir até aqui, e têm-no feito todas as noites. Há ainda interesse pelo teatro... Viemos até Montemor-o-Velho a pretexto de um colóquio em que, na companhia de Viriato Camilo, debatemos alguns problemas do teatro português, e sobretudo do teatro amador: problemas do repertório, dificuldades com a dinamização, fórmulas de apoio. O público, a crítica, o teatro comercial (com incidência especial no caso da «Piscina»). O colóquio efectuou-se no Teatro Esther de Carvalho, espaço interessante pelas pinturas que ainda conserva, lembrando o interior de uma igreja, e imagem muito marcada de como o teatro reflectia a divisão de classes. Duas ou três filas de cadeiras de palhinha, à frente; meia dúzia de bancos, atrás; bancadas (para o povo); em cima dois balcões e camarotes, tudo muito pequeno e muito dividido. De cada lado do palco, duas escadas de púlpitos para as individualidades mais importantes. (O nome do teatro é uma homenagem a uma actriz montemorense que se celebrou no final do século passado e que, segundo Sousa Bastos, tinha tanto de talentosa e de atraente como de desequilibrada).

Como escrevemos, o Festival decorre no castelo. De Évora, o Grupo Cénico da Sociedade Recreativa e Dramática Eborense trouxe uma montagem da peça de Miguel Barbosa, «O Palheiro», além de um

acto de colagens. Como não conhecíamos o grupo, o espectáculo constituiu para nós uma surpresa. «O Palheiro» é possivelmente a melhor peça do autor, aquela em que o dramaturgo conseguiu uma mais eficaz fusão entre uma escrita inconcênica e directa, uma situação de teatro de absurdo, e um projecto político em que há alguma coerência. «O Palheiro» é a história de três vagabundos que enganam a fome construindo histórias imaginárias. O dono do lugar (um conde), sabedor do caso, resolve fazer-lhes uma partida e apresenta-se no palheiro como se ele e os convidados fossem os visitantes reais com que os vagabundos sonhavam (Miguel Barbosa ter-se-ia inspirado no «D. Quixote»). Se a rainha de Inglaterra não pôde aparecer, aí estão Maria Antonieta, ainda com a cabeça sobre os ombros e um tal Einstein II, entre outros. Há um diabo, que personifica o imperialismo americano, o que torna mais incongruente e inócua a sua presença, pois vê-se que ele é mais manipulador do que manipulado. A peça é constituída por uma série de episódios e de histórias que vão sucedendo entre as personagens — sendo de registar as mutações que o conflito sofre à medida que o autor inventa novos «truques» (alguns com graça). A moral a tirar da história é bastante óbvia: os exploradores de um lado, os explorados do outro, vítimas não só dessa situação de coexistência, como das graças que os senhores se permitem fazer para passar o tempo. Não vale a pena tirar profundas ilações políticas desta parábola (para além das situadas ao nível das intenções e das palavras) porque só com muito boa vontade será possível ver nos três vagabundos (um, o ingénuo; outro, o sonhador; o terceiro, o contestatário) representantes correctos das classes trabalhadoras. Miguel Barbosa é mais um

homem de teatro do que um homem de ideologias; é capaz de criar uma situação dramática, mas dificilmente poderemos levar a sério a sua filosofia política que, a nível teatral, nos surge marcada por um idealismo que, aliás, não anula necessariamente as concepções revolucionárias (possíveis) do cidadão. O colóquio que se seguiu ao espectáculo foi um bocadinho vítima dos equívocos que se levantaram à volta destes problemas. Aliás, parece-nos que será de chamar a atenção para o facto de que um espectáculo para se inserir no nosso processo revolucionário não precisa de acabar com tiros de metralhadora. Se pensarmos bem, o desfecho do espectáculo ilustra um «slogan» utilizado, e justamente, por forças revolucionárias: «A terra a quem a trabalha — os fascistas comem palha». Nesse desfecho, vemos os vagabundos saírem de cena oferecendo mãos-cheias de palha aos ricos.

O importante, parece-nos, é o grupo ter conseguido transformar este texto, aparentemente descolado e difícil, num espectáculo marcado por uma grande coerência. Trabalho feito a sério, resultado de um estudo muito meditado, esta encenação confirma as capacidades, quantas vezes insuspeitadas, do nosso teatro amador. Quando ouvimos certos remosques (lisboetas) ao teatro amador, não podemos deixar de gozar perante a superioridade de tantos espectáculos feitos por amadores sobre espectáculos profissionais (bastaria comparar este Miguel Barbosa com o recente Miguel Barbosa do Teatro do Nosso Tempo).

Se a encenação é correcta desde o levantamento da cena até à marcação devemos salientar a forma como os actores foram dirigidos, o que é muitas vezes um ponto fraco do nosso teatro amador. A homogeneidade do conjunto alia-se ao acerto dos tempos, ao ritmo do gesto, ao bom desenho no espaço, ao à-vontade. Actores jovens e menos jovens (dentro destes, um velho amador que irresistivelmente nos lembrou Jean Renoir) conseguiram uma coisa que não é muito vulgar: transformar um texto que está longe de ser notável num espectáculo brilhante, harmonioso e convincente. Adjectivos que o nosso teatro profissional não merece muitas vezes.

Infelizmente o acto de colagens com que desnecessariamente o espectáculo terminou, desmentiu em parte a boa impressão que o grupo nos deixara. Com alguns poemas e canções de protesto o grupo pretendeu difundir um tipo de literatura que não chega ao público. No entanto, esse gesto falha pelo pretensiosismo que o marca e pela falta de qualidade de muitos dos textos.

«O Palheiro», de Miguel Barbosa, e acto de colagens, pelo Grupo Cénico da Sociedade Recreativa e Dramática Eborense. Direcção de cena: Maria João. Colaboradores: Arménio Candeias, Silva Godinho, José Zambujo, Fernando Lino, Jesuino Zambujo, Augusto Lino, Constantino Ferreira, Albino Baptista. Intérpretes: Vítor Zambujo, Arquimínio Silva, Augusto Vieira, Lina Candeias, João Louro, João M. da Rocha, Eduardo Lino, António Candeias, Ricardina Maria, Joana Cabral, Dade Carrajeta, Manuel Mendes, Francisco Ceia, António Candeias, Fernanda Maximino, António Carvalho, Clara Nobre, Virgolino Brito. Festival de Teatro de Montemor-o-Velho, 2-8-75.

CARLOS PORTO



«Poetas Andaluces de Ahora» é uma intenção, possivelmente incompleta, mas sem dúvida séria de responder (ao cabo de quase seis anos de cantar os grandes poetas) à pergunta: Que cantam os poetas andaluces de hoje? Que procuram? Que sentem?... Depois de quase dois anos de preparação, sondagem e contactos com a poesia andaluza actual, com os seus movimentos e revistas, com os seus homens, etc., e de seis meses de intenso trabalho sobre os textos, «Agua Viva» lança este disco em que recolheu poemas de Rafael Ballesteros, Yvon De Lo, António Lopez Luno, José Infante, José Heredio Maya, Francisco Galvez, Fernando Herlo e Angel Rodriguez Dias. A música pertence a Manolo Diaz

SINDICATO DOS PROFESSORES

ENSINO PARTICULAR

CONTRATO COLECTIVO VERTICAL DE TRABALHO

No prolongamento do período de conciliação foi por fim acordada a data de entrada em vigor do contrato, evitando-se deste modo a intervenção arbitral. A proposta aceite foi formulada pelo Ministério do Trabalho como plataforma possível de entendimento, depois deste assunto ter sido debatido reunião atrás de reunião e após nove horas consecutivas de diálogo na última negociação.

O texto acordado estipula que o contrato entrou em vigor, para todas as cláusulas incluindo despedimentos e exceptuando as que implicam aumento de encargos financeiros, em 1 de Junho de 75. A 1 de Agosto de 75 para todas as outras cláusulas, sendo as novas tabelas salariais deflacionadas em 7 % nos meses de Agosto e Setembro. Estabelece ainda o acordo que este ano, excepcionalmente, o subsídio de férias não será a 100 %, mas 50 % dos salários vencidos pelo antigo contrato e até um máximo de três mil escudos.

Está, assim, a negociação do contrato terminada no fundamental, faltando, para concluir, um trabalho final de fixação de aspectos técnicos de certas cláusulas e de apuramento da redacção definitiva. Até que o texto, rectificado pelo Ministério do Trabalho, possa ser dado à estampa devem os trabalhadores dirigir-se aos seus Sindicatos a fim de se informarem sobre outros pontos da contratação.

Pe'l'A Comissão Directiva
(Ilegível)

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA METALÚRGICA E METALO-MECÂNICA DO DISTRITO DE LISBOA

CICLO DE CURSOS DE FORMAÇÃO SINDICAL

Com o objectivo de proporcionar aos Delegados Sindicais uma formação Sindical básica, o Sindicato tomou a iniciativa de reestimar uma série de Cursos de Formação Sindical, que embora ao nível da iniciação se revestem de uma importância decisiva, pois em cada um dos Cursos são ministradas noções e conceitos fundamentais para a compreensão dos respectivos temas.

A realização destes Cursos vai inserir-se no actual processo revolucionário. A liquidação do fascismo, as nacionalizações, a reforma agrária, as Assembleias Populares Unitárias, cada etapa vencida rumo ao socialismo, encontra uma oposição cada vez mais encarniçada das forças reacçãoárias e dos grupos monopolistas atacados nos seus interesses vitais.

Os Cursos de Formação Sindical não estão estruturados com base numa formação erudita ou académica, mas ao contrário, com uma base teórica inserida na luta de classes, particularmente na luta ideológica contra as falsas teorias e argumentos utilizados pela burguesia para tentar desacreditar, aos olhos dos trabalhadores, as conquistas e as vantagens do sistema Socialista Mundial sobre o Capitalismo.

A Comissão Directiva está confiante que esta iniciativa terá o melhor acolhimento e que a partir dela será possível lançar as bases para uma acção de Formação Sindical permanente. Estes Cursos iniciar-se-ão a 19 de Agosto de 1975, às 20 horas, nas instalações do nosso Sindicato, na Calçada de Santos, n.º 3-2.º Esq.

O Ciclo compreende os seguintes cursos:

- 1 — A SITUAÇÃO POLÍTICA E O PAPEL DOS SINDICATOS
- 2 — NOÇÕES GERAIS DE ECONOMIA E SITUAÇÃO DA ECONOMIA PORTUGUESA
- 3 — OS SINDICATOS POR RAMOS DE ACTIVIDADE
- 4 — NOÇÕES GERAIS SOBRE CONTRATAÇÃO COLECTIVA
- 5 — NACIONALIZAÇÕES E CONTROLO OPERÁRIO
- 6 — PAPEL DOS SINDICATOS NA SOCIEDADE SOCIALISTA
- 7 — BREVE RESENHA DO MOVIMENTO SINDICAL PORTUGUES

Lisboa, 13 de Agosto de 1975

A COMISSÃO DIRECTIVA

NA SEQUÊNCIA DO CICLO
PASOLINI



ESTREIA

HOJE

ÀS 21.15 H



"THE CANTERBURY TALES"

'OS CONTOS DE CANTERBURY'

GRANDE PRÉMIO FESTIVAL DE BERLIM 1972

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS

Televisão



Escrever é lutar foi a palavra de ordem dos escritores que, incluídos na sua associação de classe, seguiam na manifestação do 1.º de Maio de 1974. Daí transitou para a Televisão, no programa da hora do almoço, com reprise no segundo programa. Audiência reduzida, como se calcula. O que era, pena. Algumas vezes os críticos falaram nisso. Enfim...

Devido às transformações estéticas, **Escrever é lutar** passou finalmente para o primeiro programa. No lugar de entrevistador não o José Carlos de Vasconcelos (estará de férias?) nem o Fernando Assis Pacheco, como de costume. Desta vez foi Manuel Alberto Valente quem veio para entrevistar Mário Ventura Henriques.

Autor de vários romances e de um livro («*O Alentejo Desencantado*») que mereceu, há anos, em 1969, se não estou eu, as atenções da repressão, Mário Ventura Henriques transportava a sua actividade antifascista para outros campos. Claro que exagerava. Resultado: o 25 de Abril veio encontrá-lo em Caxias e tirá-lo de lá.

Da sua experiência de escritor nos falou Mário Ventura Henriques. Com o que contribuiu para o esclarecimento dos portugueses sobre as condições do trabalho dos artistas nos tempos de ontem. Mas não se ficou por aqui. Também teve palavras para a função do escritor nos tempos de hoje — do escritor que deve entender a sua época e contribuir para a vitória de uma revolução em que o seu povo está lançado.

Igualmente nos falou como jornalista. Da dificuldade, hoje, de ser jornalista. Até dos perigos. Um jornalista que se coloca abertamente ao lado e na defesa dos grandes ideais do seu tempo, há-de aguentar-se no balanço, pois então. Cartas, ameaças, provocações? Claro, homem, claro! Tal como nas redacções dos jornais continuam a noticiar os mesmos de antes de 25 de Abril (de alguns, uma pessoa até se benze!) também no resto do país o saneamento não se proces-

sou. Para quê, meus senhores? Somos todos boas pessoas...

Além disso, há a campanha contra a informação que se caluniou para melhor vencê-la. A este respeito talvez fosse bom ouvirmos José Saramago que, nas notas diárias do *Diário de Notícias*, tem escrito das mais belas páginas que se escrevem em Portugal depois do 25 de Abril.

Escreve José Saramago: «Neste momento, não bastarão artigos de jornais para levar transviados a reconsiderar o seu procedimento criminoso, seja ele em primeiro grau ou em segundo grau. O campo foi bem preparado: neutralizou-se a informação por meio de uma campanha metódica de descrédito, caluniou-se precisamente aquela imprensa que mais persistência e frontalidade assumiu na defesa da Revolução — e, feito isto, persuadiram-se massas populares, por subtil manipulação a ver nessa imprensa um inimigo. Inimigos, por termos estado ao lado das forças que de facto querem o socialismo em Portugal, a começar por esse M. F. A. que é urgente definir outra vez? Não é culpa da imprensa que o campo dessas forças se tenha reduzido: a imprensa revolucionária continuou a ser o que era, as forças desertoras passaram a alinhar com os inimigos do socialismo, não escolhendo nem os aliados nem os processos de ataque, ou, pelo contrário, escolhendo-os demasiado bem para que ainda possam enganar-nos.

Não é ao E. L. P. nem aos golpistas do 28 de Setembro e do 11 de Março que acusamos de trazerem o fascismo ao colo: esses trazem-no no ódio. Quem consciente ou inconscientemente traz o fascismo ao colo, ou nos sorrisos, ou nas proclamações, ou nos manifestos, ou nos discursos, são aqueles que contrairam os mais graves deveres para com a Revolução e a traem ao abandoná-la. São aqueles que foram procurar amizades entre os inimigos de um povo português socialista.

São aqueles que se torna-

rão cúmplices de uma sujeição dos portugueses aos interesses do capitalismo internacional. E são também aqueles que, já visíveis ou ainda não, se preparam para uma carreira de ditadores. Irão os trabalhadores portugueses revolucionários aceitar tudo isto? Nas suas mãos está o futuro de Portugal.

Isto ajuda muito a compreender a complexa situação dos jornalistas no nosso país, na sua luta pela defesa das liberdades democráticas. Luta, a que Mário Ventura Henriques dá igualmente o seu contributo diário.

Pois, é, Mário Ventura Henriques, *eles* não querem crer que há bruxas... Agora mesmo acabo de ver remetido de Espanha um jornal fascista chamado *Viriato*. De Espanha, julgo eu. Pelo menos, o selo era espanhol. Pensam lá fora, executam cá dentro. Pois é, Mário Ventura Henriques, ainda há quem pense que a reacção é treta...

UMA CLÍNICA UM EXEMPLO

A LUAR abriu uma clínica popular Comunal na Cova da Piedade. O palácio estava desabitado há 21 anos e a LUAR

marcou-lhe o destino.

As dificuldades foram-se acumulando. Foi-se acumulando também a vontade de as superar. Juntaram-se esforços, para vencê-las Mobilizada a iniciativa popular, a Clínica Popular Comunal cresceu, fez-se uma realidade. Não se trata da resolução do problema da Saúde: trata-se de uma semente. Ou, se quiserem, de um sinal. Eis o que se pode alcançar quando se tem confiança na capacidade própria e na capacidade criadora das massas.

Conforme se tornou evidente na reportagem que a Televisão dedicou à Clínica Popular da Cova da Piedade, os responsáveis da iniciativa têm consciência da importância da sua obra, mas também das suas limitações. Está visto que a resolução do problema da Saúde terá de ser objecto de estudo minucioso, haverá de ter ao seu serviço uma poderosa máquina. Enquanto isso não se consegue, que fazer? cruzar os braços? Ficar a cultivar o godotismo?

É comodo, mas errado. A LUAR, quando meteu ombros a uma tarefa de tamanha altura, sabia os sacrifícios, a luta os esforços a desenvolver até à exaustão. Aquela amiga Luzia,

Continua na pág. 16

Hoje



Os Camponeses

I PROGRAMA

- 19.00 Telejornal
- 19.05 TV Infantil
- 19.30 «Smith»
- 20.00 TV Palco
- 20.30 Telejornal
- 21.05 Movimento das Forças Armadas
- 22.00 «Os Camponeses»

A série polaca «Os Camponeses», que durante 13 semanas esteve presente nos pequenos visores, termina hoje a sua carreira. O último episódio, intitulado «A Vingança», é apresentado no I Programa a partir das 22 horas. O interesse cada vez maior que Jagna tem pelo filho do organista da igreja tornou-se um segredo de polichinelo: toda a gente o conhece. E seduzir publicamente um candidato a padre é mais do que pode suportar a mui cândida opinião pública. As mulheres da aldeia revoltam-se e, como um raio, todas as antigas invejas e mexericos tombam sobre Jagna. Dai a dizer-se que é preciso expulsar da aldeia a viúva de Boryna vai um passo. A sede de uma vingança sem sentido marcará cruamente o epílogo do telefilme «Os Camponeses» que, extraído do romance de Wladyslaw Reymont, Prémio Nobel da literatura, é considerado como um retrato fiel da sociedade campesina polaca dos fins do século XIX.

23.00 Telejornal

II PROGRAMA

- 21.00 «Smith»
- 21.30 Telejornal
- 22.00 «Serviço Especial» «Todos os Reis São Homens»
- 22.45 Sabe Qual é o Principal Monumento de Évora?

DESTAQUES

I PROGRAMA

«Os Camponeses» (22.00)

II PROGRAMA

«Serviço Especial» (22.00)

SIEMENS

ESTORIL Richard

Amanhã

I PROGRAMA

12.00: Abertura e transmissão directa da celebração da Missa da Assunção de N. Senhora; 13.00: Hoje Pode Ver, cartaz dos programas da RTP e do teatro e cinemas de Lisboa e Porto; 13.10: Desenhos Animados; 13.30: Telejornal, 1.ª edição; 13.45: Encontro com Vitorino de Almeida; 14.00: Expedição; 14.30: Cinema de Animação, um programa de Vasco Granja; 15.00: «O Cavaleiro da Rosa» («Der Rosenkavalier») de Richard Strauss numa interpretação do Festival de Salzburgo; 18.10: Pauta Livre, um programa do Departamento de Programas Recreativos e Musicais; 19.00: TV Juvenil, ver e pensar; 19.30: «Dois Anos de Férias», série filmada, baseada numa obra de Júlio Verne, com Marc di Napoli. Realização de Gilles Grangier; 20.00: Panorama, Talaide e agora; 20.30: Telejornal, 2.ª edição, noticiário do País e do estrangeiro; 21.00: A final Como E?; 21.30: Jogos Sem Fronteiras; 23.00: Telejornal, 3.ª edição; 23.20: Fecho.

II PROGRAMA

21.00: Abertura e um episódio da série «Dois Anos de Férias»; 21.30: Telejornal; 22.00: Noite de Cinema «O Retrato de Madame Yuki»; 00.30: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV

CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA

COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

Deslocação e organização grátis

Telefs. 72 27 86 - 83 42 71

Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

A LAREIRA

Vai reabrir no dia 14 com almoço e ementa especial

Almoçar na LAREIRA a preços concorrentes será um novo acontecimento no seu dia a dia...

Não deixe de ir... e leve o amigo

A LAREIRA

Pç. Águas Livres n.º 8-1
Telef. 68 96 27

Teatro
Mário
Castro

A RTP apresenta todas as noites, às 21.30 h., e aos domingos também, às 16 h., a peça de Aguiel Franco

«LEGENDA DO CIDADÃO MIGUEL LINO»

Desc. às 2.ª Feiras

Não acons. a menores de 13 anos

Bilheteira Tel. 89 70 17

GRUPO DE TRABALHADORES DE TEATRO DA CASA DA COMÉDIA conta

«AVENTURAS E DESVENTURAS DOS HERÓIS CASTRADOS»

Todas as noites, de 3.ª a sábado, às 21.30 h

SÓ ATÉ AO DIA 23

Maior 6 anos

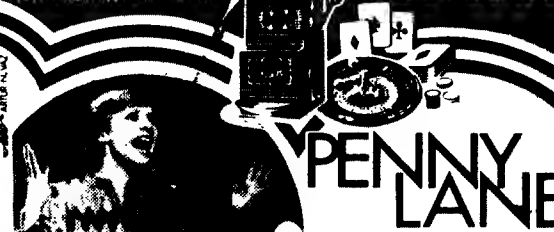
R. S. Francisco de Borja, 24 — Marc. Tel. 60 72 99

Pasta Medicinal Couto

Evita e trata doenças da boca

PORQUE É MEDICINAL

CASINO ESTORIL
SLOT MACHINES A TRIPYLA WHEELS JAMES
TODOS OS DIAS DAS 12 H. AS 12 H. SALA DE JOGOS



VEDETA DA RADIO E DA TV INGLESA

JACK ALBAN ILUSÃO E FANTASIA

ANA ROSMANINHO com RAUL SILVA NOBRE COSTA

BLUEBELL GIRLS SHOW

FERRER TRINDADE e sua orquestra
«NUEVOS AMIGOS»
«THO BANDEIRA and his group with J.M. CONCHA»

LES BIS So no Wonder Bar

NO GRANDE SALAO RESTAURANTE AS 23.30 H não aconselhável a menores de 13 anos

NO WONDER BAR A 10 H interdito a menores de 18 anos

CONSUMO MÍNIMO (Tudo incluído)
Sábados 140.00 Restantes dias 120.00

COZINHA REGIONAL PORTUGUESA
EMENTA SEMANAL

JANTAR/150.00 (taxas e impostos incluídos)

APRICE A CULINARIA NACIONAL E ASSISTA A UM "SHOW" INTERNACIONAL

Desporto

O FUTEBOL QUE VAMOS TENDO

DESPORTIVO DA C.U.F.: UMA NOVA FORMA DE VIDA

A recente nacionalização da Cuf, terá acelerado o processo, mas a verdade é que os dirigentes do Grupo Desportivo da Cuf pensavam muito a sério na transformação total da organização do clube. Mas agora, tudo certo: os jogadores vão ser reintegrados na empresa, tre-

esperança do treinador. Continuar a trabalhar para não deixar cair um clube que tem (até) o seu prestígio internacional, é a tarefa principal. E quatro juniores acabam de ser promovidos a seniores: são eles Nelson, Frederico, Araujo, e Fernando. Os que ficaram na foto-

Chegaram a bom termo as negociações que solicitavam o adiamento do primeiro espectáculo, dado que a equipa da Luz chegou a Sidney com um substancial atraso em relação ao previsto.

HUMBERTO

O Paris S. G. foi a Reims tendo empatado a um tento: a crítica francesa assinala mais uma boa exibição do ex-benquista.

BELENENSES

Os «azuis» continuam em terras de Espanha; Peres Bandeira tem apenas uma preocupação: a lesão de Cardoso. A turma do Restelo defronta hoje à noite a do Santander.

VASAS

A turma do Vasas, de Budapeste, actuou ontem em Coimbra, frente a uma selecção do Centro, tendo vencido por 2-0.

SHAKTIOR

A turma soviética actuou ontem na Amoreira, frente ao Estoril-Praia e venceu por 2-0. A turma de Medeiros bem se poderá dar como feliz, pois não fosse a dupla João Carlos-Bira, talvez que o resultado tivesse subido um pouco mais...

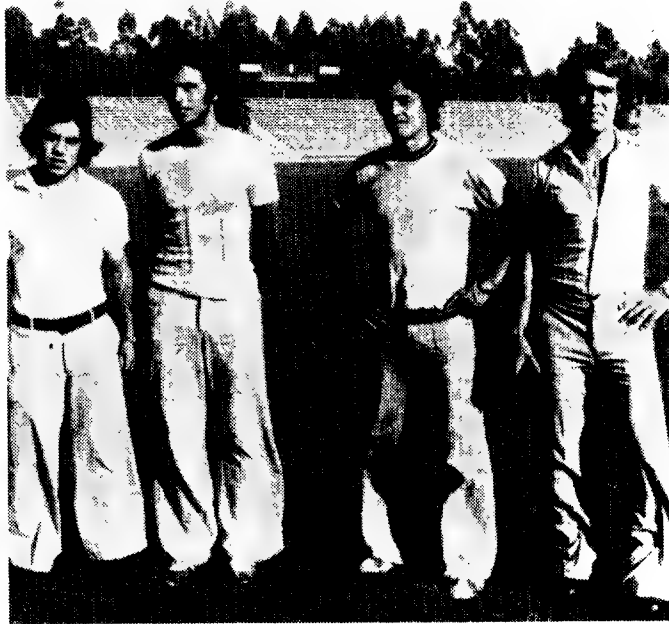
BOAVISTA

O Boavista despediu-se de Caracas com uma segunda der-

rota: foi com o Desportivo da Galícia, o campeão venezuelano e o resultado foi de 1-2. O tento dos nortenhos foi apontado por Alves, tendo Tai marcado na própria baliza e o segundo tento do campeão local sido marcado na transformação de uma grande penalidade.

SPORTING

No Sporting procedeu-se à eleição do «capitão» e «vice-capitão» da turma principal: a escolha recaiu em Damas e Márinho.



nando depois das horas de trabalho; tal e qual como o Oriental, que de modo próprio já assim o decidira há muito.

Todavia esta brusca transformação não afectou nem o espírito dos jogadores nem a

grafia que ilustra esta pequena-grande notícia.

BENFICA

O Benfica já está na Austrália mas só joga no domingo.

Agostinho: que futuro?



Que trouxe ontem a Lisboa Joaquim Agostinho? A pergunta para quem o viu a pedalar entre Torres e a capital, tem razão de ser. E que Joaquim Agostinho aproveitou a circunstância de ter de vir até Alvalade para fazer um treino; e assim fez a viagem em cima da sua ferramenta. Uma vez em Lisboa, tratou de conversar com um empresário, no sentido de conseguir o concurso de diversos corredores de nomeada no Circuito de Torres Vedras, a realizar ou a 14 ou a 21 de Setembro. Nada feito: todos os nomes que poderiam chamar gente a Torres estão mais interessados noutras provas. Quanto ao programa de Agostinho e para já, o comprometimento que tem em estar presente na prova para a qual tentou contratar Poulidor e Gimondi...

La fora

MUNDIAL

Sessenta e oito países já confirmaram a sua participação no campeonato mundial de futebol de 1978, que se realizará na Argentina, segundo se informa oficialmente na sede da F. I. F. A., em Zurique.

O porta-voz da F. I. F. A. declarou que o período de inscrição terminará no fim deste mês.

A lista de países inscritos até agora é a seguinte: pela Europa: Alemanha Federal, Alemanha Oriental, Inglaterra, Áustria, Bélgica, Bulgária, Chipre, Dinamarca, Escócia, Espanha, Finlândia, França, Grécia, Hungria, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Noruega, Gales, Polónia, Portugal, Roménia, Suécia, Suíça, Checoslováquia, Turquia, U. R. S. S. e Jugoslávia.

Pela América Latina: Argentina, Chile, Costa Rica, México, Paraguai e Uruguai.

Pelo continente africano: Argélia, Camerun, Costa do Marfim, Congo, Etiópia, Ghana, Guiné, Alto Volta, Quênia, Malawi, Marrocos, Nigéria, Uganda, Senegal, Tunes, Zaire e Zâmbia.

Pela América Central e do Norte: Haiti, Honduras e Estados Unidos.

Os restantes países inscritos são a Austrália, Arábia Saudita, Egito, Hong-Kong, Indonésia, Irão, Iraque, Israel, Kuwait, Malásia, Nova Zelândia e Sri Lanka.

SUÉCIA

A Suécia derrotou a Noruega por 2-0 num jogo de futebol

de qualificação para a Taça Europeia das Nações. Ao intervalo o resultado era de 1-0. Assistiram ao jogo 18 000 espectadores.

BASQUETEBOL

A União Soviética venceu o Brasil por 76-72 num jogo de basquetebol a contar para a Taça Internacional da modalidade. As equipas alinharam:

BRASIL — Marquinhos, Carriquinha, Zé Geraldo, Ubirata, Dodi, Adilson, Robertão, Fausto e Hélio Rubens.

U. R. S. S. — Alexandre Belov, Serguei Belov, Alsham, Korkia, Jiguli, Edeske, Salmicov, Valery e Wladimir.

Noutro jogo, os Estados Unidos venceram a Grécia por 104-56.

NO MUNDO DO CICLISMO

O campeão do Mundo, o belga Eddy Merckx, confirmou aos organizadores da «Volta à Sicília» a sua presença naquela prova que deverá realizar-se em 15 de Outubro próximo num circuito de 207 quilómetros entre Agrigento e Cefalù.

Francesco Moser, chefe de linha da formação italiana para os próximos campeonatos do

Mundo de ciclismo, encontra-se em excelente forma. Com efeito, conquistou na terça-feira o primeiro lugar do «Circuito de Altopascio» batendo ao sprint o seu compatriota Felice Gimondi.

O terceiro da competição, Riccomi, faz também parte dos seleccionados para o campeonato do Mundo.

Jose Manuel Fuente, o «trepador» e chefe de fila da «KAS» (espanhola) vai abandonar o ciclismo seguindo os conselhos do seu clínico.

Fuente, com 30 anos, sofre de uma afeção renal cujo estado é susceptível de se agravar se o ciclista continuar a competição.



A selecção de ciclismo de amadores que vai à volta a Toledo:

CICLISMO

Começa amanhã o Prémio Trinaranjos

Organizada pela Associação de Ciclismo do Sul, principia amanhã a disputa do «Grande Prémio Trinaranjos» em ciclismo, prova destinada a populares e que compreende quatro etapas, num total de 296 quilómetros. Estão inscritas as equipas do Quinas, Malveira, Belas, Pinheiro de Loures, Lousa e Casa Pia.

O traçado deste «Grande Prémio Trinaranjos» é o seguinte: amanhã, 1.ª etapa (Venda do Pinheiro — Furnas Lagosteiras, 100 quilómetros, partida às 11 horas) — Venda do Pinheiro, Malveira, Carapinheira, Mafra, Ericeira, Carvoeira (Prémio da Montanha, 4.ª categoria), Odrinhas (meta especial), S. João das Lampas (meta especial), Secério, Fontanelas, Azenhas do Mar, Praia das Maças, Colares, Sintra, S. Pedro (Prémio da Montanha, 2.ª categoria e Taça Comissão Municipal de Turismo para a equipa do 1.º ciclista a passar), Linho (meta especial), Autodril, Alcabideche, Malveira da Serra (Meta especial), Guincho, Furnas Lagosteiras (1.ª passagem), Marinha (meta especial), Torre (meta especial), Birre (meta especial), Areia (meta especial) e Furnas Lagosteiras.

Dia 16 — 2.ª etapa (Loures-Belas, 110 quilómetros, partida às 15.30 horas) — Loures, Ponte de Frielas, Apelação

(Prémio da Montanha, 4.ª categoria), Sacavém, Póvoa de Santa Iria, Cabeço da Rosa, (Prémio da Montanha, 3.ª categoria), Bucelas, Freixial, Vale de S. Gião, Venda do Pinheiro, Malveira (meta especial), Vila Franca do Rosário, Ponte do Gradil, Gradil (Prémio da Montanha, 3.ª categoria) Mingeira (Prémio da Montanha, 2.ª categoria), Paz, Mafra (meta especial), Carapinheira, Alcaina, Malveira, Venda do Pinheiro Louisa (meta especial), Pinheiro de Loures (meta especial), Loures Montemor (Prémio da Montanha, 4.ª categoria), Curva da Morte, Caneças, e Belas (Prémio da Montanha, 4.ª categoria).

Dia 17 — 3.ª etapa (Vila Franca de Xira-Barreiro, 71 quilómetros, partida às 9 horas) — Vila Franca de Xira, Porto Alto, (meta especial), Salinas, Alcochete (meta especial), Montijo, Lançada (meta especial), Chão Duro, Moita (meta especial), Alhos Vedros, Baixa da Banheira (meta especial), Santo António da Charneca, Palmela e Barreiro.

Dia 17 — 4.ª etapa (Baixa da Banheira-Setúbal, 25 quilómetros, contra-relógio, partida do 1.º corredor às 17 horas) — Baixa da Banheira, Alhos Vedros, Moita, Olhos de Água, Palmela, Aires e Setúbal.

Desporto

1975 pior que 1974

O TURISMO QUEBROU NO PRIMEIRO SEMESTRE

No primeiro semestre deste ano o número de turistas norte-americanos desceu praticamente para metade em relação a igual período do ano passado, cifrando a baixa em 51 por cento — revela a A.N.I. citando estatísticas da Direcção-Geral do Turismo. Outros nacionais aparentemente desinteressados (ou desconfiados) do potencial turístico português são os espanhóis (menos 34 por cento), ingleses (menos 32 por cento) e alemães-ocidentais (menos 25 por cento).

Tratar-se-á de «coincidência» ou do «resultado da campanha de desinformação da Imprensa dita livre nesses países capitalistas»? pergunta a agência, para citar depois os «novos amigos» que aumentaram, no período em epígrafe, as suas entradas em Portugal: gregos (mais 95 por cento), fin-

landeses (mais 43 por cento), jugoslavos (mais 141 por cento) e nacionais dos países socialistas, contabilizados à parte dos jugoslavos (mais 300 por cento).

A descida global de turistas nos seis primeiros meses de 1975 fixou-se em 30 por cento relativamente a 1974, «o que reflecte, de resto, a crise geral que o turismo atravessa no Mundo devido ao desemprego e ao encarecimento dos combustíveis», comenta a A.N.I. Assim, fomos visitados, até 30 de Junho, por 863 960 turistas estrangeiros, à média semanal de pouco mais de 33 000.

NOVA BAIXA DO ESCUDO EM ESPANHA

MADRID, 14 (Do correspondente da A.N.I., Manuel Lopes)

De acordo com o Boletim Oficial do Estado, que publica as cotações aplicáveis às operações com notas, correspondentes a divisas convertíveis, o escudo baixou de novo no mercado espanhol.

Cem escudos, que valiam na semana passada 171 pesetas, agora dão apenas 165.

As restrições para o câmbio continuam as mesmas. Acontece, além disso, que os turistas espanhóis que viajam a Portugal não encontram escudos à venda nos bancos particulares.

NACIONALIZAÇÃO DA BANCA

«Isto é um facto histórico! O velho monopólio, o principal monopólio existente no País, o terrível monstro cujos tentáculos sufocaram os trabalhadores, durante décadas, caiu. Na verdade, seria impossível alcançar a sociedade justa que pretendemos, deixando intactos os monopólios, assim como os latifúndios. Monopólio é

igual a imperialismo, imperialismo é igual a fascismo e os trabalhadores generosos da nossa Pátria ficaram fartos de fascismo» — afirmou um dos representantes da Comissão de Unidade de Trabalhadores da CUF, numa manifestação convocada para ontem à tarde de regozijo pela nacionalização da empresa.

AREIA A AREIA ARANJA-SE UMA PRAIA PARA O POVO

«Alguma coisa para o povo.» E logo um grupo de entusiastas, na quase esquecida praia do Lagoal em Caxias, tentou mesmo fazer alguma coisa. Tentou e fez.

Assim, com grande descontração procedeu-se à limpeza da praia.

Limpeza, sim, que a praia encontrava-se bastante (muitíssimo) poluída.

Tratava-se de uma praia, nos tempos que já lá vão, para «determinadas personalidades». O leitor está a perceber, não está?

Nota da Câmara Municipal de Oeiras:

«A Câmara Municipal de Oeiras, através dos seus serviços, dará toda a ajuda na construção dos balneários: este um objectivo primordial, atendendo a que, no Inverno, as pessoas mais desfavorecidas poderão usufruir dos mesmos balneários. A praia de Ca-

xias conta com cinco nadadores-salvadores, que foram apurados num curso exclusivo, ministrado pelo Instituto de Socorros a Náufragos (I. S. N.), trabalhando sem remuneração, bem como o banheiro, todos dentro do espírito de uma «praia ao serviço do povo».

Resumindo: em vias de execução está o projecto de obter um campo de futebol entre as duas praias separadas pelo Forte, desejo da Comissão dos Entusiastas, «de grande importância, se atentarmos a que, pelo Edital de Praias, é nelas proibida a disputa de jogos de futebol.

Mais: a empreitada de uma rede de esgotos directos, ao meio do rio, tem o seu fim previsto para Março / Abril do próximo ano. «Empreitada esta idêntica à de Santo Amaro de Oeiras e S. Pedro edificadas já, mas, em Caxias, tal só não aconteceu por desconhecimento da nossa acção aqui.»

"O VELHO MONOPÓLIO CAIU"

A manifestação contou com a presença de cerca de um milhar de pessoas, número importante se atendermos às condições em que foi feita a convocação e ao elevado número de operários da CUF que se encontram de férias.

«Continuemos a trabalhar, agora, com maiores possibilidades de controlarmos e fiscalizarmos os nossos destinos para ganharmos a batalha da produção». Apelou para «unidade» e agradeceu «ao Primeiro-Ministro, companheiro Vasco, e ao Governo Provisório, a nacionalização da CUF.

«O M. F. A. ESTÁ COM VOCÊS»

A encerrar a manifestação, falou o primeiro-tenente Ferreira da Silva em representação do M. F. A. Disse a certa altura: «O M. F. A. está junto de vo-

cês, na vossa alegria por mais um passo dado pela conquista do poder económico».

Referindo-se à divisão do M. F. A., asseverou que só pode ser resolvida se «os trabalhadores olharem em frente e se unirem».

Durante a manifestação também foram distribuídos comunicados do Sindicato dos Metalúrgicos, Construção Civil e Textéis, «manifestando o seu regozijo e satisfação pela nacionalização da CUF», da União da Juventude Comunista e do P.C.P., o qual salienta que com a nacionalização da CUF concretiza-se uma das vontades expressas dos trabalhadores da empresa e contribui-se ao mesmo tempo para o desmantelamento do principal grupo monopolista português, símbolo da grandeza e poderio para uma família e de opressão e exploração para milhares e milhares de trabalhadores».

CURSOS

● MECANOGRAFIA
PERFURAÇÃO/VERIFICAÇÃO
Sistemas: IBM e UNIVAC
Início dos cursos: 22 Agosto
Informações e Matrículas no
Externato Continental.
Telef. 36 42 72
Rua do Arsenal, 100 - 1.º

O Sindicato dos Trabalhadores de Cerâmica, Cimentos e Similares dos Distritos de Lisboa, Santarém e Portalegre DIZ NÃO À MANIFESTAÇÃO CONVOCADA PELA CÚPULA DIVISIONISTA DO PARTIDO SOCIALISTA.
CAMARADAS:

A reacção está efervescente, pois estão vendo que com a ajuda de chamado Partido de «esquerda» têm conseguido criar ambiente de terror no Norte e Centro do País.

Os continuos assaltos a centros de trabalho de Partidos Progressistas, e Sindicatos, onde inclusivamente têm feito roubo de impressos timbrados para os porem a circular depois de preenchidos com as mais nojentas mentiras de molde a criar confusão, têm tido o maior apoio desta cúpula além da dos fascistas dos partidos da direita.

CAMARADAS:

Tem a manifestação marcada para hoje, dia 14, em Lisboa, como não podia deixar de ser, o mesmo cunho das que se têm vindo a realizar noutras partes do País, seja:

CRIAR CLIMA DE TERROR
ENTRAVAR O PROCESSO REVOLUCIONARIO
DIVIDIR OS TRABALHADORES
POR O PODER POLITICO NAS MAOS DO CAPITAL
EM SUMA, VOLTAR A 24 DE ABRIL DE 1974

CAMARADAS:

Não podemos continuar ao sabor da vontade de certos senhores intitulados defensores dos trabalhadores, e que mais não são do que agentes do capitalismo.

TEREMOS DE JUNTAR AS NOSSAS VOZES A DE TODOS OS EXPLORADOS, CONTRA TODAS AS FORMAS DE EXPLORAÇÃO DO HOMEM PELO HOMEM, É ESTE O NOSSO LEMA.

AVANTE PELA REVOLUÇÃO SOCIALISTA
FIM A EXPLORAÇÃO DO HOMEM PELO HOMEM
A TERRA PARA QUEM A TRABALHA

CAMARADAS:

O SOCIALISMO CONSTROU-SE COM TRABALHO E RESPEITO ENTRE TODOS NÓS, NÃO COM ESTAS MANIFESTAÇÕES QUE VISAM CRIAR SOMENTE REACÇÃO A REVOLUÇÃO.

A DIRECÇÃO,
Anibal F. Almeida

CARRO ROUBADO EH 90-66

ALFA ROMEO 2.000 GTV

Azul, coupé 2 portas, 4 faróis à frente.
Dão-se alvissaras a quem indicar o seu paradeiro à Polícia, à G. N. R. ou para o telefone 68 07 52.



CORUCHE

(GRUPO A)

FESTAS POPULARES DO CASTELO — 1975

2 Extraordinárias Corridas de Touros

SÁBADO 16/8
às 17.30 horas

8 Bravos touros da Ganadarias do Dr. António Silva (3) e Dr. Ortigão Costa (5)

2 Cavaleiros
DAVID R. TELES
J. MESTRE BAPTISTA

2 Espadas
JOSÉ SIMÕES
RICARDO CHIBANGA
Forçados Amadores de Lisboa

DOMINGO 17/8
às 17.30 horas

8 Gordos e Bravos touros da Ganadaria do Porto Alto

2 Cavaleiros
J. MESTRE BAPTISTA
GUSTAVO ZENKL

2 Espadas
MÁRIO COELHO
e a figura espanhola
JUANITO MARTINEZ
(Albacete)
Forçados Amadores de Coruche

2.ª feira, dia 19, último espectáculo das festas, dedicado ao emigrante, para estreia nesta praça PARREIRITA CIGANO.

aguiar

Rua do Carmo, 17-19 — Rua Augusta, 86-96

SALDOS

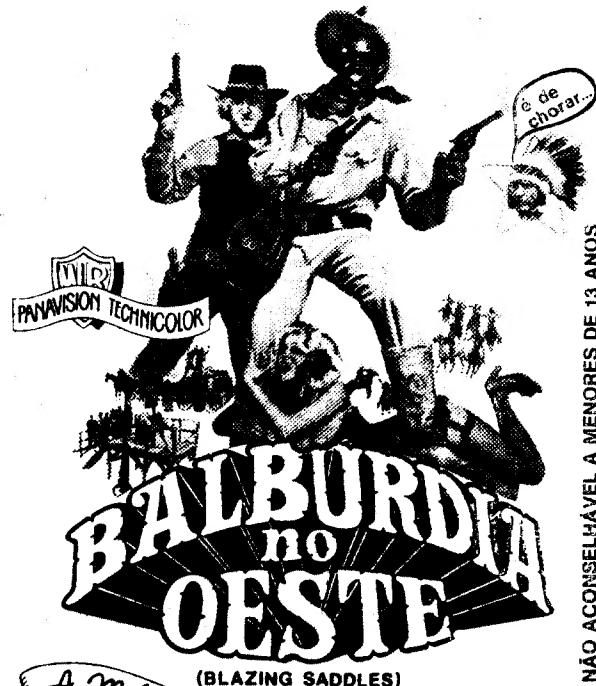
PRONTO A VESTIR PARA HOMEM E SENHORA DAS MELHORES MARCAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

Lanifícios * Sedas * Algodões * Malhas
Camisaria

PREÇOS EXCEPCIONAIS

o mestre incomparável da comédia!

MEL BROOKS e o OESTE JUNTOS PELA ÚLTIMA VEZ!



(BLAZING SADDLES)

A Mel Brooks Film

LITTLE WILDER

PICKENS • HUDDLESTON • STARRETT • BROOKS • KORMAN • KAHN

SCREENPLAY BY MEL BROOKS, NORMAN STENBERG, ANDREW BERGMAN, RICHARD FRYOR, ALAN LUGER, ANDREW BERGMAN. PRODUCED BY MICHAEL HURZBERG - MEL BROOKS. DIRECTED BY MICHAEL HURZBERG - MEL BROOKS.

HOJE, às 21.15

ESTREIA

estúdio Apoio 70

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS

Geral

Canal da Crítica

Continuação da pág. 15

por exemplo. Empregada de escritório, ela redige ofícios e cartas, mobiliza para a obtenção de mobiliário, controla as contas, faz pensos mais simples, não recusa os trabalhos mais penosos e mais humildes. As tarefas revolucionárias alimentam-se de tudo o que somos: da nossa inteligência, dos nossos músculos, dos nossos nervos.

É certo que, por virtude de certas imprecisões, se corre por vezes o risco da injustiça, mesmo involuntária. Terá sido esse o caso, suponho eu, da afirmação daquele amigo entrevistado quando disse que através das colectividades da Cova da Piedade, «nada se tem feito nesta terra».

A afirmação é precipitada e estou em crer que ela não corresponde inteiramente ao pensamento do entrevistado. Na realidade, a tradição de luta antifascista de algumas colectividades da Cova da Piedade vem de longe, num trabalho cultural e cooperativo que conseguiu vingar nas piores con-

dições de repressão. Isto não pode negar-se nem esquecer-se.

A Clínica é um facto. Terá, agora de se organizar em bases sólidas. Terá, se quiser viver, de viver por si própria. Por muito horror que se tenha à burocracia, não me consta que a alternativa seja a anarquia, ou a fantasia, ou os rasgos individuais. Como afirmei, os militantes da LUAR tem consciência deste facto. Até onde poderão conduzir o processo, eis a dúvida.

De qualquer forma, estão a travar um combate. Oxalá o vençam. Oxalá a Clínica da LUAR possa vir a ser entregue ao futuro Serviço Nacional de Saúde, arrumadinha e a funcionar. Seria a melhor compensação para quem passou anos na prisão a sonhar com a transformação do nome daquela rua. A rua já não se chama «António de Oliveira Salazar». Chama-se agora *Rua da Liberdade*.

Defendamos a Clínica Popular. Defendamos o nome desta rua.

A ÍNDIA EM ESTADO DE EMERGÊNCIA — III

Continuação da pág. 3

cutida e sobretudo desta maneira. «Ela identifica a sua permanência com a vida do país» diz-se em Nova Deli. Recorda muitas vezes e uma vez mais diante dos alunos na televisão, já depois de decretado o estado de emergência, que uma das coisas que mais a impressionou na sua juventude — e com a qual ainda sonha — foi a epopeia de Jeanne d'Arc. A sua carreira marca-se por uma sucessão de batalhas contra o Parlamento, o Supremo Tribunal, o Paquistão, os velhos bastiões do Partido do Congresso, os revolucionários naxalites (marxistas-leninistas), a oposição... e sempre ganhadas. Mas estas vitórias revelam uma imagem da Índia, por vezes desconhecida, que está a tornar-se a sua imagem verdadeira. Ontem os bodes expiatórios eram a C. I. A., o Paquistão, os Estados Unidos e as suas intenções sobre Diego-Garcia. Agora o inimigo é interno. Denuncia-se uma «conspiração» das forças da reacção, onde na realidade só houve um desafio político.

A agressividade normalmente está ligada a um sentimento de inquietude. J. P. Narayan (chefe da oposição que se inspira no pensamento de Gandhi) fazia campanha contra a minha pessoa, escreveu a se-

nhora Gandhi ao dr. Benjamin Spock: «Indira Gandhi sofre desde sempre de um sentimento de insegurança, de perseguição. De muito nova, fez a sua aprendizagem, junto de Nehru, mas faça o que fizer, para o político tradicional indiano, ela será sempre a filha de Panditji (cognome dado ao pandita Nehru), uma aristocrata que foi incompletamente educada no estrangeiro. Ela aborda o mundo hinduista, muçulmano em «outsider», do exterior. É uma brámane e mais ainda de raiz do Cachemira — entre os brámanes do Cachemira, o sentimento de pertencimento a uma casta superior é muito forte, bem como a solidariedade — por isso ela nunca está à vontade no meio das massas.» Esta demonstração é discutível, mas reflecte uma opinião bastante generalizada, como podemos constatar.

A influência dos «velhos barões», também diminuiu. Um último quadrado ocupa ainda lugares-chaves, mas a senhora Gandhi não confia imenso nesses. O senhor Y. B. Chavan em 1969 estava ligado aos congressistas dissidentes, mas salvou-se servindo de mediador entre as duas facções do partido: o senhor Jagjivan Ram suscita desconfiança tanto mais que se trata de um político astuto e influente, sem dúvida a personalidade que melhor poderia pretender à sucessão. Na verdade o Poder não tem uma estrutura coerente.

A senhora Gandhi decide sozinho — acaba de lembrá-lo numa entrevista — depois de ter consultado um a um, personalidades sem base política, mas tem feito uma recente e rápida ascensão e consulta também as pessoas que a rodeiam. No primeiro grupo figura o presidente do Partido do Congresso, senhor D. K. Borooah, originário do Assam no Leste da Índia. Este antigo membro do P. C. I. é antes do mais um zeloso servidor do primeiro-ministro que o nomeou. Lançou as fórmulas: «As leis são feitas somente pelo povo e o «leader» do povo é a senhora Gandhi», «A Índia é Índia e Índia é Índia». Encontra-se também o senhor Rajni Patel, antigo comunista ortodoxo, presidente do partido governamental no Maharashtra um advogado próspero, bom comandante dos fundos do Congresso e um dos animadores da amizade indo-soviética; o senhor S. S. Ray, chefe do Governo do Bengala Ocidental, cujas qualidades de jurista o primei-

ro-ministro aprecia, bem como o vigor com que ele esmagou a oposição maoista e marxista em Calcutá. Como o senhor V. C. Shukla, eles são relativamente novos, enérgicos, devotados e leais. Encontram-se ainda em torno do primeiro-ministro, o senhor Ashpal Kapoor, antigo embaixador itinerante, acusado pelo tribunal de Allahabad, que considerou que escondia a verdade e o seu laço o senhor R. K. Dhawan.

O PAPEL DOS COMUNISTAS PRO-SOVIÉTICOS

Finalmente, o golpe de força, confirmou de maneira estrondosa o papel dos comunistas pró-soviéticos: Vários ministros e outras personalidades do congresso, são considerados próximos do P. C. I., os senhores K. M. Malaviya, Chandrjit Yadav, D. P. Chattopadhyay, Shashi Bhuhan, K. P. Unnikrishnan. São os «infiltrados» do P. C. no seio do partido governamental, onde constituem a ala esquerda. Por outro lado o P. C. I., fiel a toda a prova, de Moscovo, sonha realizar no «centro» e noutros Estados o mesmo tipo de aliança, igual à que se encontra no Poder no Kerala, onde o Partido Comunista e o Partido do Congresso governam juntos. Os seus objectivos foram expostos quando do seu nono congresso e reafirmados na resolução política do décimo congresso do P. C. I., em Vijayawada (Andhra-Pradesh) em Janeiro último: «Ao nível central, o que o país precisa é de um Governo liberto de todos os elementos da direita e constituído pelos congressistas progressistas e os representantes da esquerda e dos partidos democráticos, empenhados com base num programa comum.» Isso conduziria ao desmembramento do Partido do Congresso que o P. C. I. procura.

O P. C. I. calculou primeiro para saber se a senhora Gandhi não iria restaurar uma ditadura de direita, mas afinal aprovou o estado de emergência: O primeiro-ministro julga que este apoio compensa os elementos conservadores do elemento governamental e poderia tornar-se útil para a aplicação do seu «novo programa económico e social».

Situação do tempo 09.00 H.

O céu estava limpo, com excepção da faixa costeira para o Norte do Cabo Carvoeiro, onde se concentravam neblinas em alguns locais.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	21
P. DOURADAS	16
COIMBRA	20
PORTALEGRE	20
LISBOA	20
FARO	20
FUNCHAL	17

TEMPERATURAS EXTREMAS

ELVAS

Máxima 36,5°

Figueira de C. Rodrigo

Mínima 16°

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 18,5°

Atmosfera..... 18,2°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
9.23 3,4 m	2.39 1,4 m
22.00 3,3 m	15.14 1,5 m

Dia 15

10.38 3,3 m	3.54 1,6 m
22.22 3,3 m	16.40 1,6 m

Dia 16

11.55 3,3 m	5.16 1,6 m
	18.03 1,5 m

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 H. DE AMANHÃ

Céu limpo ou pouco nublado vento fraco soprando moderado do Noroeste no litoral oeste a Sul do Tejo. Neblina ou nevoeiro matinal nas regiões do litoral a norte do Cabo Carvoeiro

AMANHÃ

NASCEM ÀS 6.50

OCASO ÀS 20.33

DIA 14 DIA 21 DIA 30 DIA 5

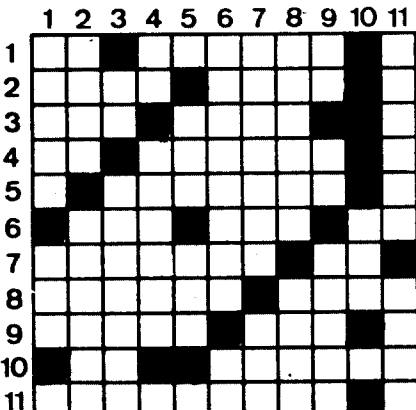


palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 11159

HORIZONTAIS:

- 1 Bromo (s.q.). Carvões incandescentes.
- 2 Ramalhete. Estadista inglês que desempenhou um papel importante na revolução contra os Stuarts e foi executado por ocasião da Restauração.
- 3 Espaço de doze meses. Permanece.
- 4 Vossa Alteza. Nevado.
- 5 Famosos.
- 6 Aflicção. Rente. Bário (s.q.).
- 7 Expulsais. Nesse lugar.
- 8 Equipara. O mesmo que outar.
- 9 Fruto silvestre. Espaço de doze meses.
- 10 Tempo do verbo ser. Espio-lhara.
- 11 Fizeram massa em.



VERTICAIS:

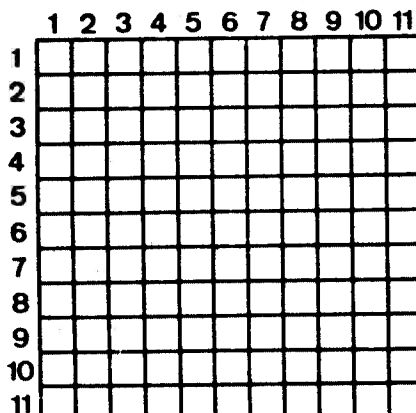
- 1 Feroz. Designação genérica das plantas herbáceas.
- 2 Ladrão do mar (Gir. bras). Adormecem.
- 3 Moderato. Belo.
- 4 Boro (s.q.). Contar.
- 5 Bilis. Época.
- 6 Despertaria. Aqui.
- 7 Abanas. Rui da Suíça.
- 8 Velhos. Besunta.
- 9 Catedral. Artigo definido. Levam à toa.
- 10 Grande árvore da Índia.
- 11 Guardara segredo. Artérias.

Resolheu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBO ne e inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 7318

HORIZONTAIS:

- 1 Ecoam. Mossa (pl.).
- 2 Barra. Justapor.
- 3 Irmão de Abel. Anfiteatro.
- 4 Estimou. Nome de Mulher. Apellido.
- 5 Passaro dentirrosto africano.
- 6 Ave pernalta. Disfarça.
- 7 Reclerham em asilo.
- 8 Rio da Suíça.
- 9 Planta da família das algas. Alcança com a vista.
- 10 Rio da Polónia. Pesquisai.
- 11 Enfiada. Uma das Espórades.



VERTICAIS:

- 1 Contundir. Animação (fig).
- 2 Rezam. Ópera de Verdi.
- 3 Combinou. Equipem.
- 4 Elefantes fósseis da época quaternária. Agora.
- 5 Título dos descendentes de Mafoma.
- 6 Orgia. Antes de Cristo.
- 7 Entende. Cristalinhas.
- 8 Enrubesce. Cromio (s.q.). Sufixo que designa pequenez.
- 9 Heroína francesa que foi queimada viva. Tombasem.
- 10 Ósmio (s.q.). Seguia. Irmão do pai.
- 11 Alojja em tendas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11158

HORIZONTAIS:

- 1 QUEM JOGA.
- 2 Bimo. Alarga.
- 3 Varizes. Ar.
- 4 Val. Ata.
- 5 Era. Arrasta.
- 6 Nei. Sós.
- 7 Pai. Saga.
- 8 Restem. Acua.
- 9 Er. Arna.
- 10 Adoça. Ga.
- 11 Lemas. Bato.

VERTICAIS:

- 1 Qb. Ver. Real.
- 2 Uivar. PERDE.
- 3 Emalaras. Om.
- 4 Mor. Itaca.
- 5 Iman. E. As.
- 6 Jaz. Resmas.
- 7 Olearia.
- 8 Gasta. GANHA.
- 9 Ar. Assaca.
- 10 Ga. To. Go.
- 11 Carraspana.

Provérbo: QUEM JOGA PERDE E GANHA

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7317

HORIZONTAIS:

- 1 Prós. Restas.
- 2 Rio. Seara.
- 3 Am. Aos. Urro.
- 4 Praia. As.
- 5 Atra. Abres.
- 6 Ai. Auras.
- 7 Cova. Utar.
- 8 Orate. Adi.
- 9 Rã. Ru. Redor.
- 10 Vitória. Ina.
- 11 Or. Zaco. Aas.

VERTICAIS:

- 1 Prata. Convo.
- 2 Rim. Tão. Air.
- 3 Oo. Privo.
- 4 Ara. Arro.
- 5 Coa. Aura.
- 6 Sia. Ut. Cl.
- 7 Es. Abaterão.
- 8 Seu. Rua.
- 9 Tar. Erradia.
- 10 Arrasa. Dona.
- 11 Sãos. Sairas.



EMISSIONA

1.º Programa

- 17.00 Rádio estudantil
- 18.15 Movimento das Forças Armadas
- 19.00 Informação de trânsito
- 19.20 Melodias
- 20.00 Jornal da noite
- 21.00 Música variada

2.º Programa

- 16.00 Que quer ouvir?
- 17.25 Solos de cravo
- 18.00 Orquestras de câmara
- 19.00 O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas
- 20.00 Jornal da noite
- 21.00 Música ligeira variada
- 22.00 Música sinfónica
- 23.13 Música de piano
- 23.50 «Sexteto Místico», de Villa-Lobos
- 00.00 A grande música negra, por José Duarte
- 01.00 Fecho

Programa em Onda Média 2 — 397 m — 755 KHz

- 20.30 Música de câmara de Beethoven
- 21.15 Música de bailado
- 22.00 Concerto de câmara
- 23.00 Música coral sinfónica
- 00.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda Média

- 16.04 Programa C.D.C.
- 18.05 Movimento
- 20.50 Diálogo
- 21.03 Programa do M.F.A.
- 21.30 Quando o telefone toca
- 22.30 Quando o telefone toca
- 23.06 Mensagens bíblicas
- 23.30 No Mundo aconteceu
- 00.05 Alavanca
- 01.00 Madrugada
- 06.03 Diário rural
- 07.03 Talismã

Modulação de Frequência

- 16.05 Programa C.D.C.q.
- 18.05 O nosso programa
- 19.05 Em órbita-1
- 20.30 Boa noite em FM
- 22.02 Clube à gô-gô
- 00.05 Em órbita-2
- 01.05 Banda sonora Sonipol

- 02.05 Perspectiva
- 03.05 Madrugada
- 07.03 Hora sete

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média, 233,2 m — 1286 KHz: Modulação de Frequência de Lisboa — 93,2 MHz — emissão contínua

EMISSIONS ASSOCIADOS DE LISBOA

Clube Radiofónico de Portugal

Das 06.00 às 10.00 e das 22.00 às 02.00

Rádio Voz de Lisboa

Das 10.00 às 12.00 e das 19.30 às 22.00

Rádio Graça

Das 14.30 às 19.30

Rádio Peninsular

Das 12.00 às 14.30

farmácias de serviço

LISBOA

TÓDA A NOITE
ALVALADE
Zil, Avenida da Igreja, 9-D-E (tel. 711780)
AMEIXOEIRA
São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (Galinheiras-Charneca) (tel. 790969)
ARROIOS
Nunes, Rua Angela Pinto, 32 (tel. 49756)
AVENIDAS NOVAS
Santa Maria, Avenida 5 de Outubro, 283 (a Feira Popular e Avenida 28 de Maio) (tel. 762016)
BAIRRO ALTO
Andrade, Rua do Alecrim, 125 (tels. 323443-323446-322328)
BELÉM
Gomes, Rua da Junqueira 326 (tel. 638193)
BENFICA
Benfíluz, Estrada de Benfica 444-A (tel. 782606)
CAMPOLIDE
Nova, Rua de Campolide, 297-C (tel. 687475)
CAMPO DE OURIQUE
Pinheiro, Rua de Campo de Ourique, 131 (tel. 686640)
CONDE DE REDONDO
Salutar, Rua Conde de Redondo, 9-B (a Gomes Freire) (tel. 533411)
PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-A/B (tel. 720703-728395)
LAPA
Eduardo César, Rua das Trinças, 102 (tel. 662631)
OLIVAIS
Oliveira (dos), Rua Alves Gouveia 19 (tel. 311237)
SÃO MAMEDE
S. Mamede, Rua Escola Politécnica 82-B (tel. 660280)

TURNO J-2

ATÉ ÀS 22 HORAS
ALCANTARA
Infante Santo, Rua do Olival 290 (t. 661003)
ALVALADE
Lusitana, Avenida de Roma, 18-A (tel. 725443); Rio de Janeiro, Avenida Rio de Janeiro, 4-C (a Avenida dos Estados Unidos da América) (tel. 721409)
AVENIDAS NOVAS
Sá da Bandeira, Avenida Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (tel. 41961-54672)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça Norte 11-A (tel. 311216)
BAIXA
Frazão, Rua Portas de Santo Antão, 70 (tel. 328180)
CAMPOLIDE
Ronil, Rua Rodrigo da Fonseca, 153 (tel. 683438)
CAMPO DE OURIQUE
União, Rua Saraiva de Carvalho, 145-F (tel. 663643)
ESTEFÂNIA
Estefânia, Rua Pascoal de Melo, 90 (tel. 44438)

LAPA
Neves, Rua da Bela Vista, à Lapa, 37 (tel. 661251)
LUMIAR
Douro, Alameda das Linhas de Torres 93-A (tel. 791131)
PENHA DE FRANÇA
Carro, R. Padre Sena de Freitas, 10-A (a Igreja de Penha de França) (tel. 842518)
SÃO VICENTE
Santo António, Rua Leite de Vasconcelos 72-C (tel. 862333)
XABREGAS
Conceição, Calçada de D. Gastão, 30 (tel. 381279)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflores, R. António Granjo, 2 (T.213161)
PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (T.2432039)
OEIRAS
Oeiras, R. Conde Ferreira, 29 (T.2430058). Até às 22 horas
CARCAVELOS
Central. Toda a noite
PARADE
Grincho, Av. da República, 87 (T.2471204). Até às 24 horas
MURTAL
Primavera, R. da Parreiras, 2 (T.2472278). Até às 22 horas
MONTE ESTORIL
Suissa, Cruzeiro (T.260087). Toda a noite
CASCAIS
Cordeiro, Av. C.G. Guerra, 40 (T.280170). Até às 22 horas; A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (T.280214). Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora, P.28 de Maio, 3-A (T.935518); Carmelo, R. Elias Garcia, lote 28 (T.933303); Helena, R. Elias Garcia, 2 (T.933613); S. Jorge, R. Pedro del Negro, 5, Reboleira (T.938703)
DAMAIA
Lemos, R. de Goa, 21-A (T.971121)
QUELUZ
Zeller, R. da República, 83 (T.950045); Correia, L. do Mercado, 3 (T.950906); Serra e Pinto, Av. D. António C. Sá, 50-E (T.957619)
CACÉM
Guerra Rico, Agualva
MEM MARTINS
Quimia, E. de Mem Martins, 285 (T.2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (T.980456)
SINTRA
Simões, Estefânia (T.2930832)
COLARES
Abreja (T.299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (T.234100)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T.204020)
ALMADA
Cristo Rei, Av. do Cristo Rei, 31-A (T.2766498)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, E. Nacional, 178-B (T.2040302)
BARRIERO
Pizarra, Av. do Bocage, 65-A (T.2074771)
COVA DA PIEDADE
Castro Rodrigues, L.5 de Outubro, 62 (T.270121)
MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (T.239029)
MONTUJO
Giraldes, R. Almirante Reis, 45 (T.2310006)
SESIMBRA
Leão, Av. da Liberdade, 13 (T.223471)
SETÚBAL
Lisboa, R. Dr. Paulo Borba (T.22248); Saião, Av. Portela (T.22709)
SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (T.2218560)

PORTO

TURNO 19
ATÉ ÀS 22 HORAS
Alves da Silva, Avenida da Boavista, 1016; Azevedo, Rua do Meiral, 503; Gomes Ferreira, Rua Faria Guimarães, 449; Nau Vitória, Rua Nau Vitória, 723; Ordem da Trindade, Rua Heróica e Mártires de Angola; Confiança, Rua de Santa Catarina, 960; Antas, Avenida Fernão de Magalhães, 1076; Antiga Porta do Olival, Campo Mártires da Pátria, 122; Falcão, Rua de Santo Ildefonso, 61; Ferreira, Praça D. Afonso V, 55-B; Lousada, Largo do Campo Lindo, 62
A PARTIR DAS 22 HORAS
Antas, Avenida Fernão de Magalhães, 1076; Antiga Porta do Olival, Campo Mártires da Pátria, 122; Lousada, Largo do Campo Lindo, 62

COIMBRA

Machado, R. Bernardo de Albuquerque (T.23767); Citália, L. da Sé Velha, 14 (T.232344); Prussiano e Matos, R. da Sofia, 11 (T.22147)

outros espetáculos

LISBOA/Teatros

MARIA MATOS
21.30 (13 anos)
«Legenda do Cidadão Miguel Lino»
A.B.C.
20.45 e 23.00 (18 anos)
«P'ra Trás Mija a Burra»
VASCO SANTANA
21.30 (13 anos)
«Trapos e Rendas»
MONUMENTAL
20.45 e 23.00
«Lisboa Acordou»
CAPITÓLIO
20.45 e 23.00
«Mostra-Me a Tua Piscina»
LAURA ALVES
21.45 (18 anos)
«As Escandalosas»

LISBOA/Cinemas

OLÍMPIA
14.00 (18 anos)
«E Vieram 4 Para Matar Santana»
PARIS
21.00 (18 anos)
«A Raça dos Senhores»
PROMOTORA
21.15 (18 anos)
«Onde E que Doi»
JARDIM
21.15 (18 anos)
«Mulheres Apaixonadas»
MOSCAVIDE
21.15 (18 anos)
«Casamento Perfeito»

LINHA DE CASCAIS

PARADE
Royal-Cine
21.15 (18 anos)
«Um Dezembro Quente»
ESTORIL
Casino
17.00 e 21.15 (13 anos)
«O Professor Erotomaniaco»

CASCAIS

Oxford
16.00 e 21.15 (13 anos)
«A Promessa em Leninegrado»
OUTRA BANDA
ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«A Raiva do Tigre»
ALMADA
Academia
21.15 (18 anos)
«Obsessões»
TRAFAR
Pavilhão Jardim
21.15 (13 anos)
«Ben e Charlie»

PORTO/Teatros

SA DA BANDEIRA
21.15 (6 anos)
«Magacarama»

PORTO/Cinemas

RIVOLI
21.15 (18 anos)
«Wang Yu, Rei do Karatê»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Viva la Muerte»
BATALHA
21.30 (14 anos)
«Os Caminhos da Liberdade»
O IMIA
21.15 (18 anos)
«Amor Livre»
COLISEU
21.15 (18 anos)
«A Iniciação»
JÚLIO DINIS
21.15 (6 anos)
«Mara a Rapariga da Selva»
VALE FORMOSO
21.30 (14 anos)
«Romeu e Julieta»

ESTÚDIO

21.15 (18 anos)
«Alguns Chamam-lhe Amor»
ESTÚDIO FOCO
21.15 (18 anos)
«Serpico»
TRINDADE
21.30 (18 anos)
«A Viagem Proibida»
ÁGUIA DE OURO
21.30 (13 anos)
«Os Dois Bombeiros»
S.JOÃO
21.30 (18 anos)
«Caca Perversa»

COIMBRA

AVENIDA
21.45 (18 anos)
«A Casa do Pecado»
SOUZA BASTOS
21.15 (18 anos)
«Selva, Mulheres e Macacos»
TIVOLI
21.15 (18 anos)
«As Irmãs»

BARS BOITES

NINA
Dancing com atrações. Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 364859/368197
YUKY STREAP-TEASE JAPONESA
CASINO ESTORIL
Jogo autorizado.

cinemas

ESTREIAS DE HOJE

NOS CINEMAS
ALVALADE
O SANTO PATRONO
S. JORGE
OS CONTOS DE CANTERBURY
APOLLO 70
BALBURDIA NO OESTE

BERNA

T. 776098 14.00, 16.30, 19, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
o filme de Norman Jewison
JESUS CRISTO
SUPERSTAR
33.ª Semana
O mais espectacular filme dos últimos 10 anos

APOLLO 70

T. 763319 Hoje estreia 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
BALBURDIA NO OESTE
As 14.00, 16.30, 19.00
A MAIS BELA NOITE
DA MINHA VIDA
O filme da meia-noite
Grupo D (18 anos)
O MÉDICO E O MONSTRO

ROXY

T. 48560 14.00, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
3.ª Semana
A FREIRA DE MONZA
Dos autos de um célebre julgamento religioso, uma história apaixonante

PATHE

T. 821933 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A LINGUAGEM DO AMOR
Aviso ao público: Este filme contém cenas eventualmente chocantes
O MAIS OUSADO FILME SUECO
SOBRE EDUCACAO SEXUAL

CINEBOLSO

T. 573407 14.30, 16.45, 19.00, 21.30
Não acons. a men. de 13 anos
FRANKENSTEIN JUNIOR
As 24.00 (18 anos) AS 1001



ALVALADE

T. 897480 Hoje estreia 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
O SANTO PATRONO
As 15.30 e 18.30
Para todos
O INDIO VALENTE

EDEN

T. 320769 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A BATALHA
DE NERETVA
A grande vitória das forças progressistas
com Yul Brynnes/ Orson Welles

TIVOLI

T. 570595 15.00, 18.00, 21.00
Não acons. a menores de 13 anos
O mais extraordinário filme de todos os tempos
A BIBLIA
70 m/m technicolor
Um filme de John Huston

IMPÉRIO

T. 555134 15.15, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
CLEÓPATRA
Elisabeth Taylor/Richard Burton
Atenção: a projecção do filme inicia-se logo após a abertura da sessão

CASINO ESTORIL

T. 264621 17.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
O PROFESSOR EROTOMANIACO
Comédia-Colorido

ROYAL

T. 665037 15.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
O JUSTICEIRO AMARELO

POLITEAMA

T. 326305 Hoje às 21.30 estreia
CIDADE EM FÚRIA
As 14.15, 16.30, 19.00
Não acons. a menores de 18 anos
FARFOLON

ROMA

T. 727778 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
EMMANUELLE
(Este filme contém cenas eventualmente chocantes 35.ª Semana)

VOX

T. 720808 15.15, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
O regresso choque de um grande realizador?
A VISITA MARAVILHOSA

CARLOS MANUEL

T. 2930394 21.15
Interdito a menores de 18 anos
A DOCE VIDA EM ROMA
Virna Lisi, Senta Berger, Nino Manfredi

SATÉLITE

T. 562632 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
SOU CURIOSA
2.ª Semana

MUNDIAL

T. 538743 15.15, 18.30, 21.30
Não acons. a menores de 13 anos
OK PATRÃO
Numa das mais rissonhas comédias do ano

D. JOÃO V

T. 971794 21.00
Não acons. a menores de 18 anos
TÉCNICA DE ENGATE
Comédia picante

CALEIDOSCÓPIO

T. 795093 14.00, 16.30, 19., 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
ONDE FICA A GUERRA?
7.ª Semana
A obra prima de JERRY LEWIS

CONDES

T. 322523 14.15, 16.30, 18.45, 21.45
Interdito a menores de 18 anos
O TRIO INFERNAL
Com Michel Piccoli/Romy Schneider
Este filme contém cenas eventualmente chocantes

ODEON

T. 326283 15.15, 18.15, 21.15
Interd. a menor. 18 anos
3.ª MÊS DA COMÉDIA BREJEIRA!
12.ª SEMANA DE SENSACAO
DECAMERON
PROIBIDO
com Eva Maria Glubmuller e Pupo de Lucas
ERAM 4 INSACIAVEIS... NA AUSÊNCIA DOS MARIDOS, O AMOR ANDAVA A SOLTA...

LONDRES

T. 801313 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
O TRIO INFERNAL
Com Michel Piccoli/ Romy Schneider
AVISO AO PÚBLICO
Este filme contém cenas eventualmente chocantes

S. JORGE

T. 54153/4 Hoje estreia 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
O 2.º filme do ciclo Pasolini
OS CONTOS DE CANTERBURY
As 15.15 e 18.15 - **DECAMERON**

AVIS

T. 47163 15.30, 21.15
ara todos M-6 anos
UM POR TODOS...
TODOS POR UM
com Les Charlots

CASTIL

T. 530194 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
CONTOS IMORAIS
Este filme contém cenas event. chocantes 3.ª Semana

CINEARTE

T. 660446 15.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
A PERVERSA
Com Ryan O'Neal e Leigh Taylor-Young

ESTÚDIO

T. 555135 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
CAMINHOS DO PRAZER
Este filme contém cenas event. chocantes 15.ª Semana

ESTÚDIO 444

T. 779095 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a men. de 18 anos
CONTOS IMORAIS
Este filme contém cenas event. chocantes

EUROPA

T. 661016 15.15, 21.10
Interdito a menores de 18 anos
CAMA COM MUSICA
7.ª Semana
Realização de John Hilbard

RESTELO

T. 610375 21.00
Não acons. a menores de 13 anos
ALTA TENSÃO EM NOVA YORK

MONUMENTAL

T. 555131 15.00, 18.15, 21.30
Grupo A - 6 anos
MÚSICA NO CORAÇÃO
c/Julie Andrews



RENASCENÇA GRÁFICA S.A.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO 185, 1.º 2.º E 4.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO E SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5 320271/2/3
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DÍBDA TELEF. 12343
LISBOA-PORTUGAL

REESTRUTURAÇÃO DA 5.ª DIVISÃO?

Parece confirmar-se a saída do coronel Varela Gomes da 5.ª Divisão do E.M.G.F.A. A efectivação de uma decisão, deve-se ao projecto de reestruturação elaborado pelo chefe do Estado-Maior do Exército general Carlos Fabião ou a uma posição tomada pelo superior daquele departamento militar, capitão-de-mar-e-guerra Ramiro Correia, conforme ontem assinou o capitão Vasco Lourenço a um dos nossos colegas?

Com a cessação de funções do chefe do Centro de Sociologia Militar de Lisboa, agora em férias, culmina uma etapa importante na vida da 5.ª Divisão do E.M.G.F.A., apressada pelo desagrado manifestado pelo general Carlos Fabião ao Presidente da República acerca da forma como têm sido orientados diversos sectores daquele departamento. Nesse sentido, o chefe do Estado-Maior do Exército tinha já preconizado uma completa reestruturação daquele organismo militar por forma a garantir toda a sua acção construtiva e salvaguardar a unidade e disciplina.

Entretanto, admite-se que as

últimas controvérsias a nível militar, num processo pleno de contradições, bem como as divergências existentes, levaram quem de direito e competência a tomar posição face a determinados aspectos e autorizar apenas os membros do Directório do Conselho da Revolução a conceder entrevistas aos órgãos de Informação nacionais e estrangeiros. É com esse objectivo que o E.M.G.F.A. tornou público o seguinte comunicado:

«Por determinação do Directório, apenas os membros do Directório e os chefes de Estado-Maior dos três ramos das Forças Armadas são autorizados a conceder entrevistas aos órgãos de comunicação social, nacionais e estrangeiros, sobre a vida política nacional. Esta determinação será objecto de directiva a emanar pelos respectivos chefes de Estado-Maior.»

Por outro lado, o Estado-Maior do Exército relembra aos órgãos de comunicação social que documentos militares com a classificação de «Reservado» não poderão ser objecto de publicação.

LISBOA SEM LEITE

Continuação da pág. 1

20 e tal mil litros de leite. Há três, passou para 17 mil. Há dois, para 11 mil. Este ano estamos a receber cerca de 8 mil litros».

«Chega?»

«Não chega. E não chega até porque a população aumentou.»

A situação dos produtores e os contingentes fixados para importação de leite parecem ser os principais — ou alguns dos principais — determinantes deste estado de coisas. O mais estranho, porém, é que este ano as condições para a produção do leite em Portugal têm sido a muitos títulos favoráveis — como nos informaram dois lavradores de Mafra.

AFFECTADOS SERVIÇOS HOSPITALARES E PRISÕES

No entanto, é nos hospitais civis da cidade que a escassez de leite mais se faz sentir. De harmonia com informações que nos deram esta manhã prestadas pela Direcção-Geral dos Hospitais, através dos seus recém-criados serviços de informação pública e relações, quer o Hospital de S. José e Santa Maria, quer os estabelecimentos hospitalares destinados à assistência infantil, como Hospital da Estefânia, ou, ainda, as maternidades Alfredo da Costa e Magalhães Coutinho, são serviços onde a falta do preciso líquido da vaca pode atingir proporções consideradas graves.

Creches e infantários oficiais e particulares, bem como os asilos de pessoas idosas, ressentem-se, igualmente do mesmo problema, que ninguém sabe como poderá ser solucionado de molde a que o abastecimento e distribuição desse líquido retome a normalidade.

Assinale-se, ainda, que a mesma insuficiência de reflecte nas cadeias de Lisboa, nomeadamente Monsanto e «Mónicas», assim como de Linho, onde alguns dos detidos, por carências várias ou razões de saúde tomam leite todos os dias.

Entretanto, a questão põe-se porque é pertinente: porque faltou o leite, não só no mercado habitual como nos serviços considerados mais elementares para que o abastecimento desse produto não fosse descurado?

Terão ido os agricultores, este ano, para férias mais cedo? Ou terá acontecido as cooperativas existentes resolverem encerrar as suas portas por dificuldades financeiras?

GRANDE MOVIMENTAÇÃO PARTIDÁRIA NO PAÍS

Uma manifestação do Partido Socialista e um comício do Partido Comunista são aguardados com uma certa expectativa para o fim da tarde e para o princípio da noite de hoje em Lisboa. A manifestação do P.S. deve começar com uma concentração no Rossio pelas 19 horas. Desconhece-se se à concentração se segue alguma marcha. As palavras de ordem que a Federação Urbana de Lisboa do P.S., promotora da iniciativa, tem distribuído profusamente pela cidade, dizem que um objectivo da manifestação é formular um público e colectivo protesto contra o V Governo Provisório e designadamente contra o primeiro-ministro Vasco Gonçalves. Mas as palavras de ordem atingem igualmente a 5.ª Divisão do EMGFA, à semelhança do que tem acontecido em recentes realizações idênticas.

Quanto ao comício do P.C.P., ele será assinalado pela presença de Álvaro Cunhal, que deve falar.

Os oradores, Cunhal e outros membros destacados do Partido falarão, da situação política actual. A sessão é no Pavilhão dos Desportos e tem início às 21 e 30.

Ainda o P.S.: manifestações também no Porto e em Portimão. No Porto, a manifestação começa com uma concentração na Praça Humberto Delgado à mesma hora em que se faz idêntica concentração no Rossio de Lisboa.

RESCALDO DE ÉVORA

Num comunicado ontem emitido, o P.C.P. pronuncia-se sobre o modo como os órgãos de comunicação social trataram os acontecimentos que se registaram anteontem em Évora: uma manifestação do P.S. de apoio ao chamado «documento dos Nove», na pessoa (aliás ausente) do brigadeiro Pezarat Correia, comandante da Região Militar do Sul, e outra do P.C.P., praticamente no mesmo local e à mesma hora, a favor da unidade das forças revolucionárias, do M.F.A. da aliança Povo-M.F.A. Diz o P.C.P. que os acontecimentos foram deturpados pela Emissora Nacional, RTP, «Diário de Notícias» e «O Século». Rectificação que o P.C.P. desde Évora propõe: a manifestação do P.C.P. não contou com «largas centenas de rurais», como em certos lugares se mandou para o ar ou escreveu. Segundo o P.C.P., foram cerca de 20 000 pessoas que se mani-

festaram, e não so rurais: estratos vários da população alentejana. Já a sessão que o P.S. promoveu, segundo o P.C.P., não terá tido mais de 500 participações, o P.C.P. insurge-se contra a igualdade de tratamento dado a duas manifestações que, segundo a sua versão, tiveram proporções muitíssimo distantes.

P S CONTRA P C P

Uma guerra surda de comunicados parece ter-se declarado entre o P.S. e o P.C. Outro comunicado a assinalar é o subscrito pela Federação Distrital do Porto do P.S., acusando o P.C.P. de contribuir para o «reforço da reacção». Particularmente visadas as cúpulas, o que é de anotar. Mas o comunicado visa igualmente o M.F.A. (sem referir se se trata de «cúpulas» ou não). O P.S. pretende «um M.F.A. apertado, garante da revolução socialista». Acusa-se o P.C.P. de «engravar até há bem pouco tempo o M.F.A. para o corromper», para o corromperem, as «cúpulas» do P.C.P. Estas, segundo o P.S., «tentam agora levar o povo contra o M.F.A., ainda com a esperança de o recuperarem depois de o desgastarem junto do povo e de eliminar os seus mais autênticos representantes».

Trata-se claramente de uma alusão à pouca (ou ainda menos do que pouca) receptividade que mereceu junto do P.C.P. o chamado «documento dos Nove». e, pode-se dizer, o tom é sintomático de que o P.S. considera que o P.C.P. está a perder (a interpretação é nossa). O documento é ainda uma subtil alusão aos acontecimentos que estão a ocorrer diariamente no norte do País, a propósito dos quais se tende a atribuir tanto ao M.F.A. como ao P.C.P. (a um e outro articuladamente) algumas (senão as principais) culpas por todo o processo de violência desencadeado. Mas o texto do P.S. que vem do Porto não é suficientemente claro nas suas alusões.

MÁRIO SOARES COM COSTA GOMES

Mário Soares, secretário-geral do P.S., foi ontem recebido no Palácio de Belém pelo presidente da República, general Costa Gomes. Não há qualquer indicação oficial dos assuntos que foram tratados no encontro, mas é mais do que provável que se falou da situação política actual e do comporta-

mento do P.S. Tendo corrido, como correu, que a manifestação que o P.S. tem marcada para hoje ao fim da tarde em Lisboa poderia vir a provocar incidentes de vária ordem, e natural que Mário Soares tenha ido a Belém assegurar ao Presidente da República que o seu partido tem seguras todas as garantias de que a manifestação decorrerá dentro de toda a ordem.

ORLANDO DE CARVALHO SAIU DO M D P / C D E

São «metodológicas» e não «ideológicas» os motivos por que Orlando de Carvalho abandonou o Movimento Democrático Português, diz o semanário «O Jornal» na sua edição antecipada de amanhã para hoje. Foi o próprio Orlando de Carvalho quem o disse (assim mesmo) ao jornal, e mais: o pedido de demissão foi formulado no dia 16 de Julho, em carta enviada à Comissão Central do Movimento. Até hoje, Orlando de Carvalho não teve resposta.

As razões, «metodológicas» que levaram este conhecido professor da Faculdade de Direito de Coimbra a demitir-se ligam-se ao desenvolvimento do partido a nível regional. Em todo caso, e apesar de ter abandonado, Orlando de Carvalho diz «O Jornal» que «faz questão de sublinhar que não quer prejudicar nem o movimento a que esteve vinculado nem a Revolução»: «Não abandoneias

minhas ideias e continuo ligado à C.D.E. pelo que ela chegou a representar para as massas de esquerda em Portugal» — esclarece.

UM MILHÃO DE DESCONTENTES

«Um milhão de descontentes em frente de S. Bento», eis uma sugestão (ou um pedido) feito pelo secretário-geral do P.P.D., Emídio Guerreiro, ontem, em Bragança, no decurso de um comício que terá reunido cerca de duas mil pessoas.

Emídio falava e disse, a certa altura que «O povo não está com o M.F.A.», para gritar a seguir «Abaixo o comunismo». A multidão fez coro.

A ideia de «um milhão em frente de S. Bento» parece agora correr muito por várias regiões do norte do País. A ela afectam-se não só o P.P.D. mas também, tanto quanto nos dizem, o C.D.S. e admitem-se mesmo que o P.S., que foi, aliás, a primeira organização a levar a cabo iniciativas que em tal ideia se enquadram. Não se trata, evidentemente, de nenhum plano desde já organizado, mas são claras as relações que a ideia em slogan tem com a campanha em que as referidas forças políticas estão empenhadas contra o V Governo Provisório em particular e, em geral, contra as inclinações mais centuadas do rumo que está a ter, de momento, o processo da revolução portuguesa.

MAIS UM CRIME DE PINOCHET

119 patriotas "desaparecidos" foram assassinados pela Junta

MOSCOVO, 14 (ANI) — A opinião pública mundial apercebeu-se que a ditadura de Pinochet cometeu um novo e sangrento crime: 119 patriotas chilenos que tinham aderido a diversos partidos da Unidade Popular foram torturados nas masmorras da Junta que negou durante mais de um ano a sua prisão, mantendo-os em campos de concentração onde eram torturados.

Mas, recentemente, as autoridades chilenas publicaram a lista dos 119 patriotas «desaparecidos».

Através da Imprensa de que detém inteiro controlo, a Junta chilena pretendeu que as pessoas mencionadas na lista, tinham sido mortas nas mais variadas circunstâncias na Argentina e noutros países da América Latina.

Mas assim que a mentira da Junta saiu do território chileno, logo o cinismo e a hipocrisia de Pinochet foram desmentidas com a força da convicção.

O jornal argentino «Opinion» disse, por seu lado, que, segundo os dados de que dispunha, todos os chilenos desaparecidos ou mortos nunca tinham deixado o seu país.

O jornal acusa o Governo fascista chileno de crime e exige que seja aberto um profundo inquérito sobre as circunstâncias da morte dos patriotas chilenos.

A demagogia e o cinismo

são os métodos preferidos do fascismo que tenta assim justificar os seus crimes.

É uma espécie de fachada verbal que esconde a política de terror e violência.

E o que explica a recusa de Pinochet em autorizar a entrada no país da delegação da Comissão da O.N.U. para os Direitos do Homem que queria investigar as prisões ilegais e os misteriosos desaparecimentos dos cidadãos chilenos. Mas ainda não houve ninguém que conseguisse esconder a verdade.

O mesmo acontece com a Junta.

O mundo inteiro sabe que depois de Setembro de 1973 dezenas de milhares de pessoas foram mortas no Chile.

Durante este período, mais de 150.000 chilenos foram presos e milhares de patriotas internados em campos de concentração continuam a ser dados como «desaparecidos».

Entre estes últimos figuram personalidades da Unidade Popular, como o comunista David Sylv Erman, director da mina de cobre em Chuquimata, e Hector Quevas, um dos dirigentes da Federação Nacional da Construção Civil. É por estas razões que se intensifica em todo o mundo uma voz cada vez mais forte que exige pôr cobro aos crimes e ao terror da junta de Pinochet.

"SEMPRE FIXE"

Por ser feriado amanhã, 15 de Agosto, estando encerrados todos os serviços da Renascença Gráfica, não se publica no sábado O «Fixe» reaparecerá na próxima semana com vasta documentação sobre o momento político português, reservando igualmente espaço aos acontecimentos de maior relevo nas antigas colónias e estrangeiro em geral.

Através do «DL», o «Sempre Fixe» chama a atenção dos seus leitores para aquela próxima edição, melhorada, com a qual se pretende, principalmente, oferecer ao público uma visão global das questões mais prementes da vida portuguesa.